

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, CULTURA E POLÍTICA
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA, CULTURA E NARRATIVAS**

VINÍCIUS TIVO SOARES

**O GUERREIRO EM BEOWULF:
ESTUDO DE UM POEMA ÉPICO NO SÉCULO XXI**

**MARINGÁ
2022**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

VINÍCIUS TIVO SOARES

**O GUERREIRO EM BEOWULF:
ESTUDO DE UM POEMA ÉPICO NO SÉCULO XXI**

**Maringá
2022**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

VINÍCIUS TIVO SOARES

**O GUERREIRO EM BEOWULF:
ESTUDO DE UM POEMA ÉPICO NO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História. Área de concentração: História, Cultura e Política. Linha de Pesquisa: História, Cultura e Narrativas.

Orientador: Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis

Maringá
2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S676g	<p>Soares, Vinicius Tivo</p> <p>O guerreiro em Beowulf : estudo de um poema épico no século XXI / Vinicius Tivo Soares. -- Maringá, PR, 2022. 153 f.color., figs., tabs., maps.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2022.</p> <p>1. Poema Épico. 2. Idade Média. 3. Beowulf. 4. Anglo-Saxões. 5. Povos Germânicos. I. Reis, Jaime Estevão dos, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.</p> <p>CDD 23.ed. 940.1</p>
-------	---

Vinicius Tivo Soares

**O guerreiro em Beowulf:
estudo de um poema épico no século XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr. Jaime Estevão dos Reis (UEM/PPH)
Orientador



Prof.^a. Dr.^a. Leila Rogrigues da Silva
Membro Convidado (UFRJ/RJ)



Prof.^a. Dr.^a. Ana Paula Tavares Magalhães Tacconi Membro
Convidado (USP-SP)



Prof.^a. Dr.^a. Clarice Zamorano Cortez (UEM/PLE) Membro
Corpo Docente

Maringá
2022

*Dedico esse trabalho aos meus pais, Edilberto e Ester,
à minha irmã, Amanda, e à minha namorada, Bianca.*

AGRADECIMENTOS

Desde março de 2020, o mundo passou por uma mudança radical por conta da pandemia. Se não fosse pela contribuição e pelo apoio de todos à minha volta, não seria capaz de realizar uma dissertação como essa desde que entrei no programa de Pós-Graduação em História, em maio de 2020.

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao meu orientador, Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis, por sempre oferecer os conselhos necessários – mesmo em momentos de erros bobos ou repetidos por quase 4 anos –, que me permitiram uma constante evolução pessoal e profissional no âmbito do Laboratório de Estudos Medievais, desde 2017; o constante apoio dele foi fundamental para meu crescimento.

Deixo aqui um agradecimento especial aos meus pais, Edilberto José Soares e Ester de Sousa Tivo Soares, pelo apoio incondicional às minhas escolhas, fornecendo os meios necessários para que eu pudesse alcançar meus sonhos. O amor de vocês foi fundamental para que eu continuasse a caminhada em momentos difíceis.

À minha irmã, Amanda Tivo Soares, por ser uma pessoa incrível e de constante inspiração em minha vida: seus conselhos, nossas conversas e nossos aprendizados ao longo da vida foram verdadeiramente fundamentais.

À minha namorada, Bianca Luiza Marçal Melchior, por ser uma companheira incrível, ao sempre me incentivar e estar presente nos momentos difíceis.

Às professoras Dra. Ana Paula Tavares Magalhães, Dra. Leila Rodrigues da Silva e Dra. Clarice Zamorano Cortez, por terem aceitado o convite de participar da banca de qualificação e por contribuírem na produção final da dissertação.

Aos colegas do Laboratório de Estudos Medievais, do Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Estadual de Maringá, e àqueles que me acompanharam na vida acadêmica desde que entrei na graduação em 2016.

Aos meus amigos e colegas fora do meio acadêmico: seu apoio e sua amizade foram fundamentais para meus momentos de paz e de tranquilidade.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa e, por consequência, por permitir a dedicação exclusiva à produção desta dissertação.

RESUMO

Esta dissertação busca analisar a representação do guerreiro no poema *Beowulf*, possivelmente composto por um autor anônimo durante o reinado de Ælfwald, rei da Ânglia Oriental entre os anos 713-750. Como foco central, analisaremos o cotidiano do guerreiro, verificando como a fonte poética retrata as relações sociais entre indivíduos de mesmo estrato e as hierarquias que existem entre eles; aprofundar-nos-emos, assim, no estudo sobre a *Economia de Doação*, que permeia todas as ações do universo marcial presente na Inglaterra anglo-saxônica do século VIII. Em específico, utilizaremos as análises desenvolvidas por Marcel Mauss (2017), a partir deste sistema de “Trocas Voluntárias-Obrigatórias”, para compreender como o guerreiro, na formação e ocupação de um espaço aristocrático, realiza – na maioria das vezes – ações de doação, de recepção e de retribuição que possuem uma importância muito mais representativa do seu *status* social do que do objeto doado propriamente dito; ações essas frequentemente observadas ao longo da narrativa do poema *Beowulf*. Entenderemos como a honra, o prestígio, o *mana* do chefe-guerreiro (ou rei) e a ideia de riqueza e de sucesso social se desenvolvem pela necessidade de reforçar a autoridade a partir de rituais que existem para, e muitas vezes exclusivamente (como a Liberalidade envolta dos Rituais de Doação), concretizar essa autoridade. Como base teórica para estudar a *Economia de Doação*, teremos autores como Andrew Cowell (2007) e Patrick Geary (1996). Faremos uso de quatro edições diferentes do poema: duas práticas, de Michael Alexander (1973) e de Ary Galvão (1992); e duas críticas, de Erick Ramalho (2012) e de Seamus Heaney (2019). Esse processo nos permitirá trazer maior clareza para certas problemáticas que poderiam ser perdidas com o processo de tradução do inglês anglo-saxão para o inglês e português modernos. Ademais, contaremos com um grande auxílio da historiografia especializada na formação dos reinos anglo-saxões, o impacto social advindo dos povos germânicos durante a Era da Migração, conhecida como *Völkerwanderung*, em especial as ocorridas durante os séculos IV-VII, e da Cultura Marcial, que busca explicar as ações dos guerreiros. A conjuntura desse estudo possibilitará entender o cotidiano do guerreiro anglo-saxônico em plenitude.

Palavras-chave: Idade Média; Povos Germânicos; Anglo-Saxões; Poema Épico; Beowulf.

ABSTRACT

This research seeks to analyze the image of the warrior in the poem *Beowulf*, possibly composed during the reign of Ælfwald, king of East Anglia between the years 713-750. Our central focus is going to be analyzing both the warrior's daily life, analyzing how the poetic source portrayed the social relations between members of the same stratum, as well as hierarchies that exist between them, to deepen our understating of the *Gift Culture Economy* that permeates all actions of the martial universe present in Anglo-Saxon England in the 8th century. Specifically, we will be able to use the analyzes made from this system of "*Voluntary-Mandatory Exchanges*" to understand how the warrior, in his formation and occupation of an aristocratic space that performs, in most cases, an action of donation, reception and retribution that has an importance much more representative of their social status than the object given itself, which is often seen in the *Beowulf* narrative. We aim to understand how honor, prestige, the *mana* of the warrior-chief (or king) and the idea of wealth and social success develop in the need to reinforce authority from rituals that exist for, and often exclusively, to concretize this authority. We will have as a theoretical basis to study the Donation Economy authors such as Marcel Mauss (2017) and Patrick Geary (1995). We're going to use four different editions of the poem, two *practical*, by Michael Alexander (1973) and Ary Galvão (1992); and two *critical*, by Erick Ramalho (2012) and Seamus Heaney (2019), which will allow us to bring greater clarity to certain issues that may be lost with the process of translating Anglo-Saxon English into English and Modern Portuguese. In addition, we're going to use specific historiography to comprehend the formation of the Anglo-Saxon kingdoms, the social impact from Germanic peoples during the Age of Migration, known as *Völkerwanderung*, emphasis on the IV to VIII centuries, and the Martial Culture that seeks to explain the actions of warriors. The conjuncture of this study will make sense of the Anglo-Saxon warrior's daily life in its fullness.

Keywords: Middle Ages; Germanic People; Anglo-Saxons; Epic Poetry; *Beowulf*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – A Geografia de Beowulf – Versão de Richard North (2006).....	44
Figura 2 – Esquema de Doação desenvolvido por Stephen Pollington (1996)	104

TABELAS

Tabela 1 – Diferenças entre uma tradução Crítica e uma tradução Prática	37
Tabela 2 – Localização temporal das teorias	66
Tabela 3 – Diferenças entre as traduções	71
Tabela 4 – Exemplo de formação militar durante um combate germânico	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I.....	14
BEOWULF: A LONGA JORNADA DO POEMA ÉPICO.....	14
1.1. O manuscrito e sua preservação	14
1.2. O gênero: poema épico	19
1.3. O Estado da Arte	23
1.4. As edições da fonte	33
CAPÍTULO II.....	41
BEOWULF: CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO.....	41
2.1. Identificando a geografia de <i>Beowulf</i>	41
2.2. A formação dos reinos anglo-saxões	62
2.3. A estrutura do poema: a tradução	70
CAPÍTULO III.....	76
BEOWULF E A SOCIEADE ANGLO-SAXÃ.....	76
3.1. A hierarquia social	76
3.2. O comportamento marcial: costumes germânicos e anglo-saxões	83
3.3. O universo do guerreiro: discurso de apresentação e descendência	87
3.3.1. Os equipamentos bélicos e os adornos	90
3.3.2. Os ritos sociais: os elogios e os banquetes com presentes	96
3.4. As motivações de um conflito.....	106
CAPÍTULO IV	112
A IDEALIZAÇÃO DO GUERREIRO EM BEOWULF	112
4.1. Habitus, Estrutura Estruturante e Economia de Doação: fundamentos teóricos.....	112
4.2. O Guerreiro em uma Economia de Doação.....	119
4.3. As escolhas esperadas em vida e em morte.....	128
CONCLUSÃO.....	138
REFERÊNCIAS	142
Fontes primárias	142
Fontes secundárias	142
Bibliografia.....	143
ANEXO	150
Infográfico do Comportamento Marcial da Sociedade Anglo-Saxônica do século VIII.....	150

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação objetivamos compreender por que a representação do estrato Guerreiro é descrita da forma que é exposta narrativamente no poema épico-histórico *Beowulf*. Para isso, relacionaremos o provável período de composição, possivelmente composto por um poeta anônimo, em algum momento do século VIII no reino da Ânglia Oriental, durante o reinado de Ælfwald (713-750), com as características apresentadas na narrativa. Daremos ênfase ao cotidiano e às práticas socioculturais do estrato marcial visíveis na narrativa poética relacionadas ao contexto histórico.

Iremos expor como o processo de formação dos reinos anglo-saxônicos, as narrativas poéticas revelam a cultura e o comportamento da aristocracia guerreira em formação na Inglaterra Anglo-Saxônica: seu passado germanizado, advindo das Migrações Germânicas, assim como as influências do Cristianismo. Assim, não acreditamos na simplicidade conceitual do estrato Guerreiro e suas ações bélicas: buscamos refletir acerca das relações entre os indivíduos, os objetos, os rituais, as práticas, as formas de convivência, tudo aquilo que está interligado ao cotidiano de um guerreiro e que permite a identificação de uma norma ou de um padrão comportamental na sociedade anglo-saxônica compreendendo o porquê ela é exposta da forma que aparece na poética. Entender, portanto, como o Guerreiro, durante o seu dia a dia, precisa tomar certas atitudes e o porquê delas serem necessárias para que seu status e poder sejam valorizados e reconhecidos entre seus pares.

Surgem, deste mesmo período, estruturas marciais que se desenvolvem sincronicamente ao movimento de ascensão do cristianismo romano advindo da missão Gregoriana de 596, liderada por Agostinho de Cantuária, em contrapartida ao comportamento militar germânico. Como resposta a esse cristianismo, diversos rituais do tipo do estrato social Aristocracia Guerreira foram mantidos e perpetuados desde o seu período inicial de formação: percebe-se, através do estudo e do questionamento das fontes, a existência de uma tentativa de retomada do comportamento social do passado como legitimação de poder político.

Olharemos, a partir de uma problematização da fonte, para as formas e representações presentes no poema *Beowulf* como uma possível idealização daquilo desejado pelos grupos aristocráticos marciais em ascensão do século VIII, dando ênfase ao topo social (como o príncipe e o rei-guerreiro) e os seus rituais.

Percebe-se, na Historiografia Anglo-Saxônica, um crescente interesse pelas fontes de tom narrativo desde que a História Cultural abriu espaços metodológicos e novas problemáticas que possibilitaram estudar o comportamento de um povo, ao avançar além das fontes oficiais, ou que possuíam a pretensão de relatar os eventos, como a *Crônica Anglo-Saxônica*. A partir das definições de Dean Miller (2000), podemos olhar para a narrativa poética de *Beowulf* e compreendê-la como uma poética épico-histórica, na qual o mítico está presente, mas eventos históricos são utilizados como cenário narrativo, o que permite problematizar o conteúdo.

A partir desta caracterização da fonte, daremos um foco específico no conteúdo em si: embora a narrativa poética possua informações míticas, como monstros e caracterizações físicas sobrenaturais, tal conteúdo era presente no cotidiano do grupo estudado, os anglo-saxões, e, em diversos casos, esperado pelos membros deste grupo. Circunscrita ao longo de todo o poema, a ideia de Honra e Lealdade, por exemplo, deve ser vista como algo presente e desejado no período de composição, além de reforçadora das estruturas de poder e de *status* da Aristocracia Guerreira.

No primeiro capítulo, abordaremos o estudo do manuscrito e toda a trajetória dele até os dias atuais. Inicialmente, identificaremos a história do manuscrito propriamente dito, desde as primeiras informações sobre sua existência até a digitalização pela *British Library*. Logo em seguida, exporemos algumas considerações sobre o gênero literário e porque acreditamos que a definição de poema épico-histórico nos permite problematizar o conteúdo para algo concreto a partir das análises teóricas propostas, resultando em diversas possibilidades de estudos que o poema apresenta durante a construção da historiografia *beowulfiana*.

Em seguida, apresentaremos o Estado da Arte atual do poema *Beowulf*. Realizaremos uma exposição dos primeiros e principais trabalhos desde a primeira tradução do poema em 1815 e elencaremos certas informações que foram mantidas e abandonadas ao longo do tempo. Ao expor tais informações, também demonstraremos como os estudos anglo-saxônicos – ou da Inglaterra Medieval como um todo – avançaram, os principais responsáveis por eles (na nossa visão) e o local do qual nossa análise historiográfica parte.

Ao final do capítulo I, apresentaremos a estrutura e as edições que utilizamos ao longo do nosso estudo. Com isso, demonstraremos a necessidade de se utilizar mais de um texto-tradução para que nenhuma informação seja perdida em decorrência de escolhas pessoais ou gramaticais do tradutor do poema.

No segundo capítulo, o objetivo central é realizar a contextualização histórico-cultural da narrativa do poema: o período de Migração Germânica do século IV ao VII, assim como o período de composição do manuscrito do poema, dando ênfase na necessidade de compreendê-los como eventos distintos, mas que se interligam em diversos aspectos culturais.

Partiremos do processo de migração dos povos germânicos para identificar como os anglos, os jutos, os saxões e os frísios moldaram o início da sociedade anglo-saxã, que se desenvolveu ao longo dos séculos IV ao VII. Paralelamente, destacaremos a importância de compreender a forma pela qual os reinos anglo-saxônicos se formaram, assim como o cristianismo modificou a sociedade e o seu real impacto no comportamento bélico, ao qual acreditamos não ter sido tão marcante até o final do século VIII devido à constante presença de conflitos sociais advindos de diferentes visões de mundo (germânica e cristã). Também apresentaremos uma parte dedicada a certas questões específicas do reino da Ânglia Oriental, pois atribuímos a composição do conteúdo do manuscrito ao reino e acreditamos que a apresentação de certas informações seja necessária.

Finalizaremos o segundo capítulo com a apresentação de um pequeno histórico do desenvolvimento da poética anglo-saxônica, as principais características e as origens monásticas dela, como a Escola de Kent e o seu impacto nos reinos vizinhos, para que o leitor compreenda a importância de atribuir uma possível localidade de composição para uma análise conteudista aprofundada. Acreditamos que, sem tal feito, informações generalizadas podem ser retiradas do poema, precarizando consideravelmente a análise.

No terceiro capítulo, focalizaremos nosso estudo no papel do guerreiro na sociedade. Com as informações apresentadas no segundo capítulo, acreditamos que compreender a formação teórica, aquilo que forma a índole do estrato bélico, permitirá que as características do guerreiro sejam analisadas. Denominamos de “universo cultural” do guerreiro tudo o que envolve a aparência física e os comportamentos do sujeito: os ritos sociais de apresentação, de descendência, de elogio e de banquete; os atos de presentear; os equipamentos bélicos; os adornos. Entenderemos, por fim, as motivações que levam os indivíduos à guerra.

Tais informações são necessárias para a exposição do quarto capítulo, pois, a partir de exemplos práticos retirados de eventos narrados do poema e de uma conversa com outras fontes do mesmo período, apresentaremos as bases históricas

para que o leitor seja capaz de compreender como todas as relações sociais do guerreiro, em especial aquelas ligadas ao estrato aristocrático de poder da Inglaterra Anglo-Saxônica, são circunscritas em uma *Economia de Doação*.

Portanto, no quarto capítulo, finalizaremos o nosso estudo sobre o guerreiro na Inglaterra Anglo-Saxônica a partir do poema *Beowulf*, ao englobar os elementos da *Economia de Doação* e como ela pode ser vista como uma diretriz comportamental. Olharemos para a representação do guerreiro em seus aspectos teóricos, buscando entender como a relação entre pares é afetada cotidianamente e como os rituais são meios para a sociedade fluir em sua representação. Para isso, analisaremos a idealização de Beowulf (desta vez o personagem príncipe e guerreiro *Geat* no poema homônimo), a partir das características, dos atos e dos comportamentos da personagem, elementos que são identificados em seu aspecto de idealização e somados à intenção pedagógica para a sociedade. Nesse contexto, observaremos como objetos físicos, como a Espada e o Salão Real, ou ações pessoais, como a arrogância e a generosidade, afetam a forma que o indivíduo é visto pelos pares.

Com isto, olharemos para o último feito de Beowulf em vida: a luta contra o dragão e o aspecto exemplar advindo da narração. Buscaremos demonstrar que não se trata apenas da luta corpórea, mas sim do momento máximo da sorte do *mana* do guerreiro. A morte, após a eliminação do dragão, também será analisada como um prelúdio do fim do povo *Geat*, profetizado por Wiglaf, mas que representa como o sucesso do povo era reflexo do príncipe *Geat* e como morte dele também é a morte da tribo.

Concluiremos a dissertação demonstrando como *Beowulf*, um poema épico anglo-saxônico possivelmente composto no século VIII, ainda pode ser estudado no século XXI para compreender o estrato guerreiro da sociedade marcial existente durante o período de sua composição, relacionando as suas informações com a *Economia de Doação* e com o passado germânico implícito nas relações da sociedade anglo-saxônica do século VIII.

CAPÍTULO I

BEOWULF: A LONGA JORNADA DO POEMA ÉPICO

1.1. O manuscrito e sua preservação

O poema *Beowulf* é, de acordo com os estudiosos, uma das fontes históricas mais estudadas da literatura anglo-saxônica, desde a primeira tradução ao latim, em 1815, realizada por Grímur Jónsson Thorkelin. Neste sentido, uma reflexão inicial acerca da historiografia *beowulfiana*¹ nos parece apropriada. Começamos com um resgate da trajetória do manuscrito *Cotton Viellius A.XV*, no qual *Beowulf* está inserido.

A organização dos *fólios* deste manuscrito foi modificada com o tempo desde sua primeira aparição, em meados do século XVI. Inicialmente, eram separados em dois grupos: os *fólios* 1 até 90 pertenciam ao *Southwick Codex*, e os restantes, 91 até 206, são de origem desconhecida. A compilação inicial do poema *Beowulf*, juntamente com outros cinco manuscritos, é atribuída a Lawrence Nowell (c. 1515 – c. 1571), o que tornou comum a denominação da segunda parte de *Nowell Codex*.

Lawrence Nowell era um estudioso da língua anglo-saxã² e foi responsável pela primeira organização de um *Dicionário de Inglês Anglo-Saxão*, embora nunca publicado, chamado *Vocabularium Saxonicum* (MARCKWARDT, 1948). Não se tem o conhecimento, entretanto, de como o manuscrito foi parar nas mãos dele. Por ter sido um ávido colecionador, provavelmente o comprou de algum mosteiro ou biblioteca. É possível que tentara estudar o manuscrito, haja vista a existência de uma rasura na primeira página (*fólio* 132r no *Cotton Vitellius*³), sobre o termo *egsode*, “a palavra *feared* (“aterrorizado” no inglês do século XVI)” (MITCHELL & ROBINSON, 1998, p. 4, apud MEDEIROS, 2006, p. 18), em uma possível tentativa de traduzi-lo.

Os outros manuscritos incluídos no *Nowell Codex*, em ordem de posicionamento, são: *The Passion of St. Christopher*, *The Wonders of the East*, *The Letter of Alexander to Aristotle*, *Beowulf* e *Judith*. Os três primeiros estão escritos em

¹ O termo foi usado por J. R. R. Tolkien (1936) para descrever a onda de produções e estudos do poema *Beowulf*, devido à grande gama de temáticas e visões sobre ele.

² A discussão sobre os termos relativos ao desenvolvimento da língua inglesa, chamando-a de inglês antigo/arcaico ou de inglês anglo-saxão refere-se a diferentes visões do desenvolvimento da Inglaterra e à relação entre os acontecimentos antes e depois da Batalha de Hastings em 1066 (SANDERS, 2005). Essa definição iniciou-se no fim do século XIX e firmou-se ao longo do século XX.

³ Disponível em http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=cotton_ms_vitellius_a_xv_f132r

prosa, possivelmente produtos do mesmo escriba da primeira parte de *Beowulf*; já os dois últimos possuem a caligrafia do segundo escriba, responsável pela finalização do poema.

No século XVII, os manuscritos foram comprados por Sir. Robert Cotton (1570-1631)⁴, que os reorganizou na forma como estão preservados até os dias atuais. A compilação recebeu o título de *Cotton MS Vitellius A XV*, devido à organização das estantes em que o colecionador guardava seus manuscritos históricos, os quais recebiam nomes de senadores romanos.

Em relação à trajetória de preservação do manuscrito, pouco se sabe de sua jornada⁵ até a compra por Robert Cotton, cuja família o manteve por várias gerações, até 1702, quando foi doado por Sir. John Cotton ao poder público. A doação motivou a criação do *British Museum* em 1753 e o manuscrito foi alocado na *Foundation Collection* da *British Library*, criada em 1972. No entanto, na época da doação, um edifício capaz de proteger os manuscritos doados pela família Cotton não existia, o que resultou na frequente transferência dos documentos. Entre os anos de 1703 até 1722, permaneceram em um quarto provisório na *Cotton House*. Logo em seguida, foram transferidos para a *Essex House*⁶, onde foram mantidos por sete anos.

Nesta época, Humfrey Wamler, responsável pelo local faz um alerta acerca da possível deterioração dos documentos: “[eles] sofrerão com a grande falta de preservação e irão deteriorar-se completamente caso não [devidamente] cuidados⁷” (BODLEIAN MS Add. D. 82, fol III *apud* KIERMAN, 1997, p. 67, tradução nossa). A compilação, neste momento já conhecida pelo seu nome atual, *Cotton Vitellius A. XV*⁸, foi transferida para a *Ashburnham House*.

⁴ Sir Robert Cotton era membro do parlamento britânico, assim como um ávido colecionador de relíquias. Sua coleção era a maior de todo o Império Britânico, passando até mesmo as bibliotecas da *Royal Library* – a biblioteca oficial da realeza britânica. Sua coleção chegou a ser considerada uma ameaça pela grande diversidade, a ponto de ser obrigado a fechar para visitas em 1629 a mando dos partidários de Carlos I durante a Guerra Civil Inglesa – um dos eventos da Revolução Inglesa.

⁵ Devido à falta de informações, acredita-se que o manuscrito ficou abandonado em algum monastério após a conquista de 1066 de Guilherme, o Conquistador, e durante a Reforma Protestante. Em algum momento do século XV-XVII, alguém tentou realizar a leitura do manuscrito Nowell, pois termos do início do inglês moderno (*Early modern english*) estão rasurados nas páginas do documento *The Wonders of the East*. A história de sua tratativa, no entanto, só é registrada a partir da compra pela família Cotton (HEANEY; DONOGHEY, 2019, p. 88).

⁶ A *Essex House* era uma das principais casas da *The Strand*, rua que corta a cidade Londres. Datada de 1575 para Robert Dudley, tornou-se um centro de luxo e de poder para todos que passavam pela região. Devido ao seu tamanho e à sua influência, a família aceitou abrigar os manuscritos provisoriamente.

⁷ “which have already suffered great hurt, & and will be utterly spoiled if care be not taken of them” (BODLEIAN MS Add. D. 82, fol III *apud* KIERMAN, 1997, p. 67).

⁸ O encadernado ficava na primeira prateleira (A), na posição décima quinta (XV), por isso o nome.

A transferência, porém, foi desastrosa: em 1731, um incêndio destruiu completamente o edifício e diversos manuscritos, como o *Cotton Vitellius A. XV*, só sobreviveram por terem sido jogados pela janela (KIERMAN, 1993, p. 68). O incêndio foi a prova final das adversidades às quais o manuscrito foi submetido. O fogo danificou as bordas do manuscrito e a parte posterior dele; pode-se observar que as últimas folhas ficaram progressivamente mais escuras. Os *fólios* foram mantidos na encadernação original até meados do século XIX, quando os livros pertencentes a Robert Cotton passaram por um processo de restauração e reparação (KIERMAN, 1997, p. 68).

Segundo Sam Newton (1993), a motivação para reunir os manuscritos pode ter ocorrido pela constatação de que todos fazem menção a alguns tipos de monstros, de entidades sobrenaturais e de temáticas dualísticas da moral, como as noções do Bem e do Mal; a existência de uma constante dualidade, como o conflito entre um herói e um vilão (NEWTON, 1993, p. 3-5). Ademais, as temáticas em comum também podem ter sido uma das questões fundamentais para a organização da compilação. Elton Medeiros (2006) destaca os elementos linguísticos e temáticos dos manuscritos da coleção:

[...] a posição original dos textos de *São Cristóvão e Judite* tem sido debatida, sendo levantada a hipótese de que devido a elementos linguísticos, *Judite* originalmente precedia a *Paixão de São Cristóvão*. Levando isso em consideração, poderíamos observar que ao alternar a ordem dos textos no manuscrito, teríamos o mesmo dividido em textos cristão (*Judite*, *São Cristóvão*), que estariam lidando com o passado do Velho Testamento e o período de conversão, com textos de um passado pré-cristão (*Maravilhas do Oriente*, *Carta de Alexandre*) e um texto Cristão (*Beowulf*) (MEDEIROS, 2006, p. 19-20)

Além da importância desta divisão cronológica, a presença de monstros também seria um dos principais motivos para a compilação dos manuscritos. Discordamos, na presente dissertação, da conclusão do pesquisador que afirma que *Beowulf* pode ser definido como um texto cristão. Todos os manuscritos apresentam, de uma forma ou de outra, criaturas míticas ou representações do sobrenatural como uma das principais ameaças na narrativa (SISAM, 1962, p. 66 apud NEWTON, 1993, p. 5).

Esta constatação nos permite afirmar que a compilação do *Cotton Vitellius A XV* representa um profundo interesse do século X-XI pelo sobrenatural. Os motivos podem ser diversos e admitem uma possibilidade: a retomada de tais temáticas pode

ter advindo da necessidade de afirmação do poder político de um guerreiro aristocrata, semelhante à época de fundação das sociedades anglo-saxônicas, como um rei ou um príncipe, seguindo as morais e as éticas do *status*, a partir de mitos, de histórias e de conflitos do passado heroico da sociedade, auxiliados por uma possível retomada de um paganismo germânico⁹ ou de uma cultura mista, além da expansão da cultura literária como poder político. Discutiremos estas temáticas nos próximos capítulos.

Quando refletimos sobre Beowulf, devemos, portanto, levar em consideração o que afirma Jorge Luís Borges: o autor do poema no período de sua composição, a qual atribuímos ao século VIII, “[...] não podia, guardado o decoro da época, falar elogiosamente dos deuses pagãos [...] tampouco podia falar, em seu intento, de Cristo ou da virgem” (BORGES, 2006, p. 14). Além disso, o manuscrito também pode ser uma cópia de um manuscrito original perdido. Kevin Kierman (1997), mesmo contrário a essa teoria, argumenta que possibilidade não pode ser negada em completude. De acordo com o autor, o século X-XI é formado de uma sociedade pós-Viking e uma retomada do paganismo com a Segunda Onda Nórdica, o que permitiria tal composição.

O manuscrito foi, com isso, preservado por mais de um milênio desde sua transcrição manual em algum momento do século X-XI. O texto foi escrito por dois monges anglo-saxões, que apresentam diferenças na caligrafia e no uso de certos termos do inglês anglo-saxônico. O primeiro, responsável pelos versos 1-1939¹⁰, segundo a tradução de Erick Ramalho (2012), escreve com uma caligrafia semelhante àquela de manuscritos do início do século XI; já o segundo, responsável pelos versos 1939-3182, escreve com um estilo mais tradicional, semelhante à escrita de meados do século X.

Manuscritos escritos com diferentes caligrafias e normas gramaticais de períodos completamente diferentes não são algo inusitado para o momento. Ao lidar com o século VIII, lida-se com um período de constante mudança no comportamento social e na forma de se registrar o passado. Outras fontes (como as diferentes versões da

⁹ Destacamos que utilizamos do termo *paganismo* germânico como algo genérico as práticas religiosas das tribos germânicas do período estudado. Fazemos esse uso, quando necessário, pela importância e influência do Cristianismo após a Missão Gregoriana (596) das Invasões Vikings (a partir do final do século VIII), que modificou profundamente o comportamento do guerreiro.

¹⁰ Em relação à divisão baseada no manuscrito original, trata-se do verso 1929, fólio 175v, na palavra *most[e]* – com a letra *e* finalizada pelo segundo escriba. Devido à necessidade de constante referência a trechos do poema, todas as citações *diretas* na presente dissertação serão feitas baseadas na numeração de Erick Ramalho (2012), exceto quando destacado.

*Crônica Anglo-saxã*¹¹), outros manuscritos que retratavam histórias (como o próprio *Beowulf* e o *Fragmento de Finnburh*) ou até algumas cartas (como as escritas por Alcuíno) possuem, dependendo da datação, uma construção gramatical diferente. Para além disso, a produção do manuscrito não implica necessariamente na composição simultânea de sua narrativa, como veremos mais à frente.

Destacamos que a época de elaboração da narrativa é uma das questões mais debatidas nos estudos beowulfianos. Há fortes divergências entre os críticos que estudam o poema (GREENFIELD; CALDER, 1986, p. 136). É possível, entretanto, agrupá-las em três categorias diferentes, mas que se complementam em vários momentos e em diversos níveis de explicações sobre a origem do poema.

Na primeira, as teorias que explicam o contexto no qual a narrativa foi escrita; na segunda, as teorias que, com o apoio de disciplinas auxiliares, como a gramática, a filologia e até mesmo a química, procuram estabelecer o período no qual o manuscrito existente hoje foi escrito; na terceira categoria, as teorias consideram tanto o conteúdo quanto a escrita do manuscrito.

Colin R. Chase organizou, entre os anos de 1978-1981, conferências na Universidade de Toronto que resultaram no livro *Dating of Beowulf*, publicado pela primeira vez no final de 1981. A obra se tornou representante das inúmeras possibilidades de estudos e de explicações que o poema podia gerar, especialmente com os avanços teóricos-metodológicos da História e de ciências auxiliares. Com cerca de 20 autores das mais diversas áreas, as informações destacam a necessidade de olhar para além das informações descritas no poema: deve-se estudar os possíveis contextos históricos que permitiram a origem dele, o que permite expandir a compreensão do conteúdo presente na narrativa.

Assim, além de compreender a sua preservação, torna-se necessário definir, para um aprofundamento dos estudos, uma provável origem geográfica do poema somada a uma, igualmente provável, época de composição. Tais escolhas implicam em uma clara necessidade de escolher uma teoria de escrita para compreender o significado das informações do poema. Afinal, uma das principais diferenças entre os estudiosos do poema envolve o contexto em que o poema teria sido produzido.

¹¹ Se olharmos para a Crônica Anglo-Saxônica, uma das principais fontes do estudos anglo-saxônicos, a existência de 9 manuscritos, denominados "A, B, C, D, E, F, G ou A², H e I", com informações e registros diferentes, demonstra essa constante diferença entre dialetos, grafias e formas de registros do período.

Reiteramos, portanto, que utilizar uma teoria de composição para explicar o conteúdo se trata de uma das principais bases do nosso estudo. Discordamos da análise de Kierman (1997) e utilizaremos a explicação de Sam Newton (1993) como um dos pilares argumentativos para o contexto histórico e geográfico da composição do poema. Atribuímos um significado específico à narrativa e ao seu conteúdo, colocando-a como uma composição resultante do século VIII, no reino da Ânglia Oriental, com o manuscrito existente sendo apenas uma cópia do final do século X ou início do XI.

1.2. O gênero: poema épico

No presente item, traremos um olhar focado no aspecto literário da narrativa, definições necessárias para seu estudo, demonstrando a problemática levantada pela historiografia beowulfiana e como o gênero literário atribuído ao texto estudado pode alterar a forma de compreensão da narrativa. Para isso, é necessário retornar para o conceito central do que é um poema épico e como a discussão se desenvolveu ao longo dos séculos.

A definição do poema épico, estabelecida em meados do século XIX, tem sua origem nas narrativas gregas e romanas e configura-se, “(...) em termos gerais, como uma composição poética longa composta em hexâmetros e derivada de material mitológico” (HARRISON, 2002, p. 87 apud RAMALHO, 2012, p. xiv). Assim, as primeiras análises *beowulfianas* o encararam como tal, mesmo com uma construção literária diferente, mas próxima o suficiente para enquadrá-lo num arquétipo de “poema épico”. Da mesma forma que os poemas gregos e romanos possuíam fórmulas orais e epítetos, o mesmo pode ser dito acerca da narrativa de *Beowulf*, além da presença de material mitológico, parte fundamental da narrativa épica.

Assim, o estudo do gênero literário do poema *Beowulf* abre todo um universo de questionamentos e de justificativas. A definição do gênero literário de *Beowulf* tem sido motivo de debate entre os especialistas, tendo em vista que ao defini-lo apenas como um *poema* – ao analisarmos o conteúdo, as problemáticas e a estrutura dele – corre-se o risco de se valer de explicações simplistas.

De acordo Seamus Heaney e Daniel Donoghue (2019),

[...] ao longo dos anos ele foi atribuído ao gênero épico, narrativa heroica ou folclore, incorporando uma variedade de formas poéticas como hino, elegia, vanglória heroica e de trechos de conhecimento popular conhecidos como poesia gnômica¹² (HEANEY; DONOGHEY, 2019, p. x, tradução nossa)

A necessidade de tal especificidade não advém apenas de uma imposição dos letrólogos¹³ ou pesquisadores da História da Literatura, pois possui importantes implicações na atribuição do período em que uma tipologia específica poderia ter sido produzida. Ao apresentar um personagem cujas características são perfeitamente consistentes, mesmo que idealizadas ao máximo nas poesias, com o herói germânico (POLLINGTON, 1996, p. 22), surge um padrão e um molde que se tornam necessários para ser um bom rei ou para, simplesmente, pertencer ao grupo aristocrático. Além disso, o significado atribuído ao conteúdo da narrativa também pode sofrer mudanças caso seus aspectos míticos, como os monstros e características sobrenaturais, fossem considerados apenas como uma característica fictícia de uma narrativa heroica.

Os estudos acerca de Beowulf ganharam impulso a partir dos estudos de J. R. R. Tolkien, publicados em 1936. Uma de suas principais contribuições foi problematizar a definição de *Beowulf* como um poema épico: o correto seria, na opinião do pesquisador, uma elegia heroica. Para ele, caracterizar o poema como um épico, semelhante aos escritos gregos, não corresponde à realidade poética presente na narrativa. Tolkien o descreve como um “poema heroico-elegíaco; [...] suas 3136 linhas iniciais são um prelúdio para um canto fúnebre: *him pa gegiredan Geata leode ad ofer eordan unwaclīcn*¹⁴, um dos mais tocantes já escritos¹⁵” (TOLKIEN, 1936, p. 136, tradução nossa).

Acreditamos, porém, que a discussão levantada pelo autor descrevia mais uma necessidade contemporânea dos críticos em compreender a dificuldade de se analisar o âmago do manuscrito, em especial, o aspecto escatológico do povo *Geat* presente na narrativa, assim como a própria estrutura poética do poema. A categorização do manuscrito como uma *elegia heroica* resulta, na nossa visão, em uma narrativa

¹² “Over the years it has been assigned to the genres epic, heroic narrative, and folk-tale, and it incorporates a variety of other poetic forms such as creation hymn, elegy, heroic boast, and nuggets of traditional wisdom known as gnomic verse” (HEANEY; DONOGHEY, 2019, p. x).

¹³ Acreditamos que o conceito de linguista não seja suficiente para explicar a ideia exposta aqui. Portanto, *letrólogo*, uma pessoa formada em Letras, seja amplo o suficiente e demonstre um indivíduo que possui uma visão diferente sobre o poema, seja ele linguista, tradutor, editor, etnólogo, entre outros).

¹⁴ “O povo *Geatish* então preparou uma magnífica pira fúnebre no chão” (versos 3137-38).

¹⁵ “It is an heroic-elegiac poem; its first 3,136 lines are the prelude to a dirge: *him pa gegiredan Geata leode ad ofer eordan unwaclīcn*, one of the most moving ever written” (TOLKIEN, 1936, p. 136).

limitada tendo em vista os novos questionamentos levantados sobre a fonte desde a publicação do artigo de Tolkien. Apesar de fundamental no período de publicação, a crítica do escritor britânico está localizada temporalmente: o autor identificou um problema na definição apresentada pelos estudos do poema, mas sua “resposta” tem sido questionada pelos estudiosos contemporâneos.

Dean A. Miller (2000), mitólogo e historiador, apresenta uma definição ampla do conceito de poesia épica, ao permitir que o uso do conceito seja aplicado de modo genérico, desde que o ritmo poético e o conteúdo sejam bem explicados. Um exemplo vital é encontrado em um arquétipo de conteúdo presente em quase todas as épicas e envolve:

[...] o protagonista [ser] indubitavelmente humano, embora quase sempre investido de características e poderes sobre-humanos. Uma percepção paralela coloca a ação heroica descrita na canção dentro de algum contexto histórico identificável: um quadro de eventos reais (leia-se: possíveis, compreensíveis) descritos como ocorrendo em um segmento da história humana. O quadro histórico pode não ser consistente ou mesmo coerente – pode incluir refrações mistas de uma realidade passada – mas a suposição subjacente é que representa uma essencialidade humana, não extra-humana¹⁶ (MILLER, 2000, p. 32, tradução nossa).

O autor classifica a poética épica em três grupos que possuem características específicas: o *épico xamanista*; o *épico mítico-histórico*; o *épico histórico*. É este último que aplicamos no manuscrito, pois a “caracterização histórica parece, de alguma forma, fazer referência às estruturas narrativas descritas, ou pelo menos, usando, como modelo, atores reais e humanos e suas ações¹⁷” (MILLER, 2000, p. 34, tradução nossa). Observamos, portanto, dois contextos específicos: os eventos presentes no poema, ocorridos durante os séculos V-VI, como modelo de composição poética; o século VIII, na Ânglia Oriental, para extrair um significado real do conteúdo do poema.

A narrativa é marcada pela valorização dos grandes feitos e pelos personagens heroicos, o que apresenta uma natureza pedagógica para os membros da aristocracia

¹⁶ “[...] the protagonist is indubitably human, though almost always invested with oversized and probably superhuman characteristics and powers. A parallel perception places the heroic action described in the song within some identifiably historical context: a frame of actual (read: possible, understandable) events depicted as occurring in a segment of human history. The historical frame may not be consistent or even coherent—it may include mixed refractions of a past reality—but the underlying assumption is that it represents a human, not an extrahuman, essentiality” (MILLER, 2000, p. 32).

¹⁷ “[...] historical label seems to refer in some way to a narrative structure describing, or at least using as a model, real and human actors and their actions” (MILLER, 2000, p. 34).

anglo-saxã. É expressivo que definição de *poesia épica histórica*¹⁸ seja aplicável para o poema *Beowulf* ao analisarmos o contexto histórico no corpo do texto. Dean A. Miller (2000) defende que, ao se tratar de povos com origem nas tribos germânicas, o uso do passado histórico com o intuito de justificar uma função ou uma ação prática na contemporaneidade é comum. O cenário principal das épicas germânicas são os últimos estágios da *Völkerwanderung*¹⁹, por volta dos séculos IV e VI (MILLER, 2000, p. 36). Neste contexto, figuras históricas como Átila, Teodorico, Clóvis e Hygelac (na figura de *Chlochilaicus*) assumem uma áurea mítica e se tornam exemplos práticos para aqueles que escutam as histórias, o que molda e reforça comportamentos marciais.

No momento em que as histórias desses indivíduos eram contadas – ou até mesmo cantadas pelos *scops* nos salões reais ou em festas comemorativas, como exposto ao longo da narrativa poética –, criava-se um exemplo prático de um comportamento esperado por aqueles pertencentes à aristocracia. Expor figuras que já haviam alcançado grande poder e influência em uma sociedade belicosa como a germânica demonstrava um dos requerimentos para legitimar o poder aristocrático: a existência de um passado grandioso e legitimador, seja de si, ou de seus parentes.

Na obra *Historia Francorum*, de Gregório de Tours, que embora não seja um poema e sim um texto composto por diversas narrativas moralizantes diferentes, permite compreender como essa moral era transcrita pelos monges copistas em um outro exemplo histórico relativamente contemporâneo ao do conteúdo do poema. Clóvis, o rei Merovíngio do final do século V, é definido como um monarca que apresenta características fundamentais de um guerreiro germânico, como lealdade e bravura, além de ter sido batizado e cristianizado. Em vários trechos, os feitos do monarca são retratados da mesma forma narrativa que um poema épico, como o episódio da compra de lealdade. Ao conseguir comprar a lealdade de guerreiros²⁰ que serviam ao rei

¹⁸ Como demonstra Erick Ramalho, “(...) desde que não se oblitere nessa comparação [com épicos gregos e romanos] sua técnica germânica de composição feita em um cuidadoso tecido artístico anglo-saxônico” (RAMALHO, 2012, p. xiv), a definição de *poema épico* é propícia para o poema. Para a presente dissertação, estamos justamente interessados no tecido artístico anglo-saxônico e na representação idealizada do guerreiro na narrativa poética.

¹⁹ Mencionamos o termo *Völkerwanderung* por se tratar de um dos primeiros conceitos desenvolvidos pela crescente historiografia germânica do século XX. Diversas variações da tradução são possíveis, mas focaremos na mais comum: Era das Migrações Germânicas. Trata-se do momento em que as tribos germânicas (antigas indo-europeias) migraram para o oeste, ocupando e colonizando regiões da atual Europa Ocidental.

²⁰ Do original, *leudes*: nobles que juraram lealdade ao rei e serviam, em certos momentos, como sua guarda real.

Ragnachar, Clóvis, depois de vencer a batalha, retorna aos soldados que haviam vendido seu senhor e revela que o ouro pago a eles era falso:

Quando eles foram reclamar para Clóvis, é dito que ele lhes respondeu: “Esse é o tipo de ouro que um homem que deliberadamente atrai seu senhor para a morte deve ganhar”. Ele completou dizendo que eles eram sortudos por terem escapado com vida ao invés de pagarem pela morte de seus reis ao serem torturados até a morte²¹ (TOURS, 1976, p. 193, tradução nossa).

Assim, suas informações idealizadas, seus conflitos narrados e historicamente localizados, ou compostos durante o período anglo-saxão, refletem, em seus personagens e comportamentos, ações esperadas pela sociedade guerreira do momento. Ao realizar uma problematização das informações, o *poema épico-histórico* torna-se uma fonte fundamental para se perceber uma realidade de mundo específica, na qual o tempo cronológico se rompe e a necessidade de uma característica idealizada aparece na narrativa como uma expressão das estruturas de poder e de comportamentos adaptados às necessidades e ao contexto, mas que possuem uma base muito mais antiga do que seu período de existência.

1.3. O Estado da Arte

Refletir sobre o *Estado da Arte*²² do poema torna-se necessário para uma atualização temática de pesquisa. Apresentaremos, neste item, um breve histórico dos principais estudos e das mudanças teóricas, das rupturas ou das inovações, desde a sua primeira tradução em 1815, por Grímur J. Thorkelin²³. Tais perspectivas são decorrentes do desenvolvimento metodológico do estudo da História como Ciência Humana, da percepção que nós, historiadores, temos sobre o significado e as práticas

²¹ “When they complained to Clovis, he is said to have answered: ‘This is the sort of gold hich a man can expect when he deliberately lures his lord to death.’ He added that they were lucky to have escaped with their lives instead of paying for the betrayal of their rulers by being tortured to death” (BEDA, 1999, p. 193).

²² O conceito faz referência ao momento ou jornada de um tópico/assunto na academia, expondo os principais processos, desenvolvimentos teóricos, abandonos e críticas.

²³ Thorkelin foi professor de Antiguidades de Copenhagen e Arquivista Nacional da Dinamarca. É frequentemente lembrado por ter realizado a primeira tradução do manuscrito *Beowulf* e por ter feito duas transcrições manuais do conteúdo do poema. Tais transcrições são de extrema importância para a tradução moderna do manuscrito, já que a Ashburnham House, local onde diversas fontes históricas eram guardadas, pegou fogo em 1731, o que danificou o manuscrito original.

de pesquisa de nossa área, e da própria formação que temos ao longo da vida acadêmica.

Recuperaremos, dessa forma, a trajetória da historiografia especializada, começando com o desenvolvimento inicial dos estudos germânicos e anglo-saxônicos sincrônicos com o pensamento nacionalista do século XVIII, e as mudanças político-sociais do XIX, que levaram a um aprofundamento das análises e da trajetória delas no século XX e XXI.

O século XVIII marca, efetivamente, o início da produção historiográfica na Inglaterra, centrada na valorização do povo e da cultura. O filósofo e historiador escocês David Hume, representante do iluminismo na Grã-Bretanha, torna-se um exemplo representativo dos primeiros passos da criação de uma história identitária inglesa. Entre 1754 e 1761, ele publica, em seis volumes, a “História da Inglaterra”; a cobrança de uma escrita científica aplicada à narrativa histórica no século XVIII soma-se à necessidade contemporânea de David Hume explicar o porquê, na sua visão, da Inglaterra e da França estarem tão à frente dos outros países da Europa. A obra dele representa o pensamento do século XVIII.

Inspirado pelo trabalho de Montesquieu – em especial pelas obras *Grandeza e Decadência dos Romanos* (1734) e *O Espírito das Leis* (1748) –, David Hume se propõe a relatar o processo de formação da política inglesa, pensando em questões intimamente ligadas à História do Reino Unido e da Grã-Bretanha: a construção da ideia de “liberdade inglesa” contra uma constante “autoridade”, visível em seu ápice político na relação entre o Parlamento e a Monarquia Inglesa. Diferente da França, por exemplo, o absolutismo inglês teve um curto período de duração e foi marcado por resistências e por constantes desejos de liberdade. Para David Hume, isso deriva da construção cultural dos ingleses que, desde a luta contra as invasões e os conflitos constantes na Idade Média, marca o ideal de liberdade como uma necessidade social inglesa.

O autor utiliza a história dos povos germânicos como um dos exemplos representativos do desenvolvimento de um argumento dualístico e do impacto dele na História da Inglaterra. A falta de manuscritos oficiais que registram de forma clara os acontecimentos dos séculos de formação da Inglaterra – e aqui podemos incluir desde os primeiros povoamentos, iniciados no século IV, até o momento conhecido como

Heptarquia²⁴, em torno do século VIII – demonstra, para o filósofo, um desenvolvimento cultural insignificante, mesmo que faça parte dessa construção de autoridade *versus* liberdade.

A cultura, o cotidiano, os rituais, as estruturas sociais e os registros deixados sobre o período pouco importavam: eram vestígios de tradições e de atos bárbaros de “[...] um povo rude, inculto, que ignorava as letras, inábil nas artes mecânicas, arredio a leis e governo, afeito ao destempero, ao tumulto e à desordem” (HUME, 2014, p. 61).

Apenas uma característica política é considerada louvável de ser lembrada, ainda que duramente criticada. Durante o reinado da família de Alfredo, o Grande, o estabelecimento do *Wittenagemot*, ao qual recebe comentários que destacam sua falta de evidência na composição dos membros e demonstram como os próprios políticos de sua contemporaneidade se utilizam de tais estruturas para justificar sua visão de mundo:

Ela [composição do *Wittenagemot*] tem sido debatida com grande obstinação, com argumentos cada vez mais capciosos e equivocados de parte a parte. A facção monárquica defende que os *wites* ou *sapientes* eram juizes ou homens versados na lei; a facção popular afirma que eram representantes das comarcas, ou o que hoje chamamos de *Comuns* (HUME, 2014, p. 33).

Esta é a origem de uma certa admiração, somada à necessidade de justificar historicamente essa liberdade, como o fez Tácito, historiador romano, que, segundo Pedro Paulo Pimenta (2014) identificou “[...] em meio ao variado material etnográfico com que se deparou uma forma de governo e um conjunto de costumes comuns a essas tribos” (PIMENTA, 2014, p. XIV). São esses elementos destacados por Tácito que David Hume considerou na construção do argumento central dele, centrado na ideia de conflito entre liberdade e autoridade.

O comentário de Tácito ao cotidiano dos povos germânicos foi interpretado pelo filósofo escocês como um louvor à liberdade, conceito em constante discussão no século XVIII. Por exemplo, o senador romano descreve com estranheza a pequena

²⁴ O termo, cunhado no século XII por Henrique de Huntingdon, deve ser pensado apenas como uma denominação histórica de um período, não como algo factual. A ideia central nos é útil, pois destaca a força central de sete reinos, de grande influência política, perante reinos e estruturas políticas menores, não da existência de apenas sete reinos. A *Tribal Hidage*, fonte produzida no reino da Mércia em algum momento século VII-VIII (mas com apenas um manuscrito do século XI sobrevivendo até os dias atuais), descreve cerca de 35 localidades que pagavam algum tipo de imposto para o rei da Mércia (CAMP-BELL, 1982, p. 59).

diferenciação das roupas entre um homem e uma mulher²⁵, ao destacar que os seios das mulheres ficavam, normalmente, expostos (TACITUS, 2009, p. 85). Diferente dos romanos, porém, o ato não era visto como uma tentação, pois “[...] o matrimônio era estrito, e nenhuma outra característica da sua cultura merece mais elogios²⁶ (TACITUS, 2009, p. 85): o comportamento monogâmico era o mais comum, além de haver punição em caso de traição.

Outro elogio realizado por Tácito refere-se ao direito penal, em especial, quando se observava conflitos ou disputas. Como a lealdade e a amizade eram relações pessoais, não de estado ou nação, os desentendimentos eram resolvidos entre indivíduos, fossem conflitos banais ou assassinatos. Um pagamento mantinha a paz:

Até mesmo homicídio podia ser resolvido por uma quantia fixa de gado ou ovelha, sendo que toda a família recebia algum tipo de compensação. Para a comunidade, tal ação era vantajosa pois conflitos privados são particularmente perigosos numa condição de liberdade²⁷ (TACITUS, 2009, p. 86, tradução nossa).

Trata-se de uma das formas mais claras de definição de poder hierárquico do estrato bélico: o senador descreve aqui uma forma do *wergeld germânico*, termo que pode ser traduzido para o inglês moderno como “*man price*”, “*man payment*” ou “*man’s blood*”, algo como “preço do homem” ou “valor do homem”. É uma quantia monetária que representaria o grau de importância da pessoa, mas também uma punição para caso a saúde ou as propriedades de um indivíduo fossem infringidas. Isso quer dizer que, por exemplo, caso um homem que possuísse um *wergeld* de 1.200 shillings fosse assassinado, o culpado deveria pegar tal quantia para a família da vítima como punição do crime.

²⁵ No entanto, Tácito demonstra a existência de uma diferença na vestimenta daquele que possuía mais riquezas – sejam elas terras, ouro, gado ou espólios de guerra – em relação àqueles que apenas serviam ou trabalhavam. Tal diferenciação ganha destaque no poema *Beowulf*, com o louvor à vestimenta e à malha do guerreiro *Geat*, sendo realizada logo no primeiro encontro com o guarda da costa danesa: “Nunca vi cá virem varões **co’escudos / tão patentes**. (...) Jamais vi maior varão que, dos vossos, / este que **arnês traja**. A julgar pelo ar, / não é serviçal” (BEOWULF, 2011, versos 241-257, grifo nosso). Exploraremos essa temática no capítulo II, subtópico 3, ao descrever as relações entre indivíduos de mesma hierarquia social.

²⁶ “For all that, marriage there is strict, and no feature of their culture deserves a higher praise” (TÁCITO, 2008, p. 85)

²⁷ “Even homicide can be atoned for by a fixed number of cattle or sheep, and the whole family receives satisfaction. This is much to the advantage of the community, since private feuds are particularly dangerous in conditions of freedom” (TÁCITO, 2008, p. 86).

Caso um escravo fosse morto, seu dono poderia cobrar um valor, em média 60 shillings (CAMPBELL, 1986, p. 138), por esse escravo. O pagamento é visto mais de uma vez no poema *Beowulf*. Como a tentativa de pagar para *Grendel*, primeiro monstro da história, para que os ataques deixassem de ocorrer: “Dos Danos, / riquezas e trégua recusou Grendel” (BEOWULF, 2011, versos 152-153). Em um evento mais significativo, Hrothgar reconta como pagou a dívida de vida causada pelo pai de Beowulf, Ecgtheow, por ter matado Heatholaf, realizando assim o *wergeld*: “Pois encerrei / a peleja pagando com pecúlio: remetendo, pelo pego, riquezas / (em cristas de ondas) aos Wylfings, criei acordo. Paz jurou-se” (BEOWULF, 2011, versos 468-472).

Tal percepção da história expõe uma questão: estudar a formação dos anglo-saxões não era algo apenas da academia, dos filósofos ou de uma curiosidade simplista do passado, mas, sim, uma necessidade do presente na construção de uma identidade nacional²⁸, que olhava para esse passado (por mais que a concepção de bárbaro – em seu sentido pejorativo – continuasse presente) e via nele a possibilidade de construir algo representativo que permitiria explicar a contemporaneidade.

Ao analisarmos os primeiros estudos *beowulfianos*²⁹, datados do século XIX, percebemos o desenvolvimento de estudos que moldaram a visão inicial sobre o conteúdo e as possibilidades de análise do poema: o identificavam como um *simple* registro histórico com descrições míticas de um povo “bárbaro”. Cabe destacar que o século XIX foi marcado pelo crescente ideal nacionalista, em especial pela ideia de evolução social constante³⁰. Isso resulta na crítica a qualquer processo anterior histórico àquele vivido como algo inferior, menos evoluído. Criticá-lo passou a fazer

²⁸ O autor demonstra um claro desapego pelos primeiros processos históricos dos anglo-saxões, ao descrever a ideia de desinteresse como apenas um passo necessário, mas depressível, para se chegar “(...) aos tempos sobre os quais há verdades suficientemente certificadas e integrais, que possam *entreter e instruir o leitor*” (HUME, 2014, p. 2).

²⁹ Antes da produção da presente dissertação de mestrado, os autores já produziram diversos materiais sobre os estudos ligados ao poema, como o PIC “*Mapeamento do universo de Beowulf: contexto histórico-geográfico e gênero literário*”, no qual identificamos e compilamos as primeiras explicações ligadas ao poema (semelhante ao apresentado no item 1 deste capítulo), como no artigo “Reflexões sobre o poema épico Beowulf”, publicado no CIH 2017, como um resumo prático das explicações mais modernas; disponível em <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3497.pdf>.

³⁰ Como destaca Marcelo Cândido da Silva (2019), muitos ideais da Idade Média foram *fabricados* a partir de uma visão contemporânea do passado, não do contrário. Tratou-se de olhar para o período Medieval e criar um passado em que as nações poderiam sentir orgulho. Exemplo principal disso pode ser visto na *Monumenta Germaniae Historica* (MGH), coleção lançada em 1819 meio ao espírito nacionalista. “A divisa da coleção, *Sanctus amor patriae dat animum* (O santo Amor da pátria nos dá ânimo) é um claro indicador da associação do projeto dos MGH com o nacionalismo germânico do século XIX” (SILVA, 2019, p. 148).

parte de um processo de análise histórica a qual grande maioria dos historiadores ingleses precisou realizar. Willian Paton Ker, em sua obra *The Dark Ages* (1902), faz a seguinte crítica ao manuscrito:

O problema de *Beowulf* é que não se tem nada na sua história. O herói está ocupado matando monstros, como Hércules e Teseu. Mas existem outras questões nas vidas de Hércules e Teses além do fato de matarem a Hidra ou Procasto. **Beowulf não tem mais nada (...). É muito simples.** Mesmo assim, os episódios iniciais são bem escritos e diversificados (...). A verdadeira beleza, o verdadeiro valor, de *Beowulf* é seu estilo (...) O poema em si é fraco; a moral e o espírito dele só pode corresponder os mais nobres autores³¹ (KER, 1904, p. 252-253 apud TOLKIEN, 1936, p. 113, tradução nossa, grifo nosso).

Com o crescimento do nacionalismo, entretanto, observa-se, a partir do século XIX, a inserção de cursos voltados para a identidade inglesa como o estudo da História dos Anglo-saxões. Assim, o estudo da literatura inglesa e da produção dos manuscritos medievais nos currículos escolares foi uma das ferramentas utilizadas para criar uma identidade nacional, o que resultou em um grande aumento dos estudos referentes ao contexto medieval inglês. Por exemplo, ao analisarmos os discursos dos professores de Literatura e de Língua Inglesa da University College, em Londres, é possível identificar o caráter patriótico do porquê estudar a literatura do país. Harley Morley, professor titular em 1897, descreve que

A literatura de um povo conta sobre sua vida. História registra os feitos, mas a literatura traz para nós, ainda aquecida com o primeiro fogo, dos costumes e paixões, (...) os sussurros mais altos da alma (...). A literatura desse país tem como uma marca distintiva sensação religiosa de obrigação. Representa uma série de gerações de pessoas que lutaram para descobrir o que é certo e fizeram isso, para eliminar todo o mal, e trabalharam sempre em frente pelo amor de Deus. Se este é o verdadeiro espírito de seu povo, também mostra e apresenta como a Inglaterra venceu e como ela, sozinha, consegue receber lugar de destaque entre todas as nações³² (FISHER, 1980, p. 107, tradução nossa).

³¹ The fault of *Beowulf* is that there is nothing much in the story. The hero is occupied in killing monsters, like Hercules or Theseus. But there are other things in the lives of Hercules and Theseus besides the lulling of Hydra or of Procrustes. **Beowulf has nothing else to do (...)**. It is too simple. Yet the three chief episodes are well wrought and well diversified (...). But the great beauty, the real value, of *Beowulf* is in its dignity of style (...). The thing itself is cheap; the moral and the spirit of it can only be matched among the noblest authors (KER, 1904, p. 252-253 apud TOLKIEN, 1936, p. 113, tradução nossa, grifo nosso).

³² "The literature of a people tells of its life. History records the deeds, but literature brings to us, yet warm with their first heat, the appetites and passions, (...) the higher promptings of the soul (...). The literature of this country has for its most distinctive mark the religious sense of duty. It represents a people striving through successive generations to find out the right and do it, to root out the wrong, and

Se estabelecem, aqui, as relações primordiais de um patriotismo a partir da literatura: a necessidade de entender esse “espírito inglês” ao longo da história era algo que deveria ser passado para os ingleses. Durante todo o século XIX, ocorreu um grande movimento de traduções e de estudos dos poemas e dos textos anglo-saxônicos: ao contrário da crítica pejorativa de David Hume, os eruditos passaram a valorizar o passado realizando uma história crítica.

O historiador, nesse primeiro momento, era um agente reproduzidor das informações apresentadas nas fontes, desmontando-as em seus detalhes e reconstruindo uma história a partir das informações coletadas. Charles Seignobos (1854-1942) desenvolve a frase representante da visão historicizante das fontes: “**Sem documentos, não há História**” (BARROS, 2019, p. 21-22, grifo nosso). A revolução documental desenvolvida pelos *Annales*, nas figuras de Lucien Febvre e de Marc Bloch, no entanto, procurou inovar a tratativa da fonte histórica; questionou-se a análise “[...] *historicizante, événementielle* ou história-batalhas” (HARTOG, 1998, p. 194). A intenção foi demonstrar que a fonte histórica era, na realidade, muda. Em resposta a Seignobos, Febvre formula um dos ditos mais representativos da historiografia crítica: “**Sem problema, não há História**” (BARROS, 2019, p. 22, grifo nosso).

Com a História-Problema, passamos a olhar as relações desenvolvidas da memória do passado coletivo, ao descrever tal ação de escrever sobre algo como “o processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios” (LE GOFF, 1990, p. 424). Trata-se, portanto, de compreender uma problemática teórica: a escrita daquilo que o homem percebe, vive e problematiza em termos políticos, sociais e culturais deve ter qual propósito?

Assim, ao

[...] situar o problema como o princípio de tudo, Lucien Febvre chama atenção para o fato de que a própria documentação é **delimitada ou constituída pelo historiador a partir do problema histórico que ele tem em vista**, e no próprio ato da operação historiográfica” (BARROS, 2019, p. 22, grifo nosso).

O problema não estava nessa relação de produtor, mas em como ele se colocava perante tal produção. O entendimento de que a inexistência de uma história

labor ever onward for the love of God. If this be really the strong spirit of her people, to show that it is so is to tell how England won, and how alone she can expect to keep her foremost place among the nations” (FISHER, 1980, p. 107).

puramente factual, narrativa e positiva não era algo ruim e sim inerente ao trabalho historiográfico possibilitou a ascensão da História-Problema e das futuras vertentes dela (História Cultural, História das Mentalidades, Nova História, entre outras).

É possível encaixar a História-Problema com uma aplicação prática na proposta desta dissertação: não tratamos das informações presentes no poema *Beowulf* como algo factual, causal da simples relação germânica e anglo-saxônica ao longo dos séculos IV-VIII, mas a partir dos motivos e dos contextos que levaram à sua escrita, ao analisar a essência comportamental dessa sociedade à medida que procuramos definir o *guerreiro* perante a *Economia de Doação*.

Observamos, no pensamento contemporâneo, um “ato de violência como uma perturbação severa da ordem social³³” (BAKER, 2013, p. 4, tradução nossa). Em contrapartida, o ato violento e o contexto histórico que justifica tal ação, como o contexto de invasões e das guerras da Alta Idade Média, passaram a ser compreendidas como algo do período, as quais deveriam ser estudadas a partir do contexto em que elas ocorreram, dando destaque para a comportamento do momento.

Segundo Peter S. Baker (2013), “até no final da Idade Média, e até mesmo depois dela, a violência tinha um lugar de destaque na ordem social, seja nas relações internacionais ou dentro de casa³⁴” (BAKER, 2013, p. 4, tradução nossa). Assim, os rituais e comportamentos narrados nas fontes históricas medievais se tornaram fontes memoráveis: olhar para os povos germanos e compreender que a definição de “bárbaros”, como utilizada durante muito tempo graças à influência da visão de mundo dos romanos, limitava e enfraquecia as possibilidades de estudo. Dessa forma, esses povos passaram a ser uma parte fundamental para compreender o desenvolvimento da cultura anglo-saxã da Idade Média.

Não se é de estranhar, conseqüentemente, que o poema *Beowulf* foi e ainda é utilizado como um dos textos iniciais nos cursos de literatura em língua inglesa, como os do próprio Tolkien³⁵ durante seu período como professor de História dos Anglo-

³³ “(...) a violent act is a severe disturbance of social order” (BAKER, 2013, p. 4).

³⁴ “(...) up until the end of the Middles Ages, and even beyond, violence had a recognize place in the social order, whether in international relations or in household affairs” (BAKER, 2013, p. 4).

³⁵ Seu filho, Christopher Tolkien, descreve o uso constante (além do próprio Tolkien em seu artigo de 1936) do poema para o estudo e para a introdução da língua anglo-saxã para os universitários em seu livro “Beowulf: Uma tradução comentada” (2015).

saxões e de História de Língua e Literatura Inglesas, no início do século XX, e do prof. Dr. Aaron Hostetter³⁶, no século XXI.

A mudança na visão acerca da contribuição dos poemas épicos e das obras literárias à História da nação resulta na escrita de obras consideradas como clássicos nos estudos *beowulfianos* e nos estudos do gênero épico em geral, que moldaram o início do século XX e deram as bases necessárias para os estudos posteriores. Obras como *The Heroic Age* (1912), de Hector M. Chadwick, *Beowulf an introduction to the study of the poem with a discussion of the stories of Offa and Finn* (1921), de Raymond W. Chambers e *Beowulf and the Fight of Finnsburg* (1922), de Frederick Klaeber, são frequentemente citadas por autores que estudam o poema e podem ser vistas como grandes manuais, especialmente a de Klaeber (1922), por reunirem uma síntese positivista. As obras elencadas possuem, nesse sentido, um grande foco nos fatos centrais presentes no poema e uma análise minuciosa do conteúdo do manuscrito proposto, além de desenvolverem os primeiros passos de um estudo cultural mais aprofundado para o tempo, com a apresentação de teorias e de justificativas de cada informação apresentada³⁷.

Já na segunda metade do século XX, uma nova forma de olhar para a narrativa medieval começou a ser pensada. Historiadores, como Marc Bloch e Georges Duby, formularam novas práticas para o papel do historiador medievalista e realizaram uma crítica metodológica à própria produção historiográfica até então, desenvolvendo, aos poucos, uma História Cultural que passou a questionar a própria leitura da História.

Tais mudanças são visíveis na tratativa que o poema recebeu a partir da segunda metade do século XX e das primeiras décadas do XXI. Os estudos ligados ao manuscrito refletem, de certa forma, muito mais o avanço da teoria e da metodologia da História do que o estudo do manuscrito em si. Isso significa que considerações importantes sobre o manuscrito (datação e aspectos linguísticos e

³⁶ O Prof. Dr. Aaron Hostetter possui um site próprio de divulgação de suas traduções de fontes anglo-saxônicas e tem como objetivo fazer um estudo focado na relação moderna e medieval, como descrito na sua página da Rutgers University, onde leciona. Seu trabalho é, sem dúvidas, admirável: <https://hostetter.camden.rutgers.edu/> e <https://anglosaxonpoetry.camden.rutgers.edu/beowulf/>.

³⁷ FR. Klaeber (1922) já apresenta uma ideia que será mais frequente no século XX: não se deve focar apenas nas informações apresentadas no texto do manuscrito, pois o contexto se torna fundamental para compreensão total da obra. Para isso, apresenta, durante toda a introdução, possíveis explicações sobre o porquê tais informações são apresentadas no poema, somadas a um estudo de palavra-por-palavra do texto muito remanescente de uma análise puramente textual. O texto, que teve sua obra reeditada quatro vezes – sendo a mais atual de 2008 –, tornou-se marcante justamente por isto: a inovação da forma de trabalho e a quantidade gigantesca, ao se comparar a outros estudos da época, de informações sobre o manuscrito.

históricos) já tinham sido problematizadas a ponto da historiografia beowulfiana ter desenvolvido uma “noção geral” sobre o poema.

Obras como *The Cultural World in Beowulf* (1995), do historiador John Hill, *Understanding Beowulf as an Indo-European Epic* (2010), de Earl R. Anderson e *Honour, Exchange and Violence in Beowulf* (2010), de Peter S. Bake são representantes desse período: o objetivo de estudar o poema *Beowulf* é transformar suas informações em questionamentos que podem ser expandidos para compreender uma cultura ou o espírito do momento. Assim, na atual dissertação, lidar com as informações do poema para pensar as estruturas germânicas ligadas à *marcialidade* e o universo de violência tratada como uma normativa necessária para a organização política dos anglo-saxões em um período de formação do século VIII é, em suma, resultado desse contexto de mudança teórica da História.

Concomitantemente, a produção da historiografia medieval também passou por significativas mudanças. O artigo do Lawrence Stone, *The Revival of Narrative: Reflections on a New Old History*, publicado em 1979, marcou uma crítica à produção realizada sobre a história medieval do período, ao suposto retorno da narrativa tão criticada pela Escola dos Annales e pelos ascendentes teóricos dela. Contextualizado no mesmo período de Hayden White e de Ricouer, ambos os teóricos da História incorporam críticas às novas formas de se trabalhar o acontecimento e as visões estruturalistas pregadas pelas novas correntes que visavam uma História-Problema, como a segunda e a terceira gerações dos *Annales*.

Sendo assim, o olhar e as formas com que o poema passou a ser estudado ganhou novos matizes. Cabe destacar a produção acadêmica brasileira nos últimos anos; dissertações e teses como as de Elton Medeiros³⁸, de Gesner Las Casas B. F.³⁹ e de Isabela Dias de Albuquerque⁴⁰. Destacam-se grupos de pesquisa como o *Insulae*

³⁸ O Prof. Dr. Elton Oliveira Souza de Medeiros defendeu em 2006 seu mestrado, citado ao longo desta dissertação, utilizando *Beowulf* como objeto central de pesquisa. Em 2011 defendeu a tese de doutorado “*Dominus exercituum: política, poesia heróica e narrativa bíblica durante o período alfrediano*”. Desde então, tem sido um membro ativo nas publicações, pesquisas e divulgações de trabalhos ligados a *Inglaterra Medieval* a partir do *Brathair* e *ISSEME*.

³⁹ O Prof. Dr. Gesner Las Casas Brito Filho defendeu seu mestrado, também utilizando *Beowulf* como fonte central, em 2014, titulado *Níthwundor, terrível maravilha: o manuscrito de Beowulf como compilação acerca do Oriente*. Em 2019 defendeu sua tese de doutorado sob o título “*The relationship between the earthly world, heaven and hell in Oxford, Bodleian Library MS Junius*”.

⁴⁰ A Profa. Dra. Isabela Dias de Albuquerque defendeu seu mestrado em 2012 sob o título de “*Anglcygn e gens anglorum: uma abordagem comparativa da identidade inglesa em The Life of King Alfred (século IX) e em The Deeds of Hereward (século XII)*”. Em 2017 defendeu sua tese de doutorado sobre o título de “*As relações identitárias entre anglo-saxões e escandinavos: uma comparação do Reino de Wessex com a região da Danelaw (séculos IX-X)*”.

e o *Brathair*, que têm produzido e divulgado estudos da Inglaterra Medieval em língua portuguesa.

A presente dissertação se encaixa nesta consolidação dos estudos anglo-saxônicos no Brasil, com publicação de artigos e de capítulos de livros relacionados à discussão da origem do conteúdo do poema e às origens germânicas da narrativa⁴¹. Procuramos contribuir com os estudos *beowulfianos*, especialmente no que se refere ao aspecto marcial que marcou as origens da sociedade germânica que produziu *Beowulf*, assim como expor como o conceito de *Economia do Dom* pode ser fundamental para a compreensão do poema como um todo.

Até o momento, apresentamos um breve histórico do manuscrito e a historiografia relativa ao poema e ao Estado da Arte dele. No próximo item, exploraremos o contexto de sua composição e o contexto histórico presente na narrativa, o que nos permitirá compreender o porquê da sua composição, desde o período migratório dos povos germânicos, o que estamos chamando de “raízes comportamentais”, até o desenvolvimento pleno de um reino anglo-saxão no século VIII, e sua necessidade registrar os ideais de uma escrita poética.

1.4. As edições da fonte

Escolher uma das várias traduções do poema *Beowulf* também implica em um estudo próprio. Dependendo da forma que o tradutor se propor a traduzi-lo, conceitos e significados podem sofrer alterações em seu sentido, afinal é inegável que “[...] as palavras estão impregnadas de uma cultura. Eis o que torna as traduções tão difíceis; e toda a leitura é, em parte, uma tradução porque a cultura do leitor só raramente é

⁴¹ Embora sejam publicações realizadas no começo da pesquisa acadêmica e algumas visões teóricas sejam diferentes das atuais, acreditamos que elas demonstram o avanço e aprofundamento da pesquisa *beowulfiana*. Dentre as publicações, destacamos: Soares, Vinicius Tivo; Reis, Jaime Estevão dos; Alves, Giovanni Bruno. MAPEANDO O UNIVERSO DE BEOWULF: CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO E GÊNERO LITERÁRIO. In: Aline Ferreira Antunes. (Org.). Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 2. 1ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2021, v. 2, p. 157-167; SOARES, V. T. . A construção do guerreiro germânico idealizado através de rituais sociais em Beowulf. In: IX Congresso Internacional de História, 2019, Maringá - PR. IX Congresso Internacional de História. História da América em debate: fronteiras, ensino e ecologia. Maringá - Paraná: UEM/DHI, 2019. v. 1. p. 2876-2888; e REIS, J. E.; SOARES, V. T. . AS TRADIÇÕES DO GUERREIRO GERMÂNICO RETRATADAS NO POEMA BEOWULF. In: História e Direitos Humanos no Mundo Contemporâneo: (Des)Construções, 2019, Maringá. História e Direitos Humanos no Mundo Contemporâneo: (Des)Construções. Maringá - Paraná: Edições Diálogos, 2019. v. 1. p. 1363.

semelhante à do autor” (PROST, 2009, p. 249). Tendo isso em mente, estruturamos uma breve justificativa das edições que escolhemos como base da dissertação.

Acreditamos que o uso de traduções realizadas por críticos literários ou por especialistas no estudo anglo-saxônico é parte fundamental da leitura crítica do manuscrito. Um compilado foi desenvolvido por Marijane Osborn em 2003, publicado pelo *Arizona Center of Medieval and Renaissance Studies*, no qual é apresentada uma cronologia de todas as obras, cerca de 300, das quais a autora teve acesso até o ano de publicação⁴². De uma perspectiva acadêmica, um grande desafio é nítido: quais dessas fontes merecem um real destaque ou como estabelecer critérios para definir quais serão mais indicadas ao estudo acadêmico do poema? Algumas obras, sem dúvida, possuem um mérito muito maior do que outras, seja pela qualidade, pela complexidade, pela proposta ou pelo significado inerente ao contexto de produção.

Conforme destacamos anteriormente, a primeira obra que possui uma relevância considerável para os estudos *beowulfianos* foi a primeira tradução completa realizada por Jónsson G. Thorkelin. No mesmo ano, N. F. S Grundtvig realizou uma série de comentários sobre a tradução de Thorkelin, incluindo um dos feitos mais importantes: a relação de Hygelac com outras fontes históricas, que permitiu a datação do conteúdo presente na narrativa. Pelos próximos anos, o autor se tornou uma figura central do estudo do poema, em especial pelas possíveis relações históricas construídas.

Entre os anos de 1830 e 1900, as edições de Beowulf aumentaram significativamente. Traduções na íntegra ou de algumas partes, em várias línguas além do inglês, do latim e do dinamarquês, tiveram edições revisadas e traduzidas para outras línguas, como o italiano (1833), alemão (1840), francês (1877), sueco (1889) e holandês (1896)⁴³. A primeira versão em português foi adaptada em um

⁴² O endereço original para o site da ACMRS está indisponível, no entanto ele pode ser encontrado em: <https://web.archive.org/web/20141121165748/https://acmrs.org/academic-programs/online-resources/beowulf-list>. Outro material semelhante foi desenvolvido pela *Beowulf Afterlives Bibliographic Database* (BABD) em 2020, no qual são mencionados quase 883 itens. Entretanto, diferente do estudo da Osborn, o BABD é feito de forma automatizada e repete constantemente o mesmo item e/ou autor devido republicações, o que aumenta consideravelmente o número de publicações. Como exemplo, podemos observar que o texto de Michael Alexander publicado em 1973, utilizado na presente dissertação, aparece 9 vezes com o mesmo texto. O site encontra-se disponível em: <http://beowulf.dh.tamu.edu>.

⁴³ Italiano: PECCHIO, Giuseppe. 1833. First Italian summary, based on Turner 1820; Alemão: ETTMÜLLER, Ludwig. 1840. *Beowulf. Heldengedicht des achten Jahrhunderts* (Zürich); Francês: BOTKINE, L. 1877. *Beowulf, épopée anglo-saxonne* (Le Havre); Sueco: WICKBERG, Rudolf. 1889. *Beowulf, en fornengelsk hjältedikt* (Westervik); Holandes: SIMONS, L. 1896. *Beowulf. Angelsaksisch Volksepos*

quadrinho, publicada em 1955, traduzida a partir de um quadrinho italiano de 1941. Além dela, uma versão em prosa foi supostamente traduzida por Navarro Gondim (MARIJANE, 2003)⁴⁴, sendo as informações mais antigas referentes ao poema no Brasil.

A tradução de Frederick Klaeber⁴⁵ (1922) é uma das mais utilizadas pelos estudiosos do poema. O trabalho dele influenciou diretamente no processo crítico de tradução, assim como no avanço do trabalho linguístico. Em especial, duas das quatro traduções referenciadas na presente dissertação são produtos diretos, com as correções e as adaptações necessárias do trabalho deste autor. São elas: Michel Alexander (1973) e Ary Galvão (1992). A justificativa pode ser encontrada no objetivo da tradução de Klaeber, natureza mantida por aquelas que a usam como referência: uma tradução em que a essência da informação do verso é mantida, mas os princípios poéticos, estruturais e linguísticos são deixados de lado. Tal estilo se prova extremamente útil para uma leitura que vise explicar a ideia central da narrativa, com uma escrita dinâmica, mas que não perde tanto do sentido desejado pelo autor.

As outras duas, no entanto, são traduções críticas do poema. Isso significa que a proposta é tentar manter, ao máximo, o estilo original, o que torna a leitura mais complexa. São elas: Erick Ramalho (2012) e Seamus Heaney (2019). As edições exemplificam a dificuldade de traduzir o poema com o objetivo de manter seu estilo poético na forma mais original possível, o que se prova um grande desafio, em especial pelos aspectos linguísticos, o que resulta na impossibilidade de uma tradução direta.

Ramalho (2012) destaca o uso de

[...] decassílabos que, destituídos da disposição tradicional das pausas, tornam-se meio de recuperar, juntamente ao emprego da pontuação com fins específicos de recriação do original anglo-

vertaald in stafrijm en met inleiding en aanteekeningen (Ghent). Todos os textos citados pela historiadora Marijane Osborn estão compilados com referências e estruturas próprias (muitos deles, por exemplo, são citações de citações). Para mais detalhes, ver <https://web.archive.org/web/20180627115732/https://acmrs.org/academic-programs/online-resources/beowulf-list>.

⁴⁴ Ambas as traduções são mencionadas tanto na compilação de Marijane Osborn (2003) como na obra de Stanley B. Greenfield e Fred C. Robinson (1982), mas tais produções não estão disponíveis em nenhum sistema de procura ou arquivo on-line público, o que impossibilita a apresentação visual ou análise crítica de tal trabalho. Para o site da compilação de Marijane Osborn, ver a nota acima.

⁴⁵ A versão revisada, publicada em 2008, ainda é uma das mais utilizadas pelos pesquisadores *beowulfianos*. Para referências *históricas*, ligadas a importância da obra de Klaeber, referenciaremos a obra de 1922. Para referências ligadas a estrutura do poema, seja o conteúdo ou apenas notas, utilizaremos a revisada de 2008.

saxônico, o efeito rítmico de *Beowulf*, cujo resultado tende a parecer fragmentado (RAMALHO, 2012, p. xxxvii)

A dificuldade encontrada por Seamus Heaney (2019), no entanto, foi mais específica à sua proposta: seu desejo era manter a possível oralidade do poema com a sua estrutura escrita, a aliteração poética anglo-saxônica. O inglês moderno, entretanto, não permite que tal texto exista, devido à ausência de conjunções sintáticas, dos *kennings* (HEANEY; DONOGHEY, 2019, p. xix, tradução nossa), e da própria estrutura poética do manuscrito. O pesquisador propôs algo inusitado para um texto crítico: procurou um sotaque e um dialeto moderno que fosse semelhante à dicção de uma aliteração poética. Encontrou, na região rural de Ulster, Norte da Irlanda, entre seus parentes, um sotaque e um uso de palavras que permitiram fugir da norma moderna e recriar o poema com uma aliteração “antiga-moderna”.

Na visão do autor, quando olhamos “o povo de Ulster, de acordo com Rodgers⁴⁶, são “um povo abrupto / que gostam de consoantes pontiagudas na fala / e acham que as suaves são engraçadas” e se divertem com “qualquer [consoante] que receba ou ataque / como *Micks*, *Teagues*, *thinkers’ get*, *Vatican*”⁴⁷ (HEANEY; DONOGHEY, 2019, p. xxxiv, tradução nossa).

A diferenças são explícitas ao longo do texto, quando se observa o mesmo trecho do original e a respectiva tradução: apresentamos, no quadro abaixo, as quatro edições utilizadas nesta dissertação. O grupo do lado esquerdo foi denominado de *versão prática*, remetendo à proposta de Friedrich Klæber: a intenção da tradução é, antes de qualquer coisa, ser um texto de leitura fácil, com termos contemporâneos, e que questões mais complexas da linguagem anglo-saxônica, como os *kennings*, sejam transcritas para algo de significação fácil atualmente.

Do lado direito, temos duas edições ligadas a uma leitura *semelhante ao real*, direcionadas para que o leitor tenha a experiência de leitura mais próxima do original escrito no manuscrito, ou de como ela era narrada e/ou cantada por *scops*, as chamadas versões críticas.

⁴⁶ O autor faz referência a William Robert Rodgers (1909-1969), poeta irlandês famoso pela prosa e pelos ensaios críticos.

⁴⁷ “Ulster people, according to Rodgers, are “an abrupt people / who like the spiky consonants of speech / and think the soft ones cissy,” and get a kick out of “anything that gives or takes attack / like Micks, Teagues, tinkers’ gets, Vatican” (HEANEY; DONOGHEY, 2019, p. xxxiv). A citação, escrita com pausas representadas pelas barras oblíquas, são uma representação da fala do povo de Ulster, onde cada barra seria um destaque sonoro dado ao termo.

Tabela 1 – Diferenças entre uma tradução Crítica e uma tradução Prática

VERSÃO PRÁTICA	VERSÃO CRÍTICA
<p style="text-align: center;">TRADUÇÃO DE MICHEL ALEXANDER (1973)</p> <p style="text-align: center;">Attend!</p> <p>We have heard of the thriving of the throne of Denmark, How the folk-kings flourished in former days, How those royal athelings earned that glory. Was it not <i>Scyld Scefing</i> that shook the halls, Took mead-benches, taught encroaching Foes to fear him (versos 1-7)</p>	<p style="text-align: center;">TRADUÇÃO DE HEANEY SEAMUS (2019)</p> <p>So. The Spear-Danes in days gone by And the kings who ruled them had courage and greatness. We have heard of those princes' heroic campaigns. The was Shield Sheafson, scourge of many tribes, A wrecker of mead-benches, rampaging among foes. This terror of the hall-troops had come far. (versos 1-6)</p>
<p style="text-align: center;">TRADUÇÃO DE ARY G. GALVÃO (1992)</p> <p>Ouvimos falar dos dinamarqueses-de-lança dos tempos de outrora – das glórias que tiveram os reis de seu povo e de seus intrépidos líderes, dos portentos poderosos. Com frequência <i>Scyld Scefing</i> de muitas tribos e clãs inimigos de assalto tomou os castelos – o terror de todo guerreiro -,</p>	<p style="text-align: center;">TRADUÇÃO DE ERICK RAMALHO (2011)</p> <p>Co'efeito, conhecemos, cá, os feitos dos louvados reis dos Danos de Lanças e a glória do povo em temos antigos. <i>Scyld Scefing</i>, chefe dos Danos, cessou os bródios com hidromel dos bandos rivais, cujos varões, de várias raças, ruíram pelo medo (BEOWULF, versos 1-7)</p>

mesmo às vezes sofrendo reveses e desgraça (BEOWULF, versos 1-9)	
---	--

Existe a complexidade que envolve todo o processo de tradução para uma língua diferente da original, nas quais informações ou conceitos podem perder seu significado almejado ou desejado. O uso de mais de uma tradução como referência principal da fonte analisada ao longo da dissertação se torna, então, necessário. Tomando como exemplo aplicado de tal distinção, destacamos a primeira metade do verso 245: “[...] *lindhæbbende*” (BEOWULF, verso 245).

O termo pode ser interpretado de diferentes formas, tendo em vista a possibilidade de ser um *kenning* ou apenas uma frase composta em uma palavra, algo comum ao longo do poema. No entanto, a forma com a qual o tradutor resolve trabalhar, tendo consciência de ambas as possibilidades, pode ocultar ou expandir a própria historicidade por trás do termo. A partir de uma visão linguística, o radical *lind-*referenciava tudo aquilo que advinha da *Linden Tree*, árvore conhecida como Tília, em português. Já o sufixo da palavra *-hæbbende*, pode ser traduzido, de forma literal, como “carregadores de” ou, de uma forma prático-literária, “portadores de”. Logo, o termo completo pode ser traduzido como “carregadores de Tília” ou “portadores de Tília”. Já no inglês moderno pode ser trabalhado como “*lind havers*”, no literal, ou “*lind carriers*”, no literário.

A informação ganha espaço quando percebemos que descrever os guerreiros *geats* portando escudos feitos de madeira de Tília confirma os achados arqueológicos em múltiplos sítios na Inglaterra, assim como permite uma conversa com outras fontes de origem germânicas⁴⁸: *Völuspá* utiliza o termo *lind* para escudo e *lindissköldr* (*linden shield*) aparece em algumas sagas nórdicas⁴⁹.

Para o tradutor, seria um ótimo momento para apresentar ao leitor o material do qual uma ferramenta militar importante, o escudo, era feita. No entanto, ao pensar na forma como construímos as frases nas línguas modernas, descrever a madeira a

⁴⁸ Usando a ideia de “fontes germânicas” como algo generalizado, fazemos referência aos manuscritos e a fontes materiais que foram produzidos por povos de origem germânica, aos quais possuem um passado semelhante.

⁴⁹ Deve-se destacar, no entanto, que outras fontes materiais, como os escudos encontrados na Gokstad Ship, eram feitas de abeto ou de pinheiro, mas são escudos do século X. Portanto, variadas madeiras poderiam ser usadas na produção de um escudo, dependendo da necessidade e do acesso a ferramentas do período em questão.

partir de uma tradução *literal* e não pelo conceito inerente à sentença, realizando uma tradução que passa a essência, torna-se mais prejudicial para o entendimento completo da frase. A tradução que mantém a essência do discurso poético pode ser encontrada em ambas as formas, tanto na *prática* como na *crítica*, mas seu formato é diferente.

Essa divisão pode ser reforçada e problematizada a partir do radical *lind-*, mencionado acima. Erick Ramalho, responsável pela edição que chamamos de crítica, traduz o trecho do verso 245, da seguinte maneira: “[...] varões co’escudos / tão patentes (BEOWULF, 2011, versos 248-49). Ary Galvão (1992), da versão prática, traduz “[...] portadores-de-escudos” (BEOWULF, 1992, versos 271-272). Para além da grande diferença na posição dos versos devido à tradução, Ramalho se utiliza de um adjetivo, “*patentes*”, conectado ao substantivo “*escudo*” para demonstrar a força que o termo anglo-saxão imprimia. Ary Galvão (1992), entretanto, introduz um adjetivo de valor aos *portadores*, não ao *escudo*: “[...] nunca vi tais portadores-de-escudos aqui / cheguem a estas paragens tão **ostensivamente**” (BEOWULF, 1992, versos 271-272, grifo nosso), o que já demarca uma grande diferença de sentido.

Ambas as traduções, no entanto, ainda perdem a essência do termo original por se limitarem à apresentação de um escudo resistente e visualmente marcante para o guardião da costa – a ponto de receber um comentário direto sobre o objeto –, mas de não destacar o material do qual ele era produzido, algo que o público-alvo do poema poderia conhecer, a partir de um exemplo poético-narrativo: qual madeira deveria ser utilizada na produção de um escudo de um príncipe, posição hierárquica de Beowulf.

Além disso, a tradução do conceito só pode ser feita de maneira tão aprofundada caso o radical, *-lind*, seja compreendido na sua totalidade. Na extensa obra de Frederick Klaeber⁵⁰ (1922), encontramos cinco termos que partem desse radical e que são utilizados ao longo do poema para referenciar um escudo de madeira de Tília, o que nos permite entender a complexidade da tradução e expõe um dos motivos principais do porquê utilizarmos quatro edições diferentes para entendermos o poema.

⁵⁰ É importante destacar que, para as referências e usos ao longo da dissertação, fazemos uso da edição mais atualizada, lançada em 2008 por Robert Dennis Fulk, Robert E Bjork e John D. Niles. Portanto, nos momentos em que referenciarmos (FULK; BJORK; NILES, 2008, p. *), citamos a obra de Klaeber (1922) em sua versão atualizada e corrigida.

Neste primeiro capítulo, apresentamos as informações necessárias para a compreensão inicial do estudo do manuscrito Beowulf, como as traduções, o *Estado da Arte* e o motivo de termos utilizado quatro traduções diferentes para ler seu conteúdo. Partiremos, agora, para o estudo do contexto histórico, tanto da composição do poema quanto de seu conteúdo: essa separação deve-se à necessidade de se estudar as minúcias da poética, para evitar qualquer tipo de generalizações ou conclusões precipitadas.

CAPÍTULO II

BEOWULF: CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

2.1. Identificando a geografia de *Beowulf*

Estudar *Beowulf* implica na necessidade de compreender os pormenores do seu conteúdo, da sua localidade geográfica, da sua temática, e até das possíveis justificativas para composição deste poema épico. Uma explicação generalizada sobre ele pode implicar em uma análise de informações equivocada. A primeira etapa será, portanto, a de elencar as possíveis localidades geográficas de sua narrativa para que, na análise do contexto histórico de composição, os eventos históricos se justifiquem.

Logo em seguida, pretendemos identificar como a migração germânica e o desenvolvimento dos reinos anglo-saxões foram peças fundamentais para o desenvolvimento do contexto necessário para a composição da poética presente em *Beowulf*. Entender como migraram e o porquê da necessidade desses povos de registrar eventos – ou, em especial, o passado *heroico* – utilizando um poema épico nos oferecerá informações para entender o contexto do poema e as possíveis finalidades dele.

A narrativa do poema, feita por um poeta anônimo, apresenta os feitos de Beowulf, príncipe guerreiro *Geat*⁵¹ do século VI. Durante sua narrativa, é possível observar, nos feitos bélicos, valores específicos desejados por uma cultura marcada pela marcialidade – o que definimos na presente dissertação como *comportamento marcial*. A história explora os feitos de um guerreiro em ascensão social por conta do sucesso do sujeito, servindo de exemplo para o estrato social em que está inserido, expondo um amálgama sociorreligioso do cristianismo em ascensão, conscrito no desenvolvimento dos reinos anglo-saxônicos, nostálgicos em relação ao seu paganismo germânico: trata-se do momento intermediário da conversão religiosa.

⁵¹ Em referência as tribos dessa guerra, apenas o *suíones* podem ser confirmados como tribo participante, não sendo necessária a construção de diversas teorias, como ocorre com os *geats*, sobre quem são eles. Por esse motivo, resolvemos não apresentar uma tradução, por hora, e usar o termo do poema.

O poema é composto por 3182 versos em sua edição original, permitindo a divisão em dois grandes arcos narrativos⁵², cada um com subdivisões. O primeiro arco pode ser dividido em três subdivisões: a primeira é referente ao período de contextualização do personagem Beowulf, ao apresentar o propósito da viagem, os personagens principais e aqueles que participam dos conflitos iniciais, nos quais o guerreiro *Geat* deverá superar (seja em um combate marcial ou em um embate de ideias), culminando na batalha com o primeiro monstro, Grendel, abrangendo os versos 1-924.

A segunda subdivisão relata o ataque da mãe de Grendel a Heorot⁵³, a reação da corte, alguns contos e problemáticas levantadas pelo ataque, até sua eliminação no pântano, que compreende os versos 925-1887. Já a terceira subdivisão refere-se ao retorno de Beowulf a Heorot, após a batalha com a Mãe de Grendel. Nesta parte do poema, Beowulf relata a batalha a Hrothgar, da família dos Scyldings, dinastia reinante do Danes, no qual Beowulf é presenteado pelo rei com favores, anéis, uma série de discursos e apresentações simbólicas, como contos e falas idealizadas, compondo os versos 1888-2199.

A partir do verso 2200, adentra-se no segundo arco do poema, composto dos versos 2200 até 3182; aqui, o foco da narrativa recai no retorno de Beowulf à sua terra natal, lar dos *geats*. É neste arco do poema em que encontramos a maior quantidade de menções a feitos históricos, conflitos e discursos de personagens que permitem a contextualização de sua composição. O início é marcado por um conflito inicial, brevemente mencionado, que resulta na morte Hygelac, rei e tio adotivo de Beowulf, e de Heardred, filho de Hygelac. É importante ressaltar, no entanto, que esse relato é fragmentado e aparece em diversos outros momentos, e que envolve a Guerra dos Suíones⁵⁴ contra os *Geats*.

A guerra, organizada de forma cronológica e contextualizada por James W. Earl (2015), expõe uma série de conflitos que levaram ao profético fim dos *geats* no final do poema anunciado por Wiglaf, membro do clã do pai de Beowulf, os *Wægmundings*

⁵² Conceito emprestado dos estudos literários, “arcos narrativos” se refere à construção cronológica de um enredo em blocos: pode-se fazer referência ao avanço do enredo (exposição, ação ascendente, clímax, ação descendente e resolução) ou apenas à divisão interna de “capítulos” não delimitados.

⁵³ Nome do *meadhall*, uma espécie de Salão Real, de Hrothgar, rei dos dinamarqueses. Para mais detalhes, ver capítulo 2.

⁵⁴ Povo de grande destaque na História da Escandinávia. Constantemente referenciado como possuidor de um grande poderio bélico, dominou e se concentrou na região central da Suécia. Para mais detalhes, ver Knut Helle (2008), parte I, tópico 4.

(BEOWULF, 2011, versos 3000-3026), assim como justifica a ascensão dos suíones na Escandinávia, povo já descrito por Tácito⁵⁵, Jordanes e Saxo Grammaticus⁵⁶ como uma das principais forças bélicas da região.

As informações da guerra contribuem para a compreensão da localização geográfica das tribos mencionadas na narrativa poética; elas aparecem “em cinco passagens, somando 145 linhas⁵⁷ [...] mas nunca são claras, principalmente pelos enredos incertos que o poema apresenta”⁵⁸ (EARL, 2015, p. 36, tradução nossa). Essas passagens revelam os motivos pelos quais se acredita que Beowulf seja natural da região de Gotalândia⁵⁹. A floresta onde se trava a batalha dos *geats* sobre os *sveas*⁶⁰, por exemplo, comandada por Hygelac, tem nome de Hrefnesholt⁶¹ (linhas 2935), região atual da ilha de Orust, sul da Suécia.

⁵⁵ Tácito, historiador e senador romano do século I, descreve a tribo dos suíones em sua obra *Germania*.

⁵⁶ Jornades, historiador bizantino do século VI, descreve a tribo na *De origine actibusque Getarum*, ou *Getica*, como uma possuidora de influência e poder significativo, observável na aparência de seus guerreiros. Somado ao relato de Saxo Grammaticus, historiador da Dinamarca medieval do século XII, é possível concluir que a tribo conseguiu atingir *status* e influência superior as que se encontravam ao seu redor, especialmente com a dominação militar – como do seu conflito contra os *geats*.

⁵⁷ Nessa contagem, Earl não incluiu a morte acidental de Herebeald pelo irmão e nem a morte de seu pai, Hrethel.

⁵⁸ “They are recounted in five passages, amounting to just 145 lines (...) but never entirely clear, because of many uncertainties in the plot as the poem presents it” (EARL, 2015, p. 36).

⁵⁹ Destacamos, para evitar confusões geográficas, que a região da Gotalândia faz referência a uma das três regiões históricas da Suécia, junto com Norlândia e Suelândia (*Götaland, Norrland Svealand*, respectivamente em sueco), não à Ilha da Gotlândia, localizada a leste da Escandinávia. É possível encontrar ambas as regiões sendo referenciadas simplesmente como “*Gotlândia*”, entretanto se trata de uma simplificação da tradução.

⁶⁰ Uma das formas de fazer referência aos Suíones. O termo está em uso até hoje, como a *Moder Svea*, personificação nacionalista da Suécia: uma guerreira armada com uma espada e um escudo com um leão sentado aos seus pés.

⁶¹ No sueco moderno, a tradução do nome da floresta seria Ramshult; em português, torna-se Bosque/Floresta do Corvo.

Figura 1 – A Geografia de Beowulf – Versão de Richard North (2006)



Na imagem, podemos ver o termo *Geats* na região de Gautar⁶², parte sul da Suécia, como possível localização geográfica do reino. Ao Norte encontramos *Swedes*, possível terra ocupada pelos suíones (NORTH, 2007, p. 97)⁶³.

As conquistas militares atribuídas a Hygelac, tio de Beowulf, também trazem luz à história da tribo. Descritas por Gregório de Tours em sua obra *Historia Francorum* como locais onde ocorreram expedições de invasão e de pilhagem nas terras dos

⁶² Raymond Wilson Chambers (1921) apresentou a hipótese desta localização devido à forma como o termo *geats* era falado em *Old Nordic* e *Old English*: os nomes *geats* e *Gautar* correspondem exatamente, seguindo a normas fonéticas de desenvolvimento do inglês antigo (*Old English*) e o nórdico antigo (*Old Nordic*) (CHAMBERS, 1921, p. 2).

⁶³ Deixamos claro a existência de inúmeras teorias e discussões referentes à exata localidade das tribos. Entretanto, devido à proposta da presente dissertação, ter uma noção básica da região como um todo já satisfaz a necessidade de compreender de onde os guerreiros vieram e contra quem estavam lutando, especialmente durante a guerra dos *geats* contra os Suíones, que levou ao fim da tribo.

Franco por um rei dinamarquês chamado por Gregório de Chlochilaicus (TOURS, 1976, p. 199), a versão em latim do nome de Hygelac (CHAMBERS, 1921, p. 2).

Documentos históricos produzidos por outros povos podem fornecer informações importantes sobre Gotalândia, além da influência no contexto e do poder dessa região. Podemos mencionar a *História Natural*, de Ptolomeu, *Germania*, de Tácito, e as *Histórias*, também chamada de *História das Batalhas de Justiniano I-VI*, de Procópio (CHAMBERS, 1921, p. 9), o que torna a teoria de que os *geats* eram da região da Gotalândia ainda mais forte⁶⁴, fornecendo uma relativa certeza geográfica.

Após esse conflito familiar entre os sucessores do trono, o poder real passa para Beowulf, que reina por cinquenta anos com muita fartura e prosperidade (BEOWULF, 2011, versos 2210-2212). Um escravo fugitivo, porém, encontra uma caverna cheia de tesouros e acorda um dragão, o que força Beowulf a entrar em uma última batalha. Em resultado disso, o guerreiro *Geat* e o Dragão morrem no combate e, durante o discurso de luto de Wiglaf, profetiza-se o fim dos *geats* (BEOWULF, 2011, versos 3200-3182), tribo de Beowulf.

O manuscrito também menciona o “episódio de Finnburh”, presente nos versos 1068 até 1159. Através de um *scop* – uma espécie de poeta-bardo anglo-saxão que tinha como função cantar, animar e divertir os convidados do salão real, o *MeadHall*⁶⁵ – o episódio é narrado diretamente pelo autor do poema. Ou seja, a narrativa do *scop* é parafraseada para o leitor pelo eu lírico, ao invés de narrada diretamente pelo *bardo* como um personagem. Trata-se de informações complementares do *Manuscrito de Finnburh*, outro documento narrativo escrito em inglês anglo-saxão. O manuscrito

⁶⁴ Destaca-se que ainda existem inúmeras outras teorias, tanto olhando para o poema em uma visão mais mitológica quanto histórica, como do semideus *Beowa*. Não se pode deixar de mencionar que essas não são as únicas. Beowulf poderia ser um guerreiro Viking de Gotlândia, uma ilha a leste da Suécia, ou simplesmente “uma história inventada por um bardo para a corte germânica que não esqueceu seu passado” (GALVÃO, 1992, p. 9-10). No entanto, tais teorias pouco contribuem para o avanço dos Estudos Beowulfianos, sendo abandonada no começo do século XX. Iremos apresentar tal problemática teórica mais à frente.

⁶⁵ O salão real pode ser identificado como um dos centros sociais e culturais da sociedade anglo-saxônica. Praticamente todos os rituais estudados na presente dissertação estão relacionados ao salão, justamente pela existência de uma Troca Voluntária-Obrigatória presente na Economia do Dom: embora seja papel do doador *doar* algum tipo de material para que a troca social seja realizada, o ambiente e a forma que o rito é feito podem ser tão importantes quanto o objeto doado. Um grande destaque é dado a Heorot durante a introdução do poema: o Salão Real de Hrothgar pode ser identificado como o centro do sucesso, a representação física do sucesso, sorte e *mana* dele, constituindo grande parte do primeiro arco, de uma forma ou de outra, interligada com o edifício. Iremos explorar o *meadhall* no último capítulo, mas mais detalhes podem ser vistos em *The Meadhall*, de Stephen Polington (2010).

narra um combate entre os *danos*⁶⁶, povo ao qual Beowulf presta auxílio, e os *frísios*, no qual os últimos realizam um ataque surpresa ao Salão Real dos primeiros.

Diferente do manuscrito, o episódio do poema descreve uma das consequências do combate: a necessidade da paz através dos tratados e das marcas inerentes a eles. Por exemplo, quando “[...] se narra o sofrimento pela perda dos que se foram durante o prélio (em especial o da mulher que, diante da pira funerária, vê arder os corpos de um filho e de um irmão)” (RAMALHO, 2012, p. 216), o trecho, além de expandir a contextualização e de apresentar novos personagens históricos na narrativa de *Beowulf*, também permite explorar as amarguras advindas da guerra: ao invés de mostrar somente glória e conquista pelos feitos dos guerreiros idealizados no poema, demonstra o comportamento guerreiro germânico em um momento de tristeza e de sofrimento, representado através de um casamento arranjado com o objetivo de paz e das consequências desse estado.

Durante toda a narrativa presente no poema *Beowulf*, podemos identificar informações referentes ao processo anterior do desenvolvimento dos reinos anglo-saxões: a Era da Migração dos Povos Germânicos. Ao combinarmos o contexto de composição da Ânglia Oriental do século VIII e as informações presentes na narrativa, podemos entender como surgiu uma necessidade da elite aristocrática da sociedade de definir um ideal específico para os pares.

Ao entender o que levou o século VIII a apresentar o *guerreiro* idealizado da forma que reproduziu, o que engloba características e necessidades implícitas na titulação, observamos o contexto em que o poema foi composto. Utilizaremos o poema como um aporte *resultante dos processos históricos*: ele será o *evento*, o momento “(...) explosivo (...) com sua chama excessiva, enche a consciência dos contemporâneos” (BRAUDEL, 2019, p. 45), dando significado para aqueles que escutavam, aprendiam e tomavam como ideais tais informações no momento da composição, mas que está intimamente ligado, “(...) livremente ou não, a toda uma corrente de acontecimentos, de realidades subjacentes, e impossíveis, parece, de destacar desde então uns dos outros” (BRAUDEL, 2019, p. 45).

⁶⁶ Sinônimos do povo que vivia na atual região da Dinamarca durante o período da Alta Idade Média. Ao utilizar o termo *danos/danes* e não *dinamarqueses*, pretendemos demonstrar uma diferenciação entre ambos. Devido aos inúmeros eventos históricos que ocorreram desde o século V até a atualidade, questões que modificaram o significado de *dinamarquês*, acreditamos que a distinção seja necessária.

Destacamos que a discussão não abrangerá todos os povos germânicos, apenas aqueles considerados fundadores dos reinos anglo-saxônicos: *anglos*, *saxões* e *jutos*, além daqueles presentes na narrativa do poema. Não trataremos daquelas populações que estavam na ilha antes da chegada dos três grupos (como Celtas, Britiânos, Escotos ou Pictos). Os próprios romanos, fundadores da Britânia, não sabiam quem eram, como afirma Tácito “Quem eram os primeiros habitantes da Britânia, sejam eles nativos ou imigrantes, permanece um mistério, algo esperado quando lidamos com bárbaros⁶⁷ (TACITUS, 2009, p. 54-55), tendo tais grupos pouco impacto na formação social dos anglo-saxões.

Isto porque toda cultura e todo comportamento anterior a ela foi, como comentado anteriormente, erradicados após o abandono da administração romana⁶⁸. Com a retirada das tropas romanas, em aproximadamente 450⁶⁹, a ilha se encontrava em uma anarquia política, com o desenvolvimento das bases da cultura social e

⁶⁷ “Who the first inhabitants of Britannia were, whether natives or immigrants, remains obscure, as one would expect when dealing with barbarians. But their physical characteristics vary, and that variation is suggestive” (TACITUS, 2009, 54-55).

⁶⁸ Raros autores tentam defender o contrário: defender uma possível permanência, especialmente de partes administrativas cristianizadas e romanizadas, baseada em “(...) pouco mais do que nomes com os quais a imaginação dos séculos posteriores tratou à vontade” [(...) little more than names with which the imagination of later centuries has dealt at will] (STENTON, 1971, p. 1). No entanto, deixamos claro que “não temos uma evidência conclusiva que qualquer tipo de vida organizada semelhante ao estilo encontrado nas cidades Romano-Britanas tenha sobrevivido ao corte de comunicações e aos problemas do século cinco” [“There is at present no conclusive evidence that the organized life of any Romano-British town survived the severance of its communications in the troubles of the fifth century”] (STENTON, 1971, p. 3, tradução nossa), como exploraremos mais abaixo.

⁶⁹ A Historiografia Anglo-Saxônica, quando focalizada no processo de ocupação anglo-saxã e não na história romano-britana do período anterior a 446, tende a generalizar certos acontecimentos devido a inconsistências nas fontes que mencionam tais feitos. Por exemplo: caso se compare as datações ou as descrições de Gildas, Nennius e Beda, referentes ao processo de resistência dos britanos em relação às incursões dos pictos, escotos e “bárbaros” em geral, tal movimentação inicia-se no século IV e já conta com ajuda de federados – que possivelmente formam raízes na ilha – e somente no século V, com uma segunda leva de ataques, que o convite do rei Vortigern é feito para que os saxões defendam novamente a ilha. No entanto, ainda é possível afirmar a existência de um outro processo de resistência dos romanos-britanos (ou só *britanos*, tendo em vista o abandono do Império): a figura de Arthur, realizou 12 batalhas entre 500-540 que permitem descrever uma certa retomada de poder para os nativos da ilha. Ou seja, se ignorarmos as generalizações e tentarmos criar uma linha do tempo, podemos afirmar que: 1) século IV: primeiras incursões dos pictos, escotos e “bárbaros”, defendidas por soldados romanos e *federados*; 2) século V: segunda onda de invasões dos mesmos povos, mas devido à retirada do exército romano, Vortigern realiza o famoso convite aos saxões; 3) saxões, anglos e jutos procuram se estabelecer na ilha, mas encontram um segundo processo de resistência *britana*, nas figuras de Aetius, Ambrosius Aurelius e Arthur, que prosperaram por mais 50 anos; 4) somente na segunda metade do século VI, já com alguns grupos anglo-saxões-jutos estabelecidos (algo que não podemos afirmar *como*, tendo em vista a falta de fontes), que uma hegemonia germânica pode ser vista e os reinos começaram a ganhar origens, alguns datando os primeiros reis – as origens lendárias já mencionadas – no século V, mas com um corpo e uma estrutura *física* no século VI. Para mais detalhes das inconsistências das fontes que referenciam o período, ver *The Anglo-Saxon Age*, de Douglas J. V Fisher (2014); *Early Medieval Britain: the rebirth of Towns in the Post-Roman West*, de Pam J. Crabtree (2018); ou *A Brief History of Roman Britain*, de J. P. Alcock (2011).

política dos primeiros reinos do período pré-anglo-saxônico. Dorothy Whitelock (1968) destaca a importância desta desestruturação do poder centralizado de Roma na ilha, pois foi naquele momento que se abriu o espaço para que povos em processo de migração adentrassem na região e se estabelecessem como novo grupo dominante.

Há muito já ocorria o emprego de guerreiros como mercenários, utilizados constantemente pelos romanos como forma de manutenção do poder administrativo, fato que se intensificou com a saída do exército no início do século V e a necessidade de uma proteção maior, ao norte, contra as constantes invasões dos Pictos e dos Irlandeses. Gildas, por exemplo, descreve como Vortigern, rei-guerreiro britano, chamou muitos saxões mercenários⁷⁰ para defender a ilha, mas que logo após a vitória foi traído. O período passa a ser conhecido como “tormenta saxã”.

Então eles organizaram uma assembleia e junto com o conselho, como deve ser feito, questionaram-se em que lugar deveriam procurar por ajuda para repelir tais repetidas devastações selvagens causadas pelos povos do norte. Assim, como pareceu melhor para todos, e para seu rei, Vortigern era seu nome, convidar à sua ajuda o povo saxão de partes além do mar. [...] Os recém-chegados faziam parte das três raças mais fortes da Germânia, chamados saxões, anglos e jutos⁷¹ (GILDAS, 1999, p. 24-25, tradução nossa).

Questionamos, também, autores como Roger Collins (1999) que tentam defender uma suposta “reminiscência” do cristianismo. O monge Gildas (c. 500 – c. 570), em sua obra *De excidio et Conquestu Britanniae (Sobre a ruína e a conquista da Britânia)*, descreve os eventos que marcaram o fim do costume cristão-romano graças à entrada de mercenários saxões nas guerras travadas contra os Pictos ao norte, como o caso do já citado Vortigern.

Este contemporâneo esclarece que

“[...] quando esses [nativos pré-germanos] foram expulsos desse mundo, uma nova raça sucedeu, ignorantes perante esse período problemático e apenas presenciaram prosperidade, todas as leis da verdade e da justiça foram abaladas e subvertidas, **a ponto de que**

⁷⁰ Uma das principais problemáticas desse período de formação do povo germânico é compreender qual papel social-aristocrático usaram para certos grupos. Barbara Yorke (2003, p. 15) destaca que certas tribos eram organizadas em chefes guerreiros, que ganhavam poder através de um sucesso militar, mas que não necessariamente possuíam o mesmo poder ou influência que um rei e a estrutura aristocrata propriamente dita.

⁷¹ “They then gathered an assembly and took counsel together, as to what should be done, and where they should look for help to avoid and repel such savage and repeated devastations of the northern nations. Then, it seemed best to all, and to their King, Vortigern by name, to invite and call in to their aid the people of the Saxons from the parts beyond the sea. (...) The new-comers were of the three strongest races of Germany, namely, Saxons, Angles and Jutes” (MILLER, 1999, p. 24-25).

apenas vestígios ou lembranças dessas virtudes foram mantidas entre os homens das altas classes, exceções entre a grande multidão que diariamente corria de cabeça para o inferno⁷² (GILDAS, 2000, p. 19-20, tradução nossa, grifo nosso).

Gildas, ao escrever seu relato da ruína da Britânia, expõe informações impregnadas de uma religiosidade, de uma escatologia marcante e de eventos com datas questionáveis após descrever uma *tentativa falha* de continuidade dos costumes cristãos-romanos na ilha. Sir. Frank Stenton adverte, entretanto, que “não existe uma evidência conclusiva que qualquer tipo de vida organizada semelhante ao estilo encontrado nas cidades Romano-Britanas tenha sobrevivido à interrupção das comunicações e aos problemas do século cinco⁷³ (STENTON, 1971, p. 3, tradução nossa).

As áreas que antes pertenciam à província romana da Britânia pouco tiveram impacto cultural no comportamento social ao longo da formação dos reinos anglo-saxões, pois qualquer costume ou comportamento cristão foi incorporado e posteriormente apagado pelo comportamento germânico (especialmente, pelo seu caráter adaptativo e politeísta). Assim, as estruturas político-sociais das tribos germânicas persistiram no comportamento e na cultura das populações que se formaram a partir dessas migrações em massa, dando início a um período de transição entre uma cultura germânica e a ascensão de uma nova cultura, incluindo uma nova religião, perceptível nos poemas épicos.

Nestes comportamentos, podemos observar o mundo cultural dos anglo-saxões: os ideais, as relações familiares, as estruturas aristocráticas, as relações entre reinos e, especialmente o que nos interessa nesta dissertação, os ritos⁷⁴ sociais da camada guerreira. Procurar uma fonte anglo-saxônica como referência a um comportamento inicial termina em frustração: a *Crônica Anglo-Saxônica*,

⁷² “(...) when these had departed out of this world, and a new race succeeded, who were ignorant of this troublesome time, and had only experience of the present prosperity, all the laws of truth and justice were so shaken and subverted, **that not so much as a vestige or remembrance of these virtues remained among the above-named orders of men, except among a very few who, compared with the great multitude which were daily rushing headlong down to hell** (GILDAS, 1999, p. 19-20, grifo nosso).

⁷³ “There is at present no conclusive evidence that the organized life of any Romano-British town survived the severance of its communications in the troubles of the fifth century” (STENTON, 1971, p. 3).

⁷⁴ Na presente dissertação, realizamos uma diferenciação entre a ideia de *ritos* e de *rituais*. Ritual pode ser visto como uma cerimônia completa (por exemplo, o Ritual de Doação); os Ritos são *parte* da cerimônia (seguindo o exemplo, pode ser o item doado, a forma de doação, a aceitação, o discurso etc.). De forma simples, enquanto consideramos um o *objeto completo*, o outro, embora possa ser analisado sozinho, é *parte* deste objeto completo.

indubitavelmente fonte histórica mais citada da Idade Média Inglesa, só possui 12 breves relatos sobre os primeiros 50 anos do século VI, incluindo uma breve resistência militar por parte dos britânicos com Arthur⁷⁵. A partir de 449, encontramos uma menção similar à de Gildas, referente aos povos fundadores, sendo o último relato datado de 495, logo após o início da resistência britana; só em 547, volta-se a ter registros significativos⁷⁶. Outras fontes, entretanto, auxiliam na compreensão deste momento.

Tácito oferece uma das primeiras classificações dos povos germânicos. Eles poderiam ser divididos em três grandes grupos: *Ingvaeonic*, *Irminonic* e *Istvaeonic*⁷⁷ (TACITUS, 2009, p. 77). Segundo Francis Owen, trata-se, no entanto, de uma separação a partir de um culto religioso similar “[...] e não devem ser compreendidos como unidades políticas” (OWEN, 1960, p. 87, tradução nossa). É, dessa forma, uma característica semelhante entre os grupos de cada categoria que Tácito provavelmente utilizou para agrupá-los.

Acredita-se que o processo migratório dos povos germânicos tenha se iniciado a partir de dois eventos: 1) o conflito causado pela expansão dos Hunos no Oriente, forçando uma movimentação de povos menores para Oeste, especialmente das tribos germânicas; 2) a necessidade climática e alimentícia (OWEN, 1960, p. 70-75), considerando que o nomadismo era fundamentado tanto no comportamento e nas estruturas políticas quanto na relação direta entre quem era dono dos rebanhos, ou seja, quem estipulava as futuras ações da tribo, incluindo o processo de migração⁷⁸.

⁷⁵ A figura de Arthur é enigmática, tanto pela falta de fontes como pela lenda que surgiu em volta de tal indivíduo. Popularmente conhecido como Rei Arthur, o líder britano era, muito provavelmente, um general de grande sucesso. Os feitos dele, ocorridos entre os anos de 505 até sua morte em 538, resultaram em uma Crônica Anglo-Saxônica que menciona, durante toda a primeira metade do século, apenas a ocupação da ilha de Wight (WHITLOCK, 1991, p. 12).

⁷⁶ Como encontrado na *Crônica Anglo-Saxônica*, tradução de James Ingram (1823) e corrigida e disponibilizada por Douglas B. Killings em 1996 em domínio público. A figura de Arthur – e a resistência britana com um todo – pode ser encontrada a partir da página 24-25, de acordo com os eventos cronológicos descritos. Para mais detalhes, ver a Crônica Anglo-Saxônica disponibilizada em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu000657.pdf>.

⁷⁷ A professora Maria Lucília F. Meleiro, em sua obra *A Mitologia dos Povos Germânicos* (1994, Editorial Presença, Lisboa), propôs a seguinte tradução para os grupos: *Ingevones*, *Herminones* e *Istevones*, respectivamente. Os termos traduzidos, porém, são escassos na historiografia luso-brasileira e muitas vezes trazem interpretações diferentes. *Irminonic*, por exemplo, da versão original de Tácito, é encontrado tanto como *Herminones*, *Hermiões* ou *Hermiones*. Devido à proposta da dissertação, escolhemos utilizar o termo original de Tácito presente na tradução de Harold Mattingly, responsável pela edição citada.

⁷⁸ Nessa relação de poder, o acúmulo de bens materiais (sejam em objetos valiosos ou em gado) pode ser visto nos primeiros momentos da formação dos reinos anglo-saxões, como na conquista territorial da Mércia na *Tribal Hidage*, a qual demonstra a imposição de tributos para que o reino dominado não fosse atacado militarmente.

Assim, a partir do processo migratório dos três povos fundadores, compreenderemos como o comportamento germânico se estabeleceu na ilha Britânica.

Acreditava-se que os Saxões, mencionados frequentemente por Ptolomeu, originam-se na atual região da Eslésvico-Holsácia⁷⁹, ao norte da Alemanha, mesma região dos já mencionados *Chatti*. Os achados arqueológicos também permitem argumentar que a região – por mais contato que tivesse com o Império Romano – manteve uma “[...] verdadeira cultura bárbara, intocada pelas influências romanas que já afetavam a vida dos Francos”⁸⁰ (STENTON, 1971, p. 11, tradução nossa).

Os anglos, por outro lado, aparecem muito mais na obra de Tácito. De acordo com o senador romano, os anglos pertenceriam a uma confederação de povos organizada no nome de *suevos*⁸¹, que cultuavam o deus Nerto. Assim como os Saxões, acredita-se que os anglos pertenciam à região central do Norte da atual Alemanha, caso se leve em consideração apenas os registros de Ptolomeu, presente na tradução da História de Paulo Orósio, ou nas margens Oeste do rio Elba, sendo eles vizinhos próximos dos Saxões, como descreve Tácito e o poema *Widsith*. A dupla possibilidade, no entanto, não afeta de forma considerável o resultado: o processo migratório dos anglos vinha de algum lugar do Norte da Alemanha.

Por último, os Jutos possuem uma origem mais obtusa em relação aos outros dois. A própria menção de um povo juto muda gramaticalmente entre as fontes, a ponto de não permitir, com certeza, mencionar este grupo. Chamados de *Iutae*, *Saxones Encii*, *Euthiones*, *Eotas* ou *Eutones*, acredita-se que os jutos eram um pequeno grupo subordinado, ou pelo menos, próximo, a ponto de ser influenciado pelos Saxões. Geograficamente, o registro de Beda parece mais verossímil: a região de *Angulus*, local de origem dos anglos, situava-se entre os Saxões e o Jutos. É possível, portanto, que se trate do mesmo povo da região da Jutalândia, porção continental da Dinamarca. É da região norte da Europa ocidental, portanto, que encontramos as origens das primeiras bases germânicas do comportamento anglo-saxônico que se tornará padrão nos séculos seguintes (WHITELOCK, 1968, p. 11).

⁷⁹ Do original *Schleswig-Holstein*.

⁸⁰ “(...) a true barbaric culture, untouched by the Roman influences which were already affecting the life of even the eastern Franks” (STENTON, 1971, p. 11).

⁸¹ Do original, *suevi* ou *suebi*. É importante destacar que, durante a tradução do inglês ou do latim para o português-brasileiro, existe uma constante confusão entre os *suevos*, povo da região germânica, e os *suíones*, povo da região escandinava.

É importante destacarmos um quarto grupo, não citado por Beda: os Frísios. As motivações da ausência deste povo têm sido debatidas na historiografia, desde as traduções dos escritos de Procópio. A arqueologia se torna a principal referência das argumentações, tendo em vista sua ausência nas principais fontes anglo-saxônicas. No poema *Beowulf* e no *Fragmento de Finnsburg*, porém, a figura de Hengest é mencionada como um líder danes que lutou na Frísia (BEOWULF, 2011, versos 1082-1091). O único Hengest conhecido nas fontes é o mesmo que participou da fundação de Kent. A informação ganha mais força a partir das informações de Nennius, que destacou que: “[...] entre os primeiros colonos germânicos que lideraram a ocupação da Nortúmbria, [...] existia um filho e um sobrinho de Hengest”⁸² (FISHER, 2014, p. 25, tradução nossa).

A falta de menção direta aos frísios por parte de Beda pode ter, entretanto, uma justificativa simples: *vikings, danes, saxons, angles, jutes* e quaisquer outras denominações para os povos invasores daquele período eram utilizadas como termos generalistas; o monge da Nortúmbria pode ter considerado os frísios daquele período anterior extremamente semelhantes aos saxões, devido às semelhanças⁸³, à migração conjunta e aos espaços de ocupação daqueles povos.

O contato com os povos germânicos era dúbio, ora descritos como aliados, ora como inimigos. É possível afirmar que parte desses povos foi incorporada e romanizada nas regiões marginais onde observamos uma troca de lealdade política pelo controle das terras, tornando-se importantes mercenários ou federados. A relação era, contudo, instável e complexa: Tibério, por exemplo, aniquilou o reino Marcomano, próximo ao rio Reno, aproximadamente no século IV.

Estes eram responsáveis pelo comércio e pelas ligações entre os povos germânicos que migraram para a *Scandia*⁸⁴ e, portanto, esse contato foi fechado. Isolados culturalmente, as populações da Escandinávia desenvolveram uma cultura própria, tendo pouco contato com o continente até o processo de invasões se iniciar,

⁸² “(...) Among the earliest leaders of the Germanic settlers in Nortúmbria, according to Nennius, were a son and nephew of Hengest” (FISHER, 2014, p. 25).

⁸³ A arqueologia novamente se torna uma grande aliada: durante o processo migratório dos saxões, acredita-se que a tribo tenha se instalado em espaços ocupados pelos frísios durante parte do século V, antes de se movimentar novamente para a ilha da Inglaterra. Prova disso são os broches e os objetos ornamentais encontrados nas encostas da Germânia, em especial nas partes em que são atribuídas às terras do povo saxão, assim como as partes que Carlos Magno converteu durante o século VIII ainda ocupadas pelos saxões, em relação às partes que os saxões e frísios (no caso do último, *provavelmente*) ocuparam na ilha (FISHER, 2014, p. 23-26; STENTON, 1971, p. 6).

⁸⁴ Semelhante ao uso do termo *danes/danos* ao longo da dissertação, utilizamos *Scandia* para diferenciar a *região da Escandinávia* na Idade Média e a Escandinávia atual.

seja por pequenos grupos, como os que invadiram a Frísia no começo do século VI, registrado no poema Beowulf, e por Gregório de Tours, na *Historia Francorum*, ou por maiores concentrações, como a Invasão Viking na região da Inglaterra a partir do final do século VIII.

O massacre também revelou a existência de uma relação que poderia ser rompida a partir do momento que a estrutura política interna de Roma sofresse alguma mudança, sendo que a relação entre o Império e os povos germânicos mudava de um imperador para outro. Enquanto Tibério guerreou, Teodósio recebeu grandes elogios dos Godos.

Segundo Maria Lucília F. Meleiro (1994), o imperador foi

[...] apelidado por Jordanis de *amator generis Gothorum*, o grande amigo dos Godos. Constantino, porém, preferia os Francos, enquanto Graciano se rodeia de Alanos. Aécio recorre a mercenários hunos [...] para a pacificação das tribos revoltadas e invasoras de Francos e Visigodos [...]. Alguns anos mais tarde, serão os visigodos que colaborarão com Aécio (...) para deter os Hunos em 451 (MELEIRO, 1994, p. 25).

Com o início das migrações em larga escala em meados do século V, a chegada desses grupos marca, para história da Inglaterra, o período em que se formam as primeiras estruturas culturais e políticas dos reinos anglo-saxões, como apresentado nos mitos de origem dos diversos reinos do século VII, com os fundadores lendários⁸⁵. Como afirma Andrew Sanders: “[...] trouxeram com eles a sua língua, o seu paganismo e as suas singulares tradições guerreiras” (SANDERS, 2005, p. 32), além do desenvolvimento posterior do que chamamos de Heptarquia.

Nesse período de estruturação, observamos uma necessidade dos reinos anglo-saxônicos em justificar o passado germânico, através de menções a personagens míticos⁸⁶ em suas genealogias reais, muitas vezes, utilizadas pelos

⁸⁵O termo “Lendários” utilizado possui dois significados possíveis: 1) do fato de serem um *mito fundador*, ou seja, pouco se sabe sobre a pessoa ou se tal indivíduo realmente existiu, mas se acredita e existem registros da sua possível existência (como manuscritos das árvores genealógicas reais); 2) de serem personagens que provavelmente existiram, mas que seus feitos o tornaram personagens *míticos* na cultura anglo-saxã, passando de uma característica apenas humana e se tornando um personagem *idealizado*, como no caso de Offa, que aparece como rei da península da Ânglia, hoje território da Alemanha, próximo aos jutos.

⁸⁶ O termo mítico deve ser compreendido em devida complexidade. Assim como o conceito de “lendários” implica em uma possibilidade de não existência, “mítico” envolve tanto a ideia de *mito narrativo* como *poder mítico*. O fundador dos Scyldingas, família real ao qual Hrothgar, rei dos *Danes*, faz parte, Scaef/Scyld possui uma força sobre-humana. Também aplicamos o termo na figura de Offa, rei lendário dos anglos, possível fundador da Mércia.

grupos no poder para justificar sua posição perante a sociedade, especialmente, no século VIII. Segundo Barbara Yorke:

Existia um forte desejo dos governadores Anglo-saxões do século VIII de possuir alguma relação com os heróis germânicos existentes nos séculos IV e V, momento em que a poesia heroica anglo-saxã se firmou e se desenvolveu, mas a inclusão dessa descendência heroica é muito mais ligada a um estabelecimento literário do que um fato histórico⁸⁷ (YORKE, 1997, p. 15, tradução nossa).

Outra questão fundamental na formação do comportamento marcial e dos reinos anglo-saxônicos advém de como a religiosidade afeta diretamente no cotidiano da aristocracia militar, o topo hierárquico político da sociedade, o que permite compreender como a influência do paganismo germânico, em especial o *mana* e a ideia de “sorte” do rei-guerreiro/líder-guerreiro, concomitante ao comportamento marcial marcante da sociedade, é adaptada à ascensão do cristianismo após o século VII, mas que continua presente na poesia heroica anglo-saxã, em especial o poema *Beowulf*.

Durante o período em que os anglos, os Jutos e os Saxões iniciaram o processo de invasão e de ocupação da Ilha Britânica, a cultura e o comportamento desses grupos ainda eram puramente germânicos⁸⁸. Embora o poema *Beowulf* possua, em certas partes, um conteúdo claramente cristianizado, como as menções diretas a Deus que podem ter sido adicionadas para servir de ferramenta de conversão devido ao contexto de sua composição, o século VIII, o conteúdo expressa um comportamento esperado pelo guerreiro anglo-saxão germanizado: ações ainda envoltas de uma relação de Honra, de Glória, de Lealdade e de Conquista através de Feitos individuais como forma de validação do poder e da influência cultural e política do guerreiro.

⁸⁷ “Clearly there was a desire by the eighth century to connect Anglo-Saxon rulers with some of the Germanic heroes of the fourth and early fifth centuries, the time at which much of Anglo-Saxon heroic poetry was set, but the inclusion of these heroic progenitors in the pedigrees is more likely to have been literary embellishment than solid historical fact” (YORKE, 1997, p. 15).

⁸⁸ Quando olhamos para a Ilha Britânica no ano de 400, apenas o povo da Galês havia sido propriamente convertido ao Cristianismo, embora diferente daquele praticado pelo Império Romano. O argumento em defesa de uma permanência comportamental cristã, como já mencionado, perde força quando observamos os registros históricos que questionam tal conjuntura. Pode-se concluir, portanto, que as tribos Germânicas, “(...) com exceção dos Godos e aqueles associados a eles que foram convertidos para o Arianismo como forma de Cristianismo, ainda eram pagãos, incluindo os membros da Confederação Franca” (OWEN, 1960, p. 108), ou seja, ainda não haviam sido convertidos ou influenciados pelo Cristianismo na sua estrutura social.

Sendo assim, observamos no contexto do século VI, entre os habitantes do antigo território do Império Romano, que “(...) os anglo-saxões pareciam mais seus parentes Escandinavos pagãos do que seus vizinhos Francos cristianizados⁸⁹” (BLAIR, 2005, p. 8, tradução nossa). John Blair demonstra como tal distinção começa a mudar a partir de cinco fases: na primeira fase (597-c. 616), ocorre a missão de conversão do reino de Kent proposta pelo Papa Gregório e atribuída a Agostinho de Cantuária, em 597. Teve pouco impacto no comportamento anglo-saxão e na sua estrutura cultural propriamente dita.

Num segundo momento (c. 616-25), o Cristianismo é impulsionado pelo reino de Kent, patrocinando missões para a região da Ânglia Oriental e de Essex. A região da Ânglia, à qual atribuímos a composição do poema *Beowulf*, desenvolveu e construiu mosteiros e Igrejas justamente nesse período no qual a presença de copistas foi marcante. Acreditamos que este evento foi fundamental para que o reino de Ælfwald (713-750) tivesse as condições necessárias para que o manuscrito fosse escrito.

A Ânglia se destaca como um dos expoentes no desenvolvimento da literatura na Inglaterra Anglo-Saxônica. A primeira geração de monges letrados formou-se nos mosteiros de Kent, que “[...] em 630, um bispo da Ânglia Oriental, auxiliado pelos mestres de Kent, estabeleceu uma escola baseada no modelo de Kent⁹⁰” (GREENFIELD; CALDER, 1986, p. 9), durante o reinado do rei Sigeberth (c. 630-635). A partir desta escola, diversos outros mosteiros foram fundados em um curto período, o que motivou a produção de manuscritos e de registros históricos de todos os tipos. Outros mosteiros também foram fundados antes o reino de Ælfwald pelo rei Onna (c. 635-654). No entanto, sabe-se, a partir de cartas trocadas com Santo Bonifácio⁹¹ (c. 675-754), que durante o reinado de Ælfwald, foram fundados, ao menos, sete outros mosteiros, com o intuito de produzir e de incentivar a literatura.

De acordo com Sam Newton:

⁸⁹ “(...) Anglo-Saxons resembled their pagan Scandinavian relatives more than their Christian Frankish neighbors” (BLAIR, 2005, p. 8).

⁹⁰ “(...) in the 630s, a bishop of East Anglia, assisted by masters and teachers from Kent, established a new school based on this Kentish model” (GREENFIELD; CALDER, 1986, p. 9).

⁹¹ Santo Bonifácio é considerado pela historiografia como Apóstolo dos germanos por ter realizado missões conversoras em reinos com descendência germânica ou aqueles ainda considerados germanos no continente europeu.

Como todos esses mosteiros⁹² foram fundados ou estavam intimamente associados à família real Anglicana, qualquer um deles poderia ter fornecido o tipo de contexto clerical descrito pelo historiador Patrick Wormald⁹³, especialmente se esse verso heroico estivesse relacionado com a ascendência nobre de os próprios Wuffings⁹⁴ (NEWTON, 1993, p. 135, tradução nossa).

O rei também se destaca por ter patrocinado a redação da *Vita Sancti Guthlaci*⁹⁵, escrita pelo monge Felix. Além dela, outras três Vitas apresentam descrições diretas da produção de manuscritos do reino: *Foillan*, *Æthelbert* e *Edmund*. Outro registro histórico que permite discorrer sobre a influência da Igreja da Ânglia Oriental e a produção de conhecimento é a Crônica Anglo-Saxônica. Na mesma passagem que relata a morte do rei Anna (654^a, B e C, 653E), é descrito que Botulf começa a construção de uma Catedral em Icanhoe. Realizando um paralelo com outra fonte, *Vita Ceolfrith* (Ou Vida de Ceolfrith), encontramos o mosteiro construído por Botulf finalizado; narra-se que Ceolfrith, em suas viagens, "(...) também foi ao reino da Ânglia Oriental para observar as práticas monásticas do abade Botulf, descrito (...) como um homem de vida e aprendizado incomparáveis e cheios da graça do Espírito Santo"⁹⁶ (ANONIMO, 1968, p. 698, tradução nossa).

É possível argumentar, portanto, a possibilidade de que o reino da Anglia Oriental tenha desenvolvido uma tradição literária significativa, apresentando,

⁹² O termo da citação original *minster* é usado hoje como referência a uma catedral de grande importância histórica ou regional, como a *York Minster* (traduzido para Catedral de York em português). Entretanto, o termo tem sua origem do latim *monasterium*, transformado para *myster* no inglês antigo (de acordo com dicionário *Longman*) e era utilizado para fazer referência, no início, a edifícios religiosos de forma genérica. Em especial, Patrick Wormald (ver nota 89) utiliza o termo em seu estudo como sinônimo, da mesma forma que era feito no período anglo-saxônico, de *family-monastery*, mosteiros religiosos fundados por famílias nobres que usavam tal premissa para aumentar o *status* social (WORMALD, 2006, p. 53).

⁹³ Patrick Wormald é um dos historiadores que Sam Newton usa como base argumentativa para descrever como a ligação dos manuscritos produzidos pelos reinos e pelas famílias reais no poder (ou seja, como os descendentes dos Wuffings na Ânglia e a Igreja do reino) era forte, pois auxiliava no mantimento do poder, produzindo materiais que auxiliariam nessa estabilidade, questão que Barbara Yorke (1997) destaca bastante.

⁹⁴ "Because all of these minsters were founded by, or were closely associated with, the East Anglian royal family, any one of them could have provided the kind of clerical context described by historian Patrick Wormald as likely to have permitted the maintenance of Old English heroic verse, especially if such verse was concerned with the noble ancestry of the Wuffings themselves" (NEWTON, 1993, p. 135).

⁹⁵ A *Vita sancti Guthlaci* descreve, assim como inúmeras outras *Vitas*, os feitos milagrosos do monge Guthlac. Importante eremita e um dos responsáveis por prever a ascensão de Æthelbald, rei da Mércia, como rei, tem em seus feitos um constante combate contra demônios e previsões proféticas, como a própria morte.

⁹⁶ He came also to East Anglia to see the monastic practices of Abbot Botwulf, whom report had proclaimed on all sides to be a man of unparalleled life and learning, and full of the grace of the Holy Spirit (ANONIMO, 1968, p. 698)

inclusive, paralelos históricos com o reino de Kent no desenvolvimento de uma literatura própria, embora seja inegável que o processo foi interrompido com as invasões vikings e com a destruição de mosteiros⁹⁷. De qualquer maneira, a ideia de que um dos mosteiros do século VIII na Ânglia possa ter composto Beowulf ganha significância. Segundo Sam Newton, no século VIII, “[...] o reino de Ælfwald possuía todas as condições e todos os meios necessários para a composição do poema⁹⁸” (NEWTON, 1993, p. 134, tradução nossa).

É a partir da terceira etapa (c. 625-42), quando o rei cristão Eadbald de Kent casa a filha dele com o rei de Eadwine da Nortúmbria: a Igreja de Canterbury, iniciou, a partir da oficialização do matrimônio, uma missão de conversão do reino da Nortúmbria, iniciando o processo conturbado de conversão do norte da ilha. Ainda na terceira etapa, os missionários Felix, o Burgúndio, e Birius, o Italiano, tornaram-se responsáveis pela conversão de fato da Anglia Oriental e da região de Gewisse, norte de Thames.

A quarta fase (c. 653-664) é caracterizada pelo protagonismo do reino da Nortúmbria e das missões missionárias nele, além da substituição do cristianismo irlandês de Iona pelo romano. A quinta (c. 670-680) e última fase é marcada pela conversão de Sussex e da Ilha de Wight, o que nos permite afirmar que todos os reis ingleses posteriores ao final do século VII “(...) eram batizados e todos os **ingleses eram nominalmente cristãos**⁹⁹” (BLAIR, 2005, p. 9, grifo nosso). O impacto real dessa cristianização, no entanto, demorou para ser sentido no comportamento anglo-saxônico.

William Chaney (1970) já alerta

Na história, um povo não muda de pele da noite para o dia, e quando **é a carne e os ossos da sociedade que são afetados**, a transição deve ser ainda mais gradual. A nova religião dos ingleses deve, por alguns anos, ter sido amplamente interpretada em termos já familiares a uma cultura centrada no culto; elementos fundamentais deste último

⁹⁷ No século X-XI, com o fim dos embates e conflitos internos da ilha, e uma apaziguação nas relações entre os “nórdicos” e os “anglo-saxões”, que os copistas retomaram a escrita de manuscritos, na *scriptoria* (sala de escrita). Para Andrew Sanders, esta retomada atesta o reconhecimento “[...] de uma tradição mais antiga; ela sugere, também, amplamente, quão diversificada, complexa e sofisticada era a poesia do período anglo-saxônico” (SANDERS, 2005, p. 35).

⁹⁸ “(...) Ælfwald's kingdom possessed the means for the composition and preservation of the poem” (NEWTON, 1993, p. 134, tradução nossa).

⁹⁹ “(...) all English kings were baptized and all English peoples were nominally Christian” (BLAIR, 2005, p. 9).

continuaram (...) sob o disfarce cristão ao longo da história anglo-saxônica¹⁰⁰ (CHANEY, 1970, p. 2, tradução nossa, grifo nosso)

Beda, o Venerável, no século VIII, comenta sobre a dificuldade teológica que o cristianismo passou para mudar o cotidiano dos homens. Através da figura de Raedwald, rei da Ânglia Oriental, durante o século VII, encontramos como o monge percebe a vivência do rei: uma dualidade entre o cristianismo e o passado pagão. O conflito religioso é mencionado no livro II da História Eclesiástica do povo Inglês:

Raedwald foi introduzido aos ensinamentos sagrados de Cristo em Kent, mas pouco se importou; ao retornar para casa foi seduzido pela esposa e pelos mestres perversos e abandonou a fé pura em Cristo. E o seu último momento foi pior que o primeiro, pois, copiando o uso dos antigos Sármatas a muito tempo, foi visto servindo a Cristo e os ídolos falsos; e no mesmo santuário que possuía para os sacrifícios para Cristo possuía outro para o sacrifício para os demônios¹⁰¹ (BEDA, 1999, p. 66, tradução nossa).

No mesmo contexto histórico, retomando o final do século VII, encontramos os registros da *Vita Sancti Cuthbert*, composta em torno de 698, relatando os feitos religiosos e milagrosos do monge Cuthbert. A fonte, considerada uma das principais referências de Beda, o Venerável, tem como conteúdo principal a presença constante do conflito contra *demônios* e demonstra a presença de uma crença do paganismo germânico. Semelhante ao discurso de Beda referente a Raedwald, Cuthbert descreve como enfrentar uma tempestade apenas com a fé. Durante o caos, homens pagãos do outro lado do rio estariam zombando e insultando os monges na situação de perigo. O monge então os questiona o porquê zombar e não orar para Deus pela proteção dos monges. Os homens teriam respondido a um protesto referente ao apagamento de sua crença pelo cristianismo:

Que nenhum homem ore por eles [monges em perigo], e que Deus não tenha misericórdia de nenhum deles, pois roubaram aos homens os antigos métodos de adoração deles [dos antigos deuses] e ninguém sabe como a nova adoração deve ser conduzida. Cuthbert ouviu essa

¹⁰⁰ "In history a people does not shed its skin overnight, and when is *the societal flesh and bones that are affected*, the transition must be even more gradual. The new religion of the English must for some years have been interpreted largely in terms already familiar to a cult-centered culture; fundamental elements of the latter continued (...) under Christian guise throughout Anglo-Saxon history" (CHANEY, 1970, p. 2, grifo nosso).

¹⁰¹ Raedwald had been instructed in the sacraments of Christ's faith in Kent, but to no purpose; for on returning home he was seduced by his wife and unrighteous teachers, and left the first purity of Christ's faith. And his last time was rose than hist first, so that, imitating the usage of the old Samaritans long ag, he was seen to serve Christ as well as idols; and in the same sanctuary he had an altar for Christ's sacrifice and another to devils (BEDA, 1999, p. 66, tradução nossa).

resposta, ele se ajoelhou para orar a Deus, curvando sua cabeça no chão, e imediatamente o vento violento virou e levou as jangadas sãs e salvas para a terra, em meio às alegrias daqueles que as guiavam e as deixaram em local conveniente próximo ao próprio mosteiro¹⁰² (BEDA, 1985, p. 163-165, tradução nossa)

A história continua de forma interessante: ao ver o resultado da oração de Cuthbert, a fonte afirma que os pagãos ficaram envergonhados da própria crença e passaram a cultuar o monge e a crença dele. Para comprovar a história, é dito que o registro veio de um “(...) um irmão exímio do nosso monastério, que me contou essa história, homem de simplicidade nata e absolutamente incapaz de inventar uma mentira¹⁰³” (BEDA, 1985, p. 165, tradução nossa).

Os Concílios de Clofesho¹⁰⁴ também são fundamentais para entendermos o impacto do comportamento pagão durante a cristianização nos séculos VIII-IX. Em especial, podemos dar destaque ao de 747¹⁰⁵, que orientou padres e bispos a repudiar e a proibir práticas religiosas que não estariam ligadas ao Cristianismo (FISHER, 2004, p. 66; BLAIR, 2005, p. 114-115; CUBITT, 1992, p. 194). Os cânones 1 ao 24 faziam referência a diferentes aspectos da vida religiosa, mas toda envolviam as práticas e as relações sociais que o religioso deveria seguir.

Os cânones 10 até a 12, por exemplo, apresentam um conflito religioso diário demarcado pelas práticas mistas (cristãs e germânicas), nas quais a igreja deveria assumir a frente e impedir que as culturas se misturassem. Enquanto o 10 e o 11 focam no que deve ser feito, como escritos burocráticos e registros dos feitos legais, além do batismo, das lições e até dos julgamentos, a 12 foca no papel que os padres,

¹⁰² “Let no man pray for them [old gods], and may God have no mercy on any one of them, for they have robbed men of their old ways of worship, and how the new worship is to be conducted, nobody knows”. “When Cuthbert heard this reply, he knelt down to pray to God, bending his head to the ground, and immediately the violent wind turned about and bore the rafts safe and sound to land, amid the rejoicings of those who were guiding them, and left them in a convenient place near the monastery itself” (BEDA, 1985, p. 163-165).

¹⁰³ “(...) a very worthy brother of our monastery, from whose lips I heard the story, (...) very worthy brother of our monastery, from whose lips I heard the story, (...) a man of rustic simplicity and absolutely incapable of inventing an untruth” (BEDA, 1985, p. 165)

¹⁰⁴ Os concílios podem ser referidos como Clovesho ou Clofesho. Levando em consideração nossa principal referência para tais fontes, John Blair (2005) e Catherine Cubitt (1992), será feita uma preferência gramatical ao termo *Clovesho*.

¹⁰⁵ O Concílio de Clovesho foi transcrito pela primeira vez por Henry Spelman (1639) de um manuscrito da *Cotton Library*, hoje perdido, e posteriormente o texto foi copiado por diversos autores. O livro de Arthur West Haddan e Willian Stubbs, *Councils and ecclesiastical documents relating to Great Britain and Ireland (Vol. III)*, publicado em 1896, tornou-se uma das principais fontes para o estudo do Concílio. Nenhuma tradução para o inglês moderno ou para o português encontra-se disponibilizada para o público geral – nem para a compra, o que nos obriga a utilizar autores que fizeram estudos sobre ele ao invés de citações diretas daquilo descrito no Concílio. O manuscrito pode ser lido na íntegra (em latim) em: <https://archive.org/details/councilsecclesia03hadd/page/360/mode/2up>.

figuras centrais na conversão, devem tomar perante o comportamento do culto: “(...) o Cântone 12 requer que eles [padres/bispos] cantem o culto segundo as práticas e melodias litúrgicas, **não copiando o estilo dos poetas seculares**¹⁰⁶ (CUBITT, 1992, p. 196, tradução nossa, grifo nosso). Esses poetas seculares eram os antigos *scops* que cantavam sobre os antigos feitos como observamos no poema *Beowulf*.

A produção do monge Alcuíno ganha destaque durante esse estudo do processo de conversão dos povos pagãos. Mesmo que seus textos tenham sido produzidos cerca de 50 anos após o reinado Ælfwald, período ao qual atribuímos a composição do poema *Beowulf*, suas mais de 300 cartas trocadas com diversos bispos e monges da ilha Britânica e da Europa Continental enfatizam, em vários momentos, a necessidade de combater o comportamento germânico.

Conhecida como “*What has Ingeld to do with Lindisfarne?*”¹⁰⁷, a carta de Alcuíno faz referência a uma das frases mais marcantes da preocupação religiosa que o monge convivia. Enviada ao monge Speratus, Alcuíno reclama da metodologia de conversão aplicada pelo monge: ao invés de abominar os costumes antigos, como os Rituais de Elogio acompanhados de bebidas alcoólicas no *meadhall*, como visível no poema *Beowulf* em diversos momentos de comemoração pós-batalha, os monges aproveitavam a metodologia dos *scops* para impor a narrativa cristã. Na visão de Alcuíno, essa não seria a forma correta de se converter os anglo-saxões:

É certamente melhor que o bispo de Cristo seja mais elogiado por seu desempenho na igreja do que pela pompa de seus banquetes. Que tipo de elogio é válido quando a mesa é farta, que mal possa ser erguida, mas, ainda assim, Cristo está olhando para a porta? (...) É melhor que o pobre coma à sua mesa do que animadores e pessoas de comportamento extravagante. Evite aqueles que bebem muito, como diz a beata Jerônimo, “como o poço do Inferno”¹⁰⁸ (ALCUINO, 1993, p. 124, tradução nossa).

A segunda carta revela tanto outra crítica a forma de conversão como demonstra a presença constante do paganismo na sociedade anglo-saxônica do século VIII. Conhecida como “*On the sack of Lindisfarne by Northman in 793*”, Alcuíno revela

¹⁰⁶ “(...) Canon 12, commands that they should sing the services in church following liturgical melodies, **not imitating the style of secular poets**” (CUBITT, 1992, p. 196, grifo nosso).

¹⁰⁷ O manuscrito original está compilado no MSS: London, BL, Harley, 208, 102-r-104v. Disponível em: http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Harley_MS_208.

¹⁰⁸ “It is surely better that Christ’s bishop is more praised for his performance in church than for the pomp of his banquets. What kind of praise is it that you table is loaded so high that you can hardly be lift and yet Christ is staring at the door? (...) It is better that the poor should eat at your table than entertainers and persons of extravagant behavior. Avoid those who engage in heavy drinking, as blesses Jerome says, “like the pit of Hell” (BULLOUGH, 1993, p. 124).

opiniões sobre o porquê, sempre partindo de um sentido teológico de punição, o mosteiro foi atacado por povos pagãos: tenta argumentar que a culpa era dos monges que ali vivem, pois eram pecadores.

Encontramos a menção de diversos traços e rituais importantíssimos para a cultura germânica e anglo-saxã: os rituais de doação, de beber e de valorização de feitos individuais¹⁰⁹ como algo que deve ser *combatido* e que um servo de Deus não poderia realizar tais ações:

Não se vanglorie da vaidade do vestuário; isso é motivo de vergonha, não de orgulho, em sacerdotes e servos de Deus. Não confunda as palavras das orações com embriaguez. Não saiam atrás das indulgências da carne e da ganância do mundo, mas permaneçam firmes no serviço de Deus e na disciplina da vida monástica, para que os santos padres de quem vocês são filhos não deixem de protegê-los. Que vocês permaneçam seguros por meio de suas orações, enquanto seguem seus passos. Não sejam filhos degenerados, tendo tais pais¹¹⁰. Eles não deixarão de protegê-los, se virem que seguem os exemplos deles¹¹¹ (ALCUINO, 1993, p. 109, tradução nossa)

A crítica realizada por Alcuíno referente à forma que os homens estavam vivendo e se relacionando com o mundo é, novamente, encontrada glorificada ao longo do poema *Beowulf*: a vestimenta como artifício de comprovação de poder é visível em diversos momentos, assim como o ato de festar, os prazeres advindos da luxúria, além da honra e da glória conquistadas apenas em batalha e pelo acúmulo de bens, o que resultam em aspectos pedagógicos ao serem narrados para o público guerreiro do século VIII, como veremos no próximo capítulo.

¹⁰⁹ Como iremos explorar mais à frente, a *Economia de Doação* (ou a cultura em volta do Ato de Presentear) na *Era Heroica* (conceito referente aos períodos frequentemente referenciados nas culturas que se formaram pós-Era das Migrações, como os mitos de origem dos reinos anglo-saxônicos e a formação dos reinos medievais como um todo, entre os séculos IV-V) é, sem dúvida, um dos principais aspectos do comportamento social e cultural do povo germânico e anglo-saxônico quando analisamos o estrato marcial da sociedade. Ela envolve não só o ato de recebimento e de doação, mas sim circula toda a relação que o guerreiro terá com o mundo ao redor, com as metas e com os comportamentos perante os pares dele.

¹¹⁰ Por questão de esclarecimento, é importante destacar que a noção de *pai e paternidade* apresentada por Alcuíno não envolve a ideia biológica ou adotiva, mas sim o exemplo dos *pais da Igreja*, como a Patrística, mas também pode ser uma referência àqueles que converteram os povos pagãos antes deles.

¹¹¹ “Do not glory in the vanity of dress; that is cause for shame, not boasting, in priests and servants of God. Do not blur the words of your prayers by drunkenness. Do not go out after the indulgences of the flesh and the greed of the world, but stand firm in the service of God and the discipline of the monastic life, that the holy fathers whose sons you are may not cease to protect you. May you remain safe through their prayers, as you walk in their footsteps. Do not be degenerate sons, having such fathers. They will not cease protecting you, if they see you following their example” (ALCUINO, 1993, p. 109).

Sendo assim, no presente subtópico, discutimos como a identificação do conteúdo do poema *Beowulf* possibilita a compreensão do significado das informações presentes no texto, em especial, quando relacionamos suas informações à migração germânica das três tribos mencionadas por Gildas, assim como o impacto do comportamento *germânico* sob a crescente cristianização. O resultado desses eventos pode ser visível no desenvolvimento da poética: uma combinação resultante de uma sociedade ainda em desenvolvimento, marcada pelo seu processo de formação.

2.2. A formação dos reinos anglo-saxões

Nos itens anteriores, apresentamos os povos que migraram e que formaram as primeiras estruturas sociais, na figura dos anglos, jutos, frísios e saxões; depois, analisamos como a religiosidade e as crenças afetaram a forma pela qual que eles se relacionavam com o mundo; em seguida, procuramos analisar como esse movimento cultural criou três fases diferentes nos manuscritos em que a narrativa histórica ganhava espaço, demonstrando um constante conflito cultural entre os anglo-saxões.

Finalizamos destacando como o contexto histórico tem grande influência sobre o conteúdo dos manuscritos, sendo o poema *Beowulf* uma idealização direta desta problemática. As discussões abriram espaço para analisarmos a formação dos reinos anglo-saxões e como seu espaço físico, o reino como um todo, pode trazer informações importantes para entendermos a poética beowulfiana.

Para que isso seja feito, é necessário voltarmos ao começo da colonização da ilha pelos povos germânicos a partir da saída do Império Romano em meados do século V. Com a tentativa de reocupação e de reestruturação das antigas estruturas romanas, os Britanos começaram a ocupar regiões no topo de colinas ao oeste da ilha¹¹², ao passo que já os germânicos, em especial as três tribos já mencionadas no subtópico anterior, estabeleceram-se em regiões propícias ao cultivo para leste da ilha junto com o estabelecimento de moradias, o que incluía antigas localidades britano-romanas, *villa*, em latim, e *tun*¹¹³, no inglês antigo. O desenvolvimento dessas regiões

¹¹² Para detalhes de tais estruturas, ver os primeiros capítulos de Douglas J. V. Fisher, *The Prehistoric Age in Britain e Roman Britain* (2014). Acreditamos que não seja necessário entrar em detalhes devido às diferentes problemáticas que envolveriam um estudo dos britanos, celtas ou outros povos que não sejam os anglo-saxônicos.

¹¹³ O *tun* se desenvolveria a ponto de ser chamado de *burh* no início das invasões vikings, tendo em vista o aspecto murado e a fortificação do local como um todo. Acredita-se que o *tun* seja um espaço

está diretamente relacionado à formação dos reinos no fim do século V e no início do século VI.

Entretanto, Barbara Yorke adverte que não podemos esperar

[...] que a arqueologia nos revele o exato momento em que os líderes anglo-saxônicos se tornaram reis, à medida que o século VI avança, podemos traçar a evolução de uma classe masculina sepultada que tem uma série de características distintas e é substancialmente mais rica do que o enterro de um guerreiro comum. No final do século VI, indivíduos particularmente importantes estavam sendo enterrados sob túmulos, isoladamente ou como parte de um cemitério de túmulos semelhantes, e com uma rica variedade de lápides, incluindo importações estrangeiras e objetos feitos de ouro, prata e pedras semipreciosas¹¹⁴ (YORKE, 1997, p. 9, tradução nossa).

Assim, ao definir o século VI como o momento em que os reinos se consolidam as estruturas hierárquicas, argumentação que pode ser corroborada pela literatura¹¹⁵ e pelos mitos fundadores de cada reino, sendo uma das poucas semelhanças entre os reinos a presença do *Bretwalda* (GONZALES, 2015, p. 58). Título registrado pela primeira vez por Beda, refere-se a um indivíduo que pode ser pensado como um governante geral da Britânia – semelhante ao aspecto romano-britano. Sendo um total de sete descritos pelo monge da Nortúmbria¹¹⁶, Ælle de Sussex (488-514), Ceawlin de Wessex (560-592/3), Æthelberth de Kent (590-616), Rædwald da Ânglia Oriental (c. 600-624), Edwin de Deire (616-633), Oswald a Nortúmbria (633-642) e Oswin da Nortúmbria (642-670).

O cargo, no entanto, revela muito mais a influência de poder militar do que necessariamente uma “dominação” ou um “reinado” de cada rei: acredita-se que os primeiros vínculos de um *Bretwalda* estariam ligados de forma muito semelhante a um

de terra no qual os indivíduos tinham uma vivência coletiva – mesmo que cada um possuísse sua parte; viviam de forma semelhante aos povos germânicos, antes do desenvolvimento de estruturas hierárquicas bem definidas (como será visto no subtópico 2 deste capítulo).

¹¹⁴ “We cannot expect archaeology to show us the exact point at which Anglo-Saxon leaders became kings, but as the sixth century progresses, we can trace the evolution of a class of male burial which has a number of distinctive characteristics and is substantially richer than the average warrior burial. By the end of the sixth century particularly significant individuals were being buried under mounds, either on their own or as part of a cemetery of similar barrows, and with a rich array and variety of gravegoods including foreign imports and objects made from gold, silver and semi-precious stones” (YORKE, 1997, p. 9).

¹¹⁵ Destacamos que o período, como afirma Barbara Yorke (1997), deixou poucos registros factuais – no sentido de relatos diretos, com exceção da arqueologia - sobre os séculos V e VI, sendo a literatura e algumas fontes que mencionam os séculos V e VI nossa principal referência para construir esse quebra-cabeça histórico.

¹¹⁶ Se considerarmos as informações existentes na Crônica Anglo-Saxônica, Egbert e Alfredo, o Grande, também são chamados de *Bretwalda*. No entanto, acredita-se que seja muito mais uma propaganda política do que necessariamente uma visão semelhante àquela registrada por Beda.

grande *Comitatus* germânico, semelhante àquele descrito por Tácito: uma grande força militar subjugada a um chefe-guerreiro que atingiu um *status* de alto nível, somente mais tarde, com o desenvolvimento concreto dos reinos (algo que pode ser somado a uma ideia de pertencimento ao reino em que se nasce/serve); tal título tornou-se, também, político (GONZALES, 2015, p. 58).

A partir desse momento, entra-se no período conhecido como Heptarquia, no qual sete reinos anglo-saxões ganham um grande destaque político, verificável através das fontes históricas do período. A origem desses reinos é, supostamente, nos grupos germânicos fundadores da ilha, como afirma Beda, o Venerável: um reino juto, *Kent*; três reinos saxões, *Wessex*, *Sussex* e *Essex*; e três anglos, *Ânglia Oriental* (*East Anglia*), *Nortúmbria* e *Mércia* (BEDA, 1999, p. 25). A ocupação sul e leste da ilha foi de maioria germânica, o que facilitou a fundação inicial dos reinos; explica, inclusive, as primeiras aparições das origens lendárias¹¹⁷ no Sul e no Leste, e, posteriormente, no Norte.

É neste contexto que as primeiras estruturas hierárquicas e políticas começam a ganhar força e os primeiros registros são encontrados, os quais possuem características semelhantes aos encontrados na narrativa de *Beowulf*. Montes, piras funerárias e sítios arqueológicos somam-se às fontes literárias e permitem compreender a formação inicial dessas hierarquias que demonstram o crescimento e a ascensão de certos reinos. Podemos olhar, por exemplo, para o caso de Ohthere, filho de Ongentheow dos suíones, e Eadgils¹¹⁸, personagens que aparecem no poema *Beowulf*. Eles estão enterrados no *Ottarshögen*, em Husby, próximo a Vendel, na Suécia, e no túmulo Oeste da *Old Uppsala* (Ou Gamla Uppsala), respectivamente.

Problematizamos, no entanto, alguns conceitos hierárquicos utilizados pelos autores das fontes históricas, como a *História Eclesiástica do Povo Inglês*, de Beda,

¹¹⁷ Hengest e Horsa em Kent (e Deira); Cerdic e Cynric em Wessex; Ælle em Sussex; Creoda na Mércia; Wuffa na Ânglia Oriental; Ida em Bernica; Essex não possui nenhum documento que descreva a fundação lendária do reino; já a Nortúmbria foi fundada a partir da união de Deira e Bernica. É importante reiterar que estamos descrevendo as origens *lendárias*. Para mais informações, veja nota 114.

¹¹⁸ Assim como diversos personagens que aparecem no poema *Beowulf*, Eadgils e Ohthere possuem variações nominais (independente da língua em que foram traduzidos), como Adils ou Ædgils para o primeiro e, no nórdico antigo, Óttar, para o último. Escolhemos Eadgils e Ohthere por serem a versão optada por Michael Alexander (1976) e Erick Ramalho (2012). Além disso, a escolha do nome na versão “anglo-saxã” expõe uma escolha clara: estamos privilegiando as informações que se relacionam ao recebimento de tais histórias e narrativas heroicas do século VI pelos anglo-saxões, que as reproduziram e transformaram o conhecimento em um poema. Embora comparações e relações sejam feitas por outros historiadores com as fontes nórdicas, como a *Ynglinga Saga*, Sam Newton nos alerta para os constantes erros históricos que permitem atribuir o poema *Beowulf* a um período *pré-viking* e *pós-germânico*. Para mais detalhes, ver nota 141.

pois estas acabam expondo a forma em que o autor, como monge do século VIII, compreendia a estrutura social e a forma como os povos migrantes viviam. Willian A. Chaney (1970) defende a ideia de que essas estruturas aristocráticas, também definidas como “*king-like*” – “*semelhante-ao-rei*” –, no sentido de poder político, já existiam em certas tribos germânicas e, portanto, foram uma das bases dos primórdios dos reinos anglo-saxões (CHANEY, 1970, p. 8). É justamente em momentos como esse, de uma transição cultural confusa, que o manuscrito nos permite novos olhares sobre o período, afinal, *Beowulf* dramatiza uma sociedade complexa, marcial e aristocrática.

Trata-se, portanto, de uma fonte que está no meio temporal desse passado germânico, como visto na ascensão de Scyld Scyfinng como rei dos *danes*, a partir dos seus feitos como um chefe-guerreiro, já nos primeiros versos do poema (BEOWULF, 2011, versos 1-12), e, depois, para a consolidação de uma ideia de realeza nas figuras de Hrothgar, de Hygelac, dos sobrinhos deles e, por fim, de Beowulf. Para além da ascensão como um guerreiro, torna-se necessário cumprir com as obrigações esperadas por indivíduos de uma alta hierarquia social. Visível na estratificação de uma aristocracia, embora sem estrutura bem definida, é preciso considerar as constantes modificações e adaptações regionais devido a necessidade ou a mudanças dinásticas.

Por tais informações e visões de mundo terem sido registradas como um poema, compreender a construção marcial do guerreiro no século VIII envolve entender o que se esperava de cada indivíduo de acordo com seu papel na sociedade: o conselheiro, o príncipe, o aristocrata, entre outros. Sendo assim, utiliza-se o poema como fonte anglo-saxã que apresenta as idealizações de uma região específica dessa sociedade, o que nos força a estudar qual seria o período, os respectivos contextos históricos, os monarcas e os domínios deles que teriam alguma ligação com a narrativa para encontrar o possível motivo de composição da poética.

Como já discutido, creditarmos à região da Ânglia Oriental no século VIII a maior probabilidade de composição do manuscrito original devido ao contexto que permitiria a produção de uma estrutura com os tons narrativos encontrados no poema. A definição de um período histórico específico para compreender o papel do Guerreiro, tema desta dissertação, torna-se necessário pela quantidade de teorias relacionadas à composição do manuscrito. É possível elencar três teorias mais aceitas pela historiografia: a primeira, a dos estudiosos que defendem que o poema é anterior à invasão do mosteiro de Lindisfarne em 793, isto é, que ele pode ter sido composto no

século VIII; a segunda, defendida por aqueles que vinculam o poema ao contexto da Era Viking, ou logo após início daquelas invasões, entre os séculos IX-X; a terceira teoria, defendida por autores que acreditam que o poema foi produzido entre o final do século X e o início do XI, já no contexto dos anos nórdicos¹¹⁹.

Estruturamos na tabela abaixo apresentações gerais de tais teorias¹²⁰:

Tabela 2 – Localização temporal das teorias

1) Teorias que atribuem o século VIII	2) Teorias que atribuem durante e/ou no final da Era Viking	3) Teorias que atribuem para uma produção pós-Era Viking
O poema poderia ter sido produzido na região do reino da Nortúmbria durante a Era de Beda.	A narrativa do poema teria sido encomendada por Beornwulf, rei da Mércia no século IX.	Durante o reinado de Cnut, o Grande.
Durante o reinado de Offa, rei da Mércia nos anos de 757-96.	O manuscrito poderia ter sido composto em Wessex, durante o reinado de Alfredo, o Grande, ou dos descendentes dele.	Em algum mosteiro durante os anos de 970-1025 (datação paleológica mais provável do manuscrito).
Durante o reinado de Ælfwald, rei da Ânglia Oriental entre 713-750.		

¹¹⁹ A Historiografia tradicional costuma atribuir os anos de 793 até 1066 à Era Viking. No entanto, acreditamos que uma denominação mais apropriada para o contexto seja necessária, por isso apropriaremos a divisão histórica desenvolvida por Carlos Dominguez Gonzáles (2015): a Era Viking ainda tem a mesma demarcação histórica, indo de 793 até 1006, mas conta com subdivisões que permitem uma análise mais aprofundada de seus eventos. Na primeira etapa, conta-se os eventos de 793, com a Invasão de Lindisfarne, até 899, com a morte de Alfredo, o Grande. Na segunda, observamos o século X iniciando com a queda do poder da Mércia e uma nova ascensão política de Wessex (nas figuras de Eduardo, o Velho, de Athelsan, de Edmund e de Eadred), mas que não desenvolve uma estabilidade a longo prazo, tendo em vista que, no final do reinado de Eduíno, 955-959, a casa de Wessex já tinha profundos problemas internos. No início do XI, ganha-se destaque a chegada da segunda onda de nórdicos, com destaque em Canuto II e recebe o nome de “Anos Nórdicos”, sendo finalizado com a retomada da Inglaterra pelos anglo-saxões, com Eduardo, o Confessor, e Haroldo II.

¹²⁰ É importante ressaltar a existência de outras três teorias, que foram abandonadas pela historiografia a partir de 1940, seja pela argumentação fraca, seja pela falta de embasamento teórico que justificasse suas explicações. São elas: a que afirma que o poema pertence à tradição oral e apenas foi transcrito; a de que sua narrativa é apenas uma criação inspirada de poemas épicos greco-romanos; e a que defende que a história foi uma criação de monges cristãos com o intuito de converter os pagãos.

Dentre as teorias, a região da Ânglia Oriental, debatida por Sam Newton em sua tese de doutorado, publicada como livro em 1993, ganha destaque. Ao realizar um estudo crítico sobre as explicações levantadas por outros historiadores, no qual procura responder as problemáticas levantadas pelos pesquisadores do livro coletivo de Colin Chase, de 1981, acrescenta informações atualizadas das descobertas paleológicas de sítios anglo-saxônicos descobertos no final do século XX, além dos avanços da filologia e dos estudos históricos-linguísticos anglo-saxônicos, e conclui que a maior probabilidade é a de que o poema data do século VIII, com no reino da Ânglia Oriental. A composição do poema teria ocorrido no reinado de Ælfwald, entre os anos de 713-749.

Ainda que pertença ao conjunto dos reinos anglo-saxônicos cristianizados do século VIII, a Ânglia Oriental possui uma especificidade cultural, além da forte presença de mosteiros e das escolas de produção literárias: resquícios do paganismo. Os ricos sítios arqueológicos e os registros linguísticos atestam o desejo de objetos *germanizados*, “(...) de acordo com os gostos dos germanos *federados*¹²¹” (FISHER, 2014, p. 15, tradução nossa). Além disso, as diversas oficinas de artesãos foram encontradas (FISHER, 2014, p. 16; STENTON, 1971, p. 28; YORKE, 1997, p. 66) em especial *Ipswich*, localizada a 19 Km de Sutton Hoo, e Rendlesham, demonstrando um desejo por objetos germanos.

O desenvolvimento do reino sofreu com a ascensão de outros mais poderosos devido à força do reino da Mércia, período que ficou conhecido como “Era da Supremacia da Mércia”, o que resultava em conflitos e tentativas de invasões na Ânglia, mas “(...) os reis da Mércia nunca conseguiram conquistar a Ânglia Oriental e sua ancestralidade em Lindsey¹²²” (STENTON, 1971, p. 50, tradução nossa).

A origem dessa proeza capaz de resistir às incursões é justificada pelos próprios anglo-saxões do século VIII. Beda, em sua *História Eclesiástica*, destaca uma das primeiras informações importantes sobre o reino: os Wuffingas. Tribo germânica de origem anglo, creditados pela estruturação e pelo desenvolvimento de Ânglia Oriental, tinham a figura *Wuffa*, fundador lendário da dinastia dos Wuffingas¹²³, fato

¹²¹ “If so, the distinctive type of Roman pottery with Saxon decoration may also have been manufactured to accord to the tastes of the Germanic federates (FISHER, 2014, p. 15).

¹²² “(...) the Mercian kings never obtained in East Anglia the unchallenged ascendancy that was theirs in Lindsey” (STENTON, 1971, p. 50).

¹²³ O sufixo -ings, para genealogias reais dos povos anglo-saxões, possui dois significados práticos: ser descendente de alguém (Wuffa = nome pessoa / ings = descendentes de. Wuffingas = descendentes de Wuffa) ou pertencer a alguém, consideravelmente mais raro.

registrado na *Anglian Collection*, do manuscrito *Textus Roffensis*, versão R. O fundador seria avô de Raedwald, o primeiro rei anglo que podemos confirmar a existência a partir de uma comparação com outras fontes e que se tornou *bretwalda* (GONZÁLEZ, 2015, p. 58; NEWTON, 1993, p. 77; YORKE, 1997, p. 61).

O monge da Nortúmbria descreve que

O citado rei Raedwald era de nascimento nobre, considerado ignóbil¹²⁴ em seus atos. Ele era filho de Tytel, cujo pai se chamava *Wuffa*, de quem os reis dos Ângulos Orientais foram chamados *Wuffingas*¹²⁵ (BEDA, 1999, p. 66, tradução nossa)

Devido ao caráter marcial dos *Wuffingas*, acredita-se que a índole bélica era uma questão central na sociedade da Ânglia Oriental, ao ponto de haver treinamentos de homens para se tornar uma potência militar capaz de resistir às invasões da Mércia e, posteriormente, alcançar a posição de *Bretwalda*. Para além disso, Sam Newton (1993) destaca a possível relação entre os *Wuffingas*, descendentes de *Wuffa*, e o povo *Wulfings*, destacados no poema *Beowulf* como família da rainha *Wealtheow* antes dela se casar com *Hrothgar*.

O casamento da rainha pode ser interpretado como, assim em praticamente todos os momentos em que é mencionado um casamento, como das personagens *Hildebruh* e *Freawaru*, um ato político, assim como um presente na cultura germânica: a possibilidade de trazer a paz de duas tribos em constante conflito por meio de uma cerimônia. No caso da rainha danesa, o título em destaque é “(...) *friðusibb folca*”, que aparece traduzido para o inglês moderno na versão em que ele utiliza como “*the kindred pledge of peace between peoples*” (NEWTON, 1993, p. 125), ou seja, “o juramento de paz entre os povos”. Na versão de Erick Ramalho, o termo foi traduzido como: “Às vezes, vagava (aqueles varões / jovens a encorajar) pelo salão / **a Rainha, que é p’las tréguas responsável**” (BEOWULF, 2011, versos 2017, grifo nosso). Pode-se interpretar, portanto, que o casamento foi responsável pela paz entre os *Wulfings* (povo possivelmente inspirado na *Wuffingas* de *Wuffa*, fundadores do reino anglo) e *Scyldingas*, povo danes representados por *Hrothgar* e pelos filhos dele.

¹²⁴ Devemos lembrar que Beda era um grande crítico de Raedwald pelo seu comportamento pagão e seu descaso com a crença cristã, considerando a deidade da Igreja apenas mais um deus, daí a ideia de ignóbil: um comportamento repugnante, não nobre.

¹²⁵ “The aforesaid king Raedwald was of noble birth, thought ignoble in his deeds. He was son of Tytel, whose father was called *Wuufa*, from whom the kings of the East Angles were accordingly named *Wuffingas*” (Beda, 1999, p. 66).

Durante o século VI-VII, portanto, podemos olhar para as regiões históricas Norflok e Suffolk, norte e sul da Ânglia Oriental, e identificar territórios de poder político-cultural superior a outras regiões, como Kent, Sussex e Wessex. Mércia, em seu ápice hegemônico, como já destacamos, tentou dominar a região, mas foi frequentemente derrotada. A partir de William Chaney (1970), podemos identificar a importância da figura real, o rei-guerreiro, como idealização de uma sociedade: o comportamento dele era desejado, imitado e louvado, tornando-se o padrão da sociedade.

É no *Historia Brittonum* escrita, possivelmente, pelo monge Nennius, que Wuffa aparece como filho de Wehha, possivelmente o primeiro guerreiro a ganhar *status* de chefe, semelhante ao conceito de *king-like* desenvolvido por William Chaney (1970), e como fundador do que seriam as primeiras estruturas políticas da Ânglia Oriental, sugerindo “(...) uma origem para a casa real [Angla] no segundo ou terceiro bimestre do sexto século¹²⁶” (YORKE, 1997, p. 61, tradução nossa). Integrante do processo inicial de formação dos reinos anglo-saxões, Wehha faz parte das informações que aparecem junto às origens lendárias de cada reino.

Outro grande diferencial da região advém da possibilidade de ela ter sido a primeira região da Inglaterra Anglo-Saxônica a receber povos germânicos que migraram para ilha com o *propósito de criar uma colônia*, não apenas de trabalhar como mercenários. Atribui-se essa ideia a três questões específicas: 1) traços arqueológicos observáveis no sítio de Sutton Hoo, que apresenta semelhanças diretas com sítios da Era de Vendel, na Suécia, região que teve o contato cortado com o continente após os conflitos no rio Elba; 2) tais traços apontam para uma possível descendência direta de povos anglos ao norte, próximos aos povos suíones e *geats* que tiveram que migrar após a Guerra Suíones-Geat; 3) a relação dinástica entre esses povos que migraram, Raedwald e os Wuffingas de Ælfwald, que justificam as relações sociais destacadas no poema *Beowulf*, o que já permitiria justificar um contexto histórico, comportamental e descritivo de certos costumes, que levaria à composição do manuscrito na região, mais especificamente durante o reinado de Ælfwald, no início do século VIII (NEWTON, 1993).

Pensando o comportamento bélico exposto no poema, podemos mergulhar no conteúdo da obra para compreender as expressões do funcionamento interno da sociedade anglo-saxônica do século VIII, a partir de um reino que ainda era firme em

¹²⁶ “(...) An origin for the royal house in the second or third quarters of the sixth century” (YORKE, 1997, p. 61)

suas tradições germânicas e estava, aos poucos, sendo afetado pelo cristianismo. Essa grande mistura resultou em uma obra de múltiplas faces, em que o comportamento esperado pelo guerreiro é visível. Para isso, analisaremos agora a hierarquia social existente no contexto do século VII-VIII e como o poema *Beowulf* pode ser compreendido como uma narrativa idealizada de certos comportamentos característicos do período.

2.3. A estrutura do poema: a tradução

De grande importância no estudo poético do poema *Beowulf*, a construção literária merece destaque próprio. Em sua versificação, encontramos trechos, normas e estilos que permitem auxiliar na definição temporal-geográfica, questão crucial para pensar o real significado do poema para o contexto. Além disso, a limitação temporal do poema pode ser encontrada em sua forma: certas práticas textuais surgem em determinados períodos, como veremos, no caso do manuscrito *Cotton*.

A versificação poética do poema *Beowulf* pode ser definida como “aliteração poética anglo-saxônica”. Trata-se de um sistema de versificação acentual, definido pela escrita do verso com uma repetição consonantal consecutiva, somada a uma cesura poética. Ao longo da narrativa é possível encontrar a aliteração simples, com apenas uma repetição em cada metade do verso; dupla, quando duas aliterações ocorrem; ou dupla e simples, na qual a primeira metade do verso pode conter duas aliterações e a segunda apenas uma, sendo a última mais rara.

É importante destacar, entretanto, que muita da aliteração do inglês anglo-saxão foi perdida durante o processo de tradução. Tanto a tradução de Seamus Heaney (2019) quanto a de Erick Ramalho (2012), as duas principais edições do poema utilizadas nesta dissertação, destacam que, muitas vezes, algumas exceções são necessárias para a permanência da ideia ou da mensagem que o texto procura passar, afinal, “[...] toda a tradução (não importa o quão literal seja) é uma interpretação¹²⁷” (HEANEY, DONOGHEY, 2019, p. xi, tradução nossa). Para melhor compreensão de tais diferenças, organizamos um quadro para explicar e comparar as versões.

¹²⁷ “(...) because Every translation (no matter how literal) is also an interpretation (HEANEY. DONOGHEY, 2019, p. x)

Tabela 3 – Diferenças entre as traduções

VERSÃO ORIGINAL ¹²⁸	VERSÃO DE HEANEY	VERSÃO DE RAMALHO
Heaðoscilfingas // healsgebedda. þa wæs Hroðare (versos 63-64)	The <i>fortunes</i> of wár // fávored Hrothgar (verso 64)	E glória na guerra então <i>garantiu</i> // Hrothgar (versos 63-64)
// (...) Ræd eahtedon hwæt swiðferhðum selest wære (versos 173-174)	The highest in the <i>land</i> // would <i>lënd</i> advice (verso 172)	Varões de <i>mente</i> de vigor melhor // solução procuravam (versos 172- 173)
Drihten secean Ond to Fæder fæpmum // freoðo wilnian (versos 187-188)	And <i>find</i> frinedship // in the Fáther's embrace (verso 188)	(...) os que o Senhor procuram // são protegidos pelo abraço Paterno (versos 187-188)

Percebe-se que a essência, o conteúdo e as informações passadas mantêm-se, de uma forma ou de outra, mas a escrita, além de ter a acentuação poética em lugares diferentes, é afetada. A problemática da tradução também implica na necessidade de realizar uma interpretação dos termos existentes apenas em uma língua para aquela traduzida, a qual, muitas vezes, pode não possuir um termo ou um signo representativo da ideia passada, como no processo de tradução do inglês antigo para o inglês moderno (Edição de Friedrich Klaeber e Michel Alexander) e, por fim, na língua portuguesa (Edição de Ary Galvão), do inglês antigo para o português moderno (Edição de Erick Ramalho). A dificuldade se torna ainda maior quando se leva em conta uma das principais estruturas poéticas do inglês anglo-saxão: os *kennings*, uma

¹²⁸ O exemplo apresentado no quadro das diferentes aliterações e sílabas acentuadas foi proposto por Heaney, página xxxvii e expandido nessa dissertação para demonstrar a versão traduzida para o português e o referido trecho no original, algo ausente em sua obra. Vale destacar que as palavras mencionadas no inglês original podem estar, de uma forma ou de outra, incompletas ou sobrecarregadas, justamente pela dificuldade de tradução de *um termo*, e não do conceito todo por trás do verso. Para mais detalhes, ver a parte de Edições, ainda neste capítulo.

“(...) espécie de metáfora primitiva, muito usada pelos poetas do período anglo-saxônico da literatura inglesa” (GALVÃO, 1992, p. 27).

A principal diferença entre um *kenning* e uma metáfora moderna é a complexidade e a capacidade de sintetizar uma ideia. Ao utilizarmos uma metáfora como um recurso linguístico, podemos nos referir ao termo “espada” como “metal cortante”. Na poesia anglo-saxônica, frases inteiras ou *ideias* podem se tornar palavras: o termo “*homera lafe*”, encontrado no verso 2829, “*heard, heaðoscearde homera lafe*” (BEOWULF, verso 2829), pode ser transcrito de forma direta como “[...] o resultado do martelo do ferreiro após ele ter terminado seu trabalho”, ou seja, uma espada”¹²⁹ (HEANEY; DONOGHEY, 2019, p. XIX, tradução nossa). O verso completo, na versão de Erick Ramalho, foi traduzido como “[...] (chagas / das férreas lâminas forjadas pelos martelos; afiadas¹³⁰) (BEOWULF, 2011, versos 2829-2830).

Caroline Brady (1979) demonstra como o poeta usa certos termos quando possui um objetivo específico em mente. Um *kenning* também pode ser o significado intrínseco da palavra: as diversas citações diferentes da palavra “espada” ao longo da narrativa, como *sweord*, um termo neutro, *māþpumsword*, uma espada que demonstra riqueza e poder, ou ainda *gūþwine*, uma espada “amiga”, “íntima” do guerreiro. Tais termos aparecem com grande destaque nos rituais de lealdade presentes em *Beowulf*, como nas conversas entre Beowulf e Hrothgar ou Hygelac. O armamento representa essa lealdade ao chefe de forma direta, sendo a *espada* de Beowulf, ou seja, os feitos de Beowulf, uma extensão do poder de Hygelac, tio e senhor do personagem, tudo exposto apenas em uma definição do termo.

No total, é possível encontrar cerca de 67 formas diferentes de se referir ao armamento nas poesias que utilizam algum tipo de vocabulário ligado à poesia germânica (personagens, conteúdo, termos, comportamentos etc.), sendo, deste total, 56 encontradas em *Beowulf* (BRADY, 1979, p. 79). Não podemos deixar de mencionar que o poeta, o *scop* anglo-saxão, possuía uma liberdade artística na criação de termos e de conceitos para a funcionalidade da aliteração poética anglo-saxônica.

Além da já mencionada existência de dois escribas, com uma forte diferença geracional entre a escrita do primeiro escriba para a do segundo (sendo o primeiro

¹²⁹ “(...) what remains after the blacksmith’s hammers have finished their work” – that is, a sword” (HEANEY; DONOGHEY, 2019, p. xix).

¹³⁰ Uma consideração deve ser feita: Erick Ramalho considerou a informação como um adicional na fala do poeta, não como conteúdo principal. Na interpretação do tradutor, o contexto de *homera lafe* torna-se secundário: o que importa é ação do poeta.

novo, do século X-XI, e o último um modelo do século IX-X), a existência de quatro dialetos diferentes dentro do texto ajuda a construir, em última instância, a busca da definição de uma possível temporalidade e regionalidade da composição. Isso porque, a linguagem, embora em desenvolvimento constante, possui fases e normativas que permitem identificar um período mais provável em que foi escrita. Uma mudança na gramática raramente é seguida diretamente à total implementação: o já mencionado mosteiro de Kent, responsável pelo início da produção cultural anglo-saxã e das primeiras normativas, ainda sofria com as diferenciações regionais.

O inglês anglo-saxão, portanto,

[...] não era uma linguagem totalmente uniforme. Não só existem diferenças entre a linguagem dos registros mais antigos (cerca de 700 d.C.) e a dos textos literários posteriores, mas a linguagem diferia de uma localidade para outra. Podemos distinguir quatro dialetos nos tempos do inglês antigo: o da Nortúmbria, o da Mércia, o de Wessex e o de Kent¹³¹ (BAUGH; CLABE, 2002, p. 47, tradução nossa).

Ao percebermos que, em certos períodos, determinadas normativas linguísticas ganham espaço suficiente para se tornarem comum e unificadas, como durante a Revolução Cultural Alfrediana¹³², na qual manuscritos foram traduzidos e estruturas linguísticas foram estabelecidas, é preciso encontrar um momento histórico específico que permita pensar que essa ausência de uniformidade está relacionada à sua formação: trata-se de um período em que os reinos anglo-saxões ainda estavam em processo de afirmação, tanto em relação direta entre o comportamento germânico e a ascensão do cristianismo quanto nas possibilidades de escrita, que ainda não tinham uma norma concreta, algo que não poderia acontecer em uma composição tardia.

Sam Newton (1993) demonstra que o próprio texto comprova a tese de que o poema foi escrito antes das invasões Vikings: formas arcaicas das estruturas métricas indicam uma grafia mais antiga e não normatizada (NEWTON, 1993, p. 13). A

¹³¹ "Old English was not an entirely uniform language. Not only are there differences between the language of the earliest written records (about A.D. 700) and that of the later literary texts, but the language differed somewhat from one locality to another. We can distinguish four dialects in Old English times: Northumbrian, Mercian, West Saxon, and Kentish." (BAUGH; CABLE, 2002, p. 47).

¹³² A Revolução Cultural Alfrediana, Renascimento Alfrediano ou Reforma Educacional Alfrediana, faz referência ao contexto histórico em que Alfredo, o Grande, coordenou uma reestruturação da produção literária na Inglaterra Anglo-Saxônica. Para além das conquistas e feitos militares perante os invasores nórdicos, o rei-cristão foi responsável pelo incentivo de traduções e produções na linguagem secular, o *Ænglic*, e sua combinação com o latim, resultando em uma cultura mista *pós-viking* que valorizava tanto a questão guerreira como o comportamento cristão. Para mais detalhes, ver *Alfred the Great: war, culture and kingship in Anglo-Saxon England*, de Richard P. Abels (1998), em especial o capítulo 7.

presença de uma variedade linguística nos dialetos de Wessex, da Ânglia, da Nortúmbria e de Kent, e, até mesmo, aspectos exclusivos da escrita desses locais, possivelmente de origem germânica, possibilitam uma história-problema da linguística. Reveladora, essa problematização somente ganha espaço com um questionamento mais aprofundado do poema.

Percebemos, por exemplo, como os termos e os conceitos aplicados a um guerreiro permitem questionar como os comportamentos e as estruturas culturais são apresentados no poema: perceber que o cotidiano anglo-saxônico despertava o interesse da aristocracia em formação, passado esse em que as “[...] histórias de outros povos germânicos foram, sem dúvida, mantidas pela ideia de que os povos germânicos possuíam uma origem comum entre eles”¹³³ (WHITELOCK, 1968, p. 9, tradução nossa), marcante de um período de transição cultural.

Destacamos que esse estudo específico da figura do guerreiro em *Beowulf* foi realizada, de certa maneira, por diversos autores. Nesta dissertação, porém, a proposta que pretendemos explorar é a da especificidade: olhar para a representação do século VIII, no reino da Ânglia Oriental, da aristocrática marcial em ascensão e da relação desse contexto com a *Economia de Doação*.

Deste modo, observamos, ao longo do primeiro capítulo, uma série de informações fundamentais para a construção contextual da narrativa e da composição do poema *Beowulf*. Em um primeiro momento, procuramos expor a trajetória do manuscrito e os contextos históricos que possibilitaram sua composição. Logo em seguida, analisamos e introduzimos conceitos importantes sobre a *poética épica* e a relação dela com a formação da cultura anglo-saxã durante o período de cristianização e do desenvolvimento militar dos séculos VI-VII.

Finalizamos este segundo o capítulo com a demonstração da importância de se atribuir uma região específica, ou pelo menos uma datação temporal, para entender as informações presentes na narrativa. Olhamos para a Ânglia Oriental de Ælfwald, rei durante os anos de 713-750, e percebemos nela o cenário ideal para analisar as estruturas marciais presentes no poema. Por fim, olhamos também para as edições e para as problemáticas advindas da tradução do poema, afirmando a necessidade de olhar para mais de uma edição.

¹³³ “(...) close interest taken by the Anglo-Saxons of Christian times in their stories of other Germanic People (...)” e que “No doubt the consciousness of common origin was kept alive among the Germanic tribes” (WHITELOCK, 1968, p. 9).

Partiremos, agora, para o estudo de como as relações sociais visíveis no poema *Beowulf* podem ser analisadas como representações idealizadas (ou ações idealizadas) e como elas foram legitimadas pela *Economia da Doação* na sociedade anglo-saxã.

CAPÍTULO III

BEOWULF E A SOCIEDADE ANGLO-SAXÃ

3.1. A hierarquia social

Entender o poema como representação idealizada da sociedade do século VIII implica estabelecer alguns parâmetros históricos: como os reinos anglo-saxônicos se formaram e como o cristianismo moldou parte da produção literária, conforme apresentamos no capítulo anterior; ter conhecimento da estrutura hierárquica marcial fora do poema, para assim definir o que do poema pode ser pensado como representação poética/narrativa (ou seja, algo preso no universo literário e no imaginário do autor); e aquilo que é uma expressão ou uma representação direta da sociedade do período em que foi composto.

Como já destacamos, a sociedade anglo-saxã foi moldada a partir de dois grandes eventos: as diversas incursões dos povos germânicos ao longo dos séculos IV-VII e o processo de cristianização sistemático advindo da missão gregoriana desenvolvida por Agostinho de Cantuária. No entanto, ao descrever todo o processo de formação da ilha e da sociedade nativa, apenas demonstramos como a sociedade se formou, não como ela se comporta ou como sistematiza as hierarquias internas.

As influências e as forças políticas se baseavam, nesse primeiro momento, no estilo germânico: grande força militar, chefe-guerreiro glorioso e promessas de grandes feitos. A melhor forma de imposição a outro reino era a subjugação a partir da dominação bélica. Como destacamos, em Mércia, na chamada “Era da Supremacia da Mércia” (STENTON, 1976, 206), entre anos de 626-825, tentativas de conquistar outros reinos em formação ocorriam frequentemente e eram vistas como algo necessário, da própria essência da sociedade.

A grande força do reino era a figura do rei e os feitos do monarca, esses que deveriam ser constantemente reafirmados perante os outros. Destacamos que essa figura pode ser separada em duas categorias: os feitos físicos do rei, como a proeza em batalhas e as habilidades marciais, o que ocorrem com frequência durante sua ascensão na sociedade – o que lhe fornecerá a fama, as conquistas para se tornar

um *cyning*, rei em anglo-saxão¹³⁴ (POLLINGTON, 1996, p. 31) e os feitos que representam o seu *mana* – aspecto que veremos mais à frente - nos rituais da sociedade que ele precisa cumprir ao longo de sua jornada como líder.

Um dos aspectos de destaque na sociedade germânica era o papel do líder do povo, intimamente ligado ao comportamento religioso. Trata-se de uma posição hierárquica frequentemente chamada de *rei*, semelhante à noção aristocrática generalizada na Idade Média, mas que se desenvolveu com uma definição própria e íntima aos anglo-saxões nos próximos séculos. É em Tácito que encontramos apoio histórico para a definição de tais posições hierárquicas no século I, quando ainda se tratava de comportamento germânicos: os reis eram escolhidos pelo nascimento nobre; os chefes-guerreiros pelo seu valor¹³⁵.

A autoridade política, até mesmo a do rei, estava ligada à sua capacidade de se destacar perante os demais: o *mana*¹³⁶, os feitos de destaque ou até mesmo a presença na linha de frente¹³⁷ eram questões que sempre estavam presentes ao se avaliar o mérito do poder. Em *Beowulf*, encontramos, constantemente, a necessidade de se propagandear perante os iguais, para que ações e decisões sejam válidas. O personagem principal, por exemplo, é frequentemente questionado sobre as ações que realiza, sendo que a resposta deve vir de forma marcante, mas não desrespeitosa: ele deve se impor, mas não se sobrepor; deve conquistar o respeito, não tomar.

¹³⁴ Acreditamos que a distinção entre *rei* e *cyning* seja necessária, pois estamos fazendo referência a um período em que a posição aristocrática ainda estava se desenvolvendo. Ao considerarmos as fontes históricas, observamos que o termo *cyning* é derivado do *kuningaz* (e variantes), termo de origem Protoindo-europeia: trata-se de uma estrutura de poder muito mais antiga e semelhante ao *chefe-guerreiro* do que necessariamente ao *rei* anglo-saxão encontrado nos séculos IX-X.

¹³⁵ *Germania*, c. 7 (TACITUS, 2009, p. 80).

¹³⁶ Marcel Mauss (2017) define o conceito de *mana* como algo pertencente ao “(...) estudo da magia (...)” e que uma das suas formas ativas pode ser encontrada “(...) nos atos e representações são aqui tão inseparáveis que se poderia perfeitamente chamá-la de *ideia prática*” (MAUSS, 2017 130). Com isto em mente, o autor estabelece o termo *mana* não sendo apenas “(...) uma força, um ser, é também uma ação, uma qualidade e um estado. Em outros termos, a palavra é ao mesmo tempo um substantivo, um adjetivo, um verbo. (...) Emprega-se a palavra *mana* nas diversas formas das diversas conjugações (...). Em suma, a palavra compreende uma quantidade de ideias que designaríamos pelas palavras: poder de feiticeiro, qualidade mágica de uma coisa, coisa mágica, ser mágico, ter poder mágico, estar encantado, agir magicamente” (MAUSS, 2017, p. 147). A análise de Mauss foi criticada e possui outras interpretações atualmente, a depender da corrente teórica, como a Claude Lévi-Strauss, que aprofundou a noção do *mana* ao adaptá-la para uma definição de ordem de sinais simbólicos, não de ordem direta de realidade social (GROYS, 2012). A definição do conceito *mana* que utilizamos é baseada nos estudos de Mauss e nos estudos realizados pelos adeptos teóricos dele que, embora concordassem com a base, aprofundaram e questionaram outras. Dentre eles, nossa base teórica do conceito pode ser atribuída a visão de Willian Chaney (1970) sobre o tema, como apresentaremos mais à frente.

¹³⁷ *Germania*, c. 7 (TACITUS, 2009, p. 80).

William Chaney (1970) descreve como a idealização de tal comportamento fez surgir o conceito de “*Woden-sprung kings*”: reis da linhagem de Woden. Esses homens seriam a idealização de características esperadas por uma sociedade marcial, mas também seriam a representação máxima da crença religiosa de tal grupo: “O soberano era o centro desse culto social” (CHANNEY, 1970, p. 3). A narrativa poética de *Beowulf* torna-se uma ferramenta excelente para a compreensão de tal problemática: assim como diversas ferramentas ligadas à guerra (espadas, escudos, armaduras) e a descrições (sejam elogios, críticas ou adjetivações), o termo *rei*, advindo desse passado germanizado, é referenciado em 26 formas (CHANNEY, 1970, p. 8), isso sem contar as derivações da palavra *rei*¹³⁸.

Exemplo disso pode ser visto na Mércia, a partir dos reinados de Penda (626-655) e de Wulfhere (658-675), nesse primeiro momento de estabelecimento dos reinos, e de Offa da Mércia (757-796), no momento em que a Heptarquia se estabeleceu de fato. Ele, por exemplo, conseguiu, finalmente, conquistar a Ânglia Oriental ao destronar e assassinar Æthelberht II, rei durante os anos de c.779-794, e dar início a uma queda de influência do reino anglo, que futuramente sofrerá com mais ataques do reino de Mércia e de invasões vikings¹³⁹, a ponto de perder completamente o controle da região para os nórdicos¹⁴⁰.

A conquista de honra e de glória no começo da formação dos reinos anglo-saxônicos estava intimamente ligada a aspectos materiais de glorificação. Isso significa que os animais, os edifícios, os escravos, os assaltos materiais e os territórios seriam idealizações da honra, da glória e da importância do chefe-guerreiro gestor de tais produtos. Para entendermos a hierarquia interna dessa aristocracia marcial, precisamos adentrar na formação social da sociedade como um todo.

¹³⁸ Um dos termos mais genéricos, frequentemente usado apenas como descrição da posição hierárquica sem qualquer adjetivação ou valor implícito, é *cyning* (rei). Palavras derivadas podem ser vistas em *cyning-bald* (coragem real) e *beorn-cyning* (guerreiro heroico real).

¹³⁹ Após a conquista de Offa, o reino foi brevemente recuperado por Eadwald, de 796 a 798, quando foi novamente conquistado por reis da Mércia como Coenwolf, Ceolfwulf I e Beornwulf – figuras centrais da tese de Richard North (2006) até que uma pequena retomada de poder político foi feita pelos anglos com Athelstan e Athelwald em meados do século IX, mas trata-se de um contexto histórico que não pode ser compreendido sem que entremos nas especificações históricas da invasão Viking.

¹⁴⁰ Ao fazermos referência a um período pós-793, pouco podemos decorrer sobre a temática sem entrarmos em um terreno complexo de rupturas e de continuidades históricas. Como destacamos, tratar da relação social entre um anglo-saxão, o comportamento germânico (elogiado ou não) e um Cristianismo deve, na nossa visão, ser separado em várias fases, sendo uma delas a nossa análise (séculos IV-VIII) e as posteriores algo que não pretendemos discutir (séculos IX para frente).

Com base nos estudos de George Dumézil¹⁴¹, podemos afirmar que as sociedades indo-europeias se desenvolveram a partir de funções bem definidas na sociedade. De forma bem marcante nas fontes, seja a partir de uma semiótica das informações trazidas, recolhendo os resquícios e criando uma explicação para o contexto histórico analisado¹⁴², seja a partir de uma descrição direta¹⁴³, tais *funções*¹⁴⁴ descrevem um comportamento específico de cada estrato da sociedade. A Primeira Função envolve a *Regulação* das regras e dos dogmas da sociedade, sendo um exemplo e um pilar moral para o resto, ocupada por reis (ou estratos aristocráticos semelhantes a reis – o já mencionado *king-like*) e por sacerdotes; a Segunda Função envolve a *Proteção*, sendo os guerreiros e aqueles que *lutam*¹⁴⁵; e, por fim, aqueles que ocupam a Terceira Função, que envolve a *Produção e Mantimento* da sociedade como um todo a partir da caça, da agricultura e do comércio.

Tais *funções* são apresentadas de forma clara em *Beowulf*. Com base nos estudos de Steven Pollington (1996) e de James Campbell (1986), podemos definir

¹⁴¹ A Hipótese Trifuncional se tornou uma análise comum na historiografia medieval, especialmente nas que visam compreender a formação da Alta Idade Média. No entanto, a teoria foi desenvolvida a partir de um grande estudo, dividido em três grandes obras (na versão espanhola) chamado *Mito y Epopeya I, II e III* (além de outros). O primeiro fornece as bases teóricas essenciais para compreender a tese, em especial a primeira parte, pois descreve o que estamos chamando de *funciones*/funções e o motivo da argumentação. A versão em inglês, porém, recebeu outro nome: *The Destiny of a King, The Destiny of the Warrior e The Stakes of the Warrior*, que traduziram a essência argumentativa do autor em partes confusas, focando apenas na intenção do tradutor (*The Destiny of a King*, por exemplo, só cobre as últimas partes do ME II). Portanto, devido à grande complexidade, especificidades e adaptações que a teoria do autor sofreu ao longo do tempo, utilizaremos com maior frequência figuras, como Georges Duby (1994), que sintetizaram a argumentação de forma direta e autores que utilizaram Dumézil como base argumentativa, tornando-se centrais para a nossa dissertação: Steven Pollington (1996), Dean Miller (2000), John Hill (1995) e diversos outros citados ao longo da escrita.

¹⁴² Por exemplo, Tácito descreve uma sociedade em que uma estratificação pode ser facilmente resumida em: “aqueles que lutam”, no sétimo ponto da *Germania* (TACITUS, 2009, p. 80), “aqueles que cuidam das questões espirituais”, no décimo ponto da *Germania* (TACITUS, 2009, p. 81) e “aqueles que mantêm a sociedade com os alimentos”, no décimo quinto ponto da *Germania* (TACITUS, 2009, p. 83-84).

¹⁴³ Um dos principais registros antigos da sociedade dividida em três pode ser encontrado em Boécio, na sua obra *Consolatio Philosophiae* (Consolidação da Filosofia), na qual ele divide a forma clássica encontrada na teórica de Dumézil: *gedegman, fyrdmen e weorcmen* (homens que rezam; homens que lutam; homens que trabalham).

¹⁴⁴ Entendemos o conceito de *funções* como duas definições separadas da mesma palavra: funções, sem destaque na palavra, será utilizado para descrever as atividades esperadas do indivíduo que pertence a uma categoria da sociedade, ou seja, a forma *prática* que certas ações são feitas. Por outro lado, *funções*, com destaque na palavra, está referenciando a “(...) área de atividade dentro do sistema social” (POLLINGTON, 1996, p. 23), sendo está o *conceito teórico aplicado*. Para um exemplo prático, podemos pensar que o guerreiro tem como função lutar, mas a *função* dele envolve a proteção derivada do impacto social, da presença física em uma região, dos costumes, da vivência e dos feitos na sociedade em que opera.

¹⁴⁵ Ao entrarmos no capítulo três, descreveremos as categorias internas da ideia de guerreiro (o que envolve uma hierarquização da sociedade) e daqueles que *lutam* (o que não necessariamente pode envolver pertencer a uma hierarquia de poder: um escravo pode ser forçado a lutar, mas isso não significa que ele era um *guerreiro*).

tais *funções* pertencentes ao chamado *status* do guerreiro: a existência de uma definição clara das hierarquias nas fontes, explícitas na narrativa épica-história do poema. Existiam também benefícios e obrigações que conectavam um estrato ao outro, sendo muitas vezes esse exposto por rituais ou por ações esperadas de seus membros.

Além da literatura épica-histórica, a melhor forma de compreender tais hierarquias marciais é identificando as informações apresentadas nos códigos de leis que sobreviveram o teste da história: três do reino de Kent e um do reino de Wessex, todos do século VII¹⁴⁶. Tais códigos, além de trazerem informações confusas, termos únicos e elementos arcaicos aos quais não temos todas as ferramentas para decifrar, demonstram a complexidade social do período.

A hierarquia da aristocracia, ou seja, do grupo nobre da sociedade marcial, pode ser resumida em duas figuras centrais, com variações nos seus termos, semelhantes ao uso do *kenning* na poética: o *cyning*, o rei e o *ætheling*, o príncipe. As variações ganham extrema importância quando as palavras são colocadas em prática, tendo em vista a relação interna de ranks militares ou a forma em que um indivíduo poderia se dirigir parente outro. *Cyning* deve ser identificado como “*descendente da família*”, servindo um papel semelhante ao sufixo *-ing* (ver nota 109), mas com destaque para posição de chefe do grupo.

Já o termo *ætheling* deve ser pensado com maior cuidado: é frequentemente traduzido para o termo *príncipe*, tendo em vista a comparação com a organização real da Idade Média; trata-se do indivíduo que muitas vezes assume o lugar do rei, o que permite relacionar tais cargos. No entanto, o fato de assumirem o reino está mais ligado ao fato de que “[...] qualquer *ætheling* poderia formar e manter suas tropas, e provavelmente muitos homens desse rank fizeram, sendo capaz de desafiar o trono¹⁴⁷ (POLLINGTON, 1996, p. 33).

Para além das relações de aristocracia, também é possível identificar no código de Wessex, produzido durante o reinado de Ine (século VIII), a descrição de uma parte da sociedade *livre* da seguinte maneira:

¹⁴⁶ Tais códices serviram de base jurídica para o futuro código de Leis de Alfredo, algo visível pela sua similaridade – o que permite até discutir uma possível continuidade de certos comportamentos do período de formação em relação ao período pós-Viking (CAMPBELL, 1986, p. 131).

¹⁴⁷ “(...) any *ætheling* could raise and maintain his own troop, and that many man of this rank did so and were able to challenge successfully for the throne” (POLLINGTON, 1996, p. 33).

A partir de uma das descrições, a sociedade *livre* pode ser dividida em três: homens com um *wergeld* de 1.200, 600 e 200 shillings¹⁴⁸. Mas outras diferenciações parecem. Entre as classes mais altas, é possível identificar: i) *ealdormen* responsável por um território, denominado *scir*; ii) “outros ilustres conselheiros”; iii) *scirmen*; iv) “outros juízes”; v) *geneats* do rei; vi) *geneats* de outros homens; vii) *gesiths* com algum tipo de autoridade local; viii) *thegns/thanes* do rei, de alguma forma superiores aos; ix) *gesithcund* com algum tipo de terra, que seriam superiores aos; x) *gesithcund* sem-terra e, por fim, xi) *hlafords* com autoridade sobre os *gesithcundmen*. Essas descrições, no entanto, não são mutualmente exclusivas¹⁴⁹ (CAMPBELL, 1986, p. 131, tradução nossa)¹⁵⁰.

Essa hierarquia de homens livres ainda pode contar com a presença das relações reais, de chefe-de-combate (outra divisão *militar* da sociedade marcial¹⁵¹) ou da posse de terra, o que dificulta ainda mais uma análise específica de cada camada, em especial os *gesiths*. A divisão acima, no entanto, não leva em conta outras categorias de homens livres, como os *ceorls*, possivelmente um homem com os mesmos direitos que um possuidor de *wergeld de 200 shillings*, que também poderia ser dividida entre os *geburs* e os *gafolgeldas*. Para dificultar ainda mais, a divisão jurídica do código de Wessex, também inclui *britanos livres*, além de “(...) escravos, comerciantes, ferreiros, estrangeiros e capatazes dos reis e nobres”¹⁵² (CAMPBELL, 1986, p. 132).

Para além das posições sociais, também devemos olhar para as posições militares, as quais cada indivíduo ocupava em combate. É de Saxo Grammaticus, escritor do século XII, em sua obra *Gesta Danorum* (História/Feitos dos Danes), em que são descritas formas militares e posições específicas que cada guerreiro deveria

¹⁴⁸ *Shillings* (ou em certas regiões chamado de *thrymsa*) foi uma das moedas mais utilizadas durante o período saxônico, tendo ocupado espaço central nas primeiras relações comerciais e culturais (a partir dos rituais sociais) do século VII. Acredita-se que seu design tenha se desenvolvido a partir do estilo Romano ou Merovíngio, por possuir peso e formato semelhante.

¹⁴⁹ “From one point of view free society is divided into three: men with wergelds of 1,200, 600 and 200 shillings. But other distinctions appear. Among the higher classes we find: i) *ealdormen* each at the head of a territorial division, a *scir*; ii) 'other distinguished councillors'; iii) *scirmen*; iv) 'other judges'; v) king's *geneats*; vi) the *geneats* of other men; vii) *gesiths* apparently with some local authority; viii) king's *thegns* who are in some way superior to ix) *gesithcund* men holding land, who in turn count for more than x) *gesithcund* men not holding land; and lastly, xi) *hlafords* with authority over *gesithcundmen*. These descriptions are not mutually exclusive” (CAMPBELL, 1986, p. 131).

¹⁵⁰ Por uma falta de padronização na historiografia brasileira sobre o termo traduzido que deve ser atribuído a cada hierarquia, escolhemos deixá-los no formato original e, caso utilizado mais à frente, trazemos consigo uma breve explicação-lembrete sobre eles.

¹⁵¹ Ou seja, existe a essência da sociedade como um todo ser *marcializada*, tendo os conflitos corporais e todas suas estruturas sociais ligadas a ele como algo presente no cotidiano social. Temos também a existência de *cargos militares*, algo que demonstraremos mais à frente. Como Campbell (1986) reitera, tais hierarquias são se excluem, sendo um possível pertencer a mais de uma delas.

¹⁵² “(...) slaves, traders, smiths, foreigners and the reeves both of kings and noblemen” (CAMPBELL, 1986, p. 132).

ficar. De forma prática, podemos pensar na seguinte formação, elaborada a partir do modelo desenvolvido por Stephen Pollington (1996):

Tabela 4 – Exemplo de formação militar durante um combate germânico

		fierd				F
Werod	Duguð	Geogoð	Ord			I
ðēoden	Duguð	Geogoð	Ord	ord		E
werod	duguð	geogoð	ord			N
		fierd				D

Legenda

werod = seguidores jurados do ðēoden, uma das suas principais forças, presente nas fontes históricas desde a época de Tácito com o *comitatus*.

ðēoden = de origem nobre ou com grandes feitos, trata-se do chefe-guerreiro ou do rei (dependendo do período). Sua hierarquia na aristocracia pode variar.

Duguð = guerreiros veteranos.

Geogoð = guerreiros mais novos.

Fierd = resto das forças militares (sem hierarquia definida).

Ord = homens da linha de frente (sem hierarquia definida).

Fiend = inimigos.

Por isso, para compreendermos as estruturas sociais descritas no poema *Beowulf*, devemos primeiro averiguar as condições sociais do reino da Ânglia Oriental durante o século VIII. A partir disso, traremos o contexto histórico, social e comportamental necessário para entender de fato o que está implícito nos discursos e nos atos de cada indivíduo do poema.

Nos próximos subtópicos e no capítulo final, demonstraremos como todas as informações apresentadas até então se encaixam: o poema como um produto do século VIII, expondo tanto o comportamento germânico aprendido historicamente e mantido pela sociedade anglo-saxã, e como o *guerreiro*, como estrato social, pode ser encontrado na poética e nos estudos *beowulfianos*.

3.2. O comportamento marcial: costumes germânicos e anglo-saxões

As fontes históricas que descrevem o comportamento marcial dos primeiros reis e líderes militares são muito mais numerosas do que às ligadas exclusivamente aos povos germânicos. No entanto, o volume de fontes disponível implica uma problemática intrínseca: a necessidade de filtrar e de observar as temporalidades históricas e geográficas. Isso significa que, ao procurar informações ou noções gerais sobre o comportamento do guerreiro em fontes históricas que corroboram com a proposta da dissertação entender como é definido a ideia de *guerreiro* em *Beowulf*) devemos evitar extrapolar as limitações impostas pela teoria de composição desenvolvida por Sam Newton, mencionada no capítulo anterior: o reinado de Ælfwald, rei da Ânglia Oriental durante os anos de 713-750, avançando, no máximo, até o início das invasões vikings de 793¹⁵³.

Acreditamos que para melhor compreender o papel do *guerreiro* perante a sociedade na qual o poema *Beowulf* foi composto, devemos nos limitar à temporalidade do século VIII: momento histórico em que a ilha ainda não tinha sido atacada pelos vikings, evento que demarca uma grande ruptura na relação interna da ilha, assim como a relação com o cristianismo e o paganismo. É válido destacar, por exemplo, que a forte ligação com o passado germânico resulta em uma visão positiva perante os povos que migraram para a ilha – e que fundaram os reinos anglo-saxônicos – em meados do século V-VII. O mesmo não pode ser dito a partir do

¹⁵³ Com exceção das cartas de Alcuíno, sendo duas utilizadas ao longo do primeiro capítulo, tendo em vista a problemática doutrinária do monge existir muito antes das invasões, que apenas as reformaram.

momento em que o mosteiro de Lindisfarne é atacado em 793, pois além da distância temporal e da grande diferenciação cultural entre os *vikings*, começa a ser vista nas fontes que visam destacar uma necessidade de se defender dos invasores nórdicos.

Fontes que ainda não foram afetadas em totalidade por tal momento tornam-se nossa principal referência: entender um momento em que os povos germânicos ainda eram louvados – ou até mesmo alguns povos nórdicos, como os que aparecem em *Beowulf* – elogiados pelos seus atos e considerados, ainda, um ótimo padrão de comportamento para inspirar as futuras gerações. Basta pensar que *Beowulf*, sendo um guerreiro *Geat*, é louvado no poema pelos atos, pela força e pelo comportamento dignos de um príncipe, mesmo ele não sendo anglo-saxão, algo que não faria sentido caso o poema fosse composto no século IX-X, momento em que tais povos causaram grandes destruições na ilha britânica¹⁵⁴.

O poema expõe ao leitor as diversas tribos germânicas, personagens históricos (que aparecem até mesmo em outras fontes), questões ligadas à cultura, à política, à hierarquia, à sociedade militar e às cerimônias do povo germânico. Robert. T Farrell (1972) descreve esse fenômeno da seguinte maneira:

Beowulf é um trabalho de história heroica, isto é, um poema em que fatos e cronologia são subordinados ao interesse do poeta em ações heroicas e do valor em representar a ética de uma civilização heroica.

¹⁵⁴ É válido mencionar que alguns autores, especialmente aqueles que defendem uma tese de composição no século IX-X, atribuem os elogios a uma possível corte *nórdica* na Inglaterra que estaria tentando convencer a população anglo-saxã de que eles não eram os grandes vilões, em especial no período conhecido como *Danelaw* ou até mesmo de uma relação amigável entre os anglo-saxões e os nórdicos, como Richard North em *The Origins of Beowulf: From Beowulf to Wiglaf* (2006), que atribui a composição aproximadamente entre os anos de 820-840. Os estudos, entretanto, são questionados por uma maioria significativa na historiografia identificada até então, que atribui tal comportamento, especialmente a parte de elogios, somente possível em duas fases da história da ilha: *antes* da Invasão de Lindisfarne, quando os reinos ainda tinham um carinho pelo passado germânico, ou *pós-século XI*, nos já mencionados Anos Nórdicos (ver nota 105), com o relativo sucesso do reinado de Canuto II, que tentou desenvolver uma relação amigável e estável entre os povos nórdicos e anglo-saxônicos. Além disso, como destaca Sam Newton (1993), alguns erros históricos do poema *Beowulf*, em especial quando analisamos as informações presentes em outras fontes nórdicas referentes a figuras como Heorogar, Hrothgar, Helgi e até mesmo as relações dinásticas dos *Scyldings*, dinastia que se origina com Scyld Scefing, que são apresentadas de formas completamente diferentes. Portanto, a sugestão principal é que "(...) a audiência de *Beowulf* estava acostumada com as antigas tradições dos *Scyldings* que estavam presentes na Inglaterra *antes* da chegada dos Vikings a partir do século IX" [the audience of *Beowulf* were acquainted with Old English traditions of the *Scyldings* which were current in England before the period of Viking settlement in the latter part of the ninth century] (NEWTON, 1993, p. 25). Outro grande exemplo pode ser encontrado na *Ynglinga*, uma das Sagas Nórdicas, na qual um contraste da forma que o poema expõe Onela e Hrothgar pode ser identificado em relação à saga, do século XIII. Isso porque pode-se assumir que as informações das fontes mais tardias (as que fazem referência à cultura nórdica propriamente dita, não àquela de origem germânica) eram "atualizadas" em relação a de *Beowulf*, escrito pela tradição e, provavelmente, pelos contos orais remanescentes da memória coletiva durante a Era da Migração, alguns séculos antes da invasão Viking como um todo, que perdem algumas informações ao longo do tempo.

Um poeta escrevendo neste modo não ignora o fato histórico absoluto, isto é, a história como a conhecemos. Ele prefere vê-la como menos importante do que outras considerações¹⁵⁵ (FARRELL, 1972, p. 229, tradução nossa).

Isso significa que certas ações, como os discursos, os atos de doação, as formas que certas histórias são contadas, a jactância, as relações de honra e de servidão estabelecidas entre o senhor e o homem podem parecer estranhas e apresentarem uma valorização exacerbada, mas tais ações refletem um comportamento e uma moral específica de um período, importantíssimas para o desenvolvimento da sociedade.

Dean Miller (2000), em sua obra *The Epic Hero*, descreve, com grande apoio na hipótese Trifuncional, de Georges Dumézil, como a definição do “herói” em uma sociedade forma-se a partir de princípios necessários para a afirmação de um certo tipo de comportamento requerido por uma ordem específica da sociedade.

Esse herói idealizado pode possuir diversas características e questionar/tratar de diversas problemáticas da sociedade, na qual o *tipo* de fonte heroica também é de suma importância. O texto de *Beowulf*, portanto, encaixa-se em uma épica-histórica, ou seja, quando a estrutura do texto possui um foco narrativo “histórico”, na qual o contexto e os personagens principais são tratados como verdadeiros e existentes e, a partir deles, e desenvolvem a estrutura social existente no momento de produção do poema, utilizando o conteúdo como modelo, com atores reais, humanos e ações fidedignas (MILLER, 2000, p. 34).

Poemas épicos, como *Beowulf*, fonte desta pesquisa, permitem compreender o que Mircea Eliade (2002) descreve como “modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas” (ELIADE, 2002, p. 12) e que “ao olhar para o passado heroico (...) se sente algo permanente e algo simbólico (...) [e] para esta tarefa o poeta trouxe um aprendizado considerável em (...) tradições nativas” (TOLKIEN, 1936, apud HEANEY, 2000, p. 126). Ou seja, permite ao historiador compreender toda transformação e questões significativas para uma sociedade do passado que deixou diversas informações em produções literárias para os contemporâneos como forma de educar ou de moralizar um pensamento desejado.

¹⁵⁵ “Beowulf is a work of heroic history, i.e a poem in which facts and chronology are subservient to the poet’s interest in heroic deeds and their value in representing the ethics of an heroic civilization. A poet writing in this mode does not disregard absolute historical fact, history, that is, as we know it. He rather sees it as less important than other considerations (FARRELL, 1972, p. 229).

Ao apresentar diversos aspectos da “(...) vida social Germânica” (HILL, 1995, p. 16), na qual temos estruturas narrativas que permitem compreender como era o cotidiano de uma sociedade em transição entre o paganismo germânico e o cristianismo. Informações que aparecem como plano de fundo para a narrativa são de extrema importância ao analisar o manuscrito como fonte de um comportamento social e cultural.

Nestes momentos, podemos relacionar as citações de Tácito, em sua obra *Germania*, com poemas épicos anglo-saxões e outros tipos de registros, como hagiografias e obras históricas como de Beda, o Venerável, e o monge Gildas. Assim, observamos que as informações presentes em obras que procuram explicar os primeiros passos da evolução¹⁵⁶ cultural, desde a chegada dos Saxões na ilha britânica até o momento em que eles se estabelecem em reinos anglo-saxões, a partir dos séculos VI e VII.

Em vista disso, iremos, primeiro, entender como o comportamento marcial era exposto para a sociedade destacando quatro aspectos diferentes, mas que se completam, da sua vida para termos as bases de análise direta do poema *Beowulf*, foco do terceiro capítulo, permitindo que suas informações sejam analisadas com clareza. Focando nas principais bases que moldavam o *guerreiro* nesse momento de formação da sociedade: em um primeiro momento, apresentaremos a importância da descendência como comprovação do direito de respeito¹⁵⁷ e da participação da sociedade aristocrata, os discursos presentes durante a apresentação de um indivíduo para o outro, diferenciando uma estratificação inferior e superior à dele, os equipamentos e as vestimentas utilizados pelo guerreiro, o ritual de banquete juntamente a diversos comportamentos específicos e, por fim, as motivações para ir à batalha, criando um ciclo marcial da sociedade envolto da economia de honra.

¹⁵⁶ Usamos o termo aqui não como “*primitivo e avançado*”, mas de transição entre uma estrutura social germânica para uma sociedade em que grande parte de sua estrutura política é cristã.

¹⁵⁷ Destacamos que estamos chamando o comportamento de “Direito de Respeito” por se tratar de algo que era, a partir do momento que fora legitimado (legitimação que poderia vir a partir de diversos caminhos), justo e obedecido por todos. O Respeito também envolve o comportamento ritualismo dos anglo-saxônicos: não estamos falando de um respeito do cotidiano, mas sim de um esperado pela lei e pelos costumes que impõem uma subjugação daquele de posição inferior ao outro, como visto no ponto 2.1.

3.3. O universo do guerreiro: discurso de apresentação e descendência

O comportamento marcial, aquele presente no universo cultural do guerreiro, pode ser compreendido em diversas etapas. Um dos primeiros passos para ser reconhecido na sociedade é demonstrar o valor para que suas ações tenham uma justificativa tanto familiar como pessoal. Ao se apresentar, em um discurso cheio de significados e de afirmações sobre si, também é necessário demonstrar o passado heroico e glorioso ao qual o guerreiro pertence.

A descendência como fonte de respeito e poder está presente na cultura germânica e é acentuada na anglo-saxônica, tornando-se um dos principais pilares na justificativa do poder de uma aristocracia militar em formação. Como destacamos, quase todos os reinos da *Heptarquia* possuem algum tipo de mito fundador que está presente nas genealogias reais, sendo estas sempre ligadas a alguma deidade germânica ou a diversos reis mitológicos.

A essência de uma descendência digna de respeito é questão central na sociedade anglo-saxônica do século VIII. Destacamos que praticamente todos os outros rituais sociais estão, de uma forma ou de outra, intimamente ligados ao passado do guerreiro: a honra e a lealdade envolvem relações pessoais, o armamento pode representar o passado da família, os feitos heroicos do indivíduo se tornam os feitos da família e do senhor, a posição que o guerreiro pode tomar no banquete está ligada à sua descendência. Ou seja, a ideia de prestígio individual se torna um prestígio familiar: todas as ações de um guerreiro devem ser dignas, inclusive as ações dos descendentes dele;

O poema *Beowulf* apresenta essa construção de poder através da descendência, na qual podemos observar dois tipos diferentes: um apresentado pelo poeta-narrador da história e outro narrado diretamente pelos personagens em suas introduções. O primeiro pode ser observado já no início do poema com a apresentação do mito fundador dos Scyldings, a tribo do rei Hrothgar, com o personagem Scyld Scefing.

Ouçam! Nós dos guerreiros
 dinamarqueses dos dias de outrora,
 dos reis de sua tribo, ouvimos falar de sua glória;
 de como esses príncipes realizaram feitos valorosos!
 Scyld Scefing, chefe dos Danos, cessou os bródios
 com hidromel dos bandos raivais cujos varões,
 de várias raças, ruíram pelo medo.
 Medrou Scyld: privações experimentara

(pobre criança, crescera sob céu de nuvens),
 mas lograra honra e glória, para, logo,
 ver, além do mar, via de baleias,
 povos prestar-lhe preito. Foi bom rei!¹⁵⁸ (BEOWULF, 2011, versos 1-11)¹⁵⁹.

Destaca-se na figura de Scyld Scefing o respectivo mito de origem: “crescera sob céu de nuvens”, *kenning* que apresenta a ideia de o personagem ter vindo do mar, sem uma origem humana e predestinado, como conclui o poeta, a dominar e a ser louvado por diversos povos como um bom rei. Esse mito de origem justifica, de forma simples, mas eficaz, como o povo danes é predestinado a grandes conquistas e glórias, visto que o próprio fundador era grandioso desde a origem, sendo as conquistas e as glórias passadas aos descendentes, afinal “sua ilustre carreira inicia sua família real de forma apropriada¹⁶⁰” (FULK; BJORK; NILES, 2008, p. 111).

Outra forma de apresentar a descendência do personagem para justificar uma ação é exposta com a chegada de Beowulf à costa danesa, quando ele sai de *Geatland*, terra natal do personagem, para exterminar o monstro que atacava uma tribo de Hrothgar. Devemos compreender, inicialmente, que a descendência gloriosa de Beowulf reflete diretamente Scyld e, portanto, o torna um indivíduo tão forte e tão glorioso quanto o parente dele. Tal questão é representada com o fracasso de Hrothgar em exterminar o monstro Grendel durante o período de 12 invernos, mesmo ele sendo apresentado como um grande rei, dono do salão Real mais belo de toda região (BEOWULF, 2011, versos 77). Beowulf, entretendo, está preparado para lutar até a morte, caso falhe na tarefa a ele atribuída. Para provar que o guerreiro *Geat* é capaz de realizar tal feito, a apresentação para o guardião da costa danesa se torna uma representação dessas estruturas de poder advindas da descendência:

(...) “Povo geta somos; amigos de salão
 de Hygelac nós somos sim. Um nobre e
 famoso chefe do fronte foi meu pai.
 O seu nome era Ecgtheow. Morreu após

¹⁵⁸ “Hwæt! We Gar-Dena in gear-dagum / þeod-cyninga, þrym gefrunon, / hu ða æpelingas ellen fremedon! / Oft Scyld Scefing sceaþena preatum / monegum mægþum meodo-setla ofteah; / egsode eorl[as] syððan ærest wearð / feaſceaft funden / he þæs frofe gebad, /weox under wolcnum, weorð-myndum þah, / oðþæt him æghwylc para ymb-sittendra / ofer hron-rade hyran scolde, / gomban gyldan. Þæt wæs god cyning!” (BEOWULF, 2011, versos 1-11).

¹⁵⁹ Enfatizamos, tendo em vista o futuro uso de citações diretas do poema, que as versões originais do poema presentes na nota de rodapé são seleções aproximadas. Devido às discussões e às problemáticas advindas do processo de tradução, como destacado no tópico capítulo 1, realizar uma referência direta do original é, praticamente, algo impossível. Por este motivo, as citações presentes no texto podem possuir referências diferentes da original na nota de rodapé.

¹⁶⁰ “His illustrious career fittingly initiates [his] great royal line” (FULK; BJORK; NILES, 2008, p. 111).

viver vários invernos – velho tirado da Terra. Por todo o mundo, os sábios bem se lembram dele¹⁶¹ (BEOWULF, 2011, versos 260-265).

É interessante observar que, antes mesmo de identificar-se como um importante príncipe Geat, Beowulf apresenta a descendência dele como justificava para estar presente. Somente no verso 346, após cumprir a apresentação inicial, é que o guerreiro apresenta seu nome. O pai dele e as relações que ele cria com Hrothgar são lembradas novamente ao longo do poema, no qual a descendência ganha um destaque importante. Dorothy Whitelock (1962) afirma que dos “[...] restos de sua poesia secular, podemos ver que eles [os reinos anglo-saxônicos] se interessaram pelo início da história e tradições de todos os povos germânicos, como em seus próprios” (WHITELOCK, 1952, p. 12).

É importante lembrar que, durante o período de formação dos reinos anglo-saxônicos, os “reis não eram escolhidos (*gecoren*) por um voto democrático secreto, mas pela virtude ao ser aceito como soberano dos homens do grupo¹⁶² (POLLINGTON, 1996, p. 31). O monge Alcuíno também oferece informações sobre a importância disso no dia a dia. Em uma de suas cartas, datada de 797, enviada para os nobres do reino de Kent, o monge destaca que “[...] das antigas linhagens reais existentes, quanto mais incertas suas origens, quão menor será sua força¹⁶³” (ALCUINO, 797, apud CHANEY, 1970, p. 17).

A descendência não servia apenas para a justificativa de poder e de respeito perante membros da aristocracia guerreira, mas também representava uma das bases desse estrato. Desta relação familiar, também podemos concluir que “[...] o rei é o líder do grupo de guerreiros, mas também é o mediador com o divino, sendo o representante sagrado da “sorte” do grupo¹⁶⁴ (CHANEY, 1970, p. 14). A ideia de sorte¹⁶⁵ é

¹⁶¹ “We synt gumcynnes / Geata leode / Ond Higelaces heorðgeneatas / Wæs min fæder folcum gecyþed / Æþele ordfruma, Ecgþeow haten./ Gebad wintra worn, ær he on weg hwurfe, / Gamol of geardum; hine gearwe geman / Witena welhwylc wide geond eorþan” (BEOWULF, 2011, versos 260-265).

¹⁶² “Anglo-Saxon kings were “chosen” (*gecoren*) not by democratic secret ballot, but by virtue of being accepted as overlord by the leading man of the nation” (POLLINGTON, 1996, p. 31).

¹⁶³ “Scarcely any of the ancient royal kindred remains, and by as much as their origin is uncertain, by so much is their power less” (CHANEY, 1970, p. 17).

¹⁶⁴ “(...) the king is leader of the war-hosts but also the charismatic mediator with the divine, the sacral holder of the tribal “luck” (CHANEY, 1970, p. 14).

¹⁶⁵ A ideia de sorte deve ser pensada como algo *sobrenatural*: não se trata, necessariamente, de um aspecto “mágico” ou do imaginário da sociedade, mas sim como algo que foi conquistado por um

baseada nas conquistas e nas aquisições do chefe-guerreiro – ou, em um estágio mais avançado, do rei. Já relação com os deuses pode ser vista tanto na descendência real direta de um deus germânico, que “(...) estabeleceria tanto o direito hierárquico na sociedade como uma base para a conduta social de um nobre¹⁶⁶” (CHANEY, 1970, p. 18) quanto no culto que o reino seguiria. Jorge Luís Borges (2006) argumenta sobre o fato:

Os reis germânicos descendiam diretamente dos deuses. Não havia como negar a um chefe que rendesse homenagem a seus antepassados. Assim, os sacerdotes cristãos que foram encarregados por sua cultura de redigir as genealogias dos reis (...) viram-se diante do dilema de não contradizer os reis e, ao mesmo tempo, não negar a Bíblia (...), por exemplo, o bisavô é Odin, o qual é neto algum patriarca. Depois remontam diretamente a Adão (BORGES, 2006, p. 6).

No entanto, em uma sociedade em que a marcialidade é parte do cotidiano, o guerreiro não deve apenas possuir descendência ou apresentar um passado heroico como justificativa de poder: é necessário que ele se porte como um grande guerreiro, reconhecido visualmente antes mesmo de se apresentar. Como descreve Patrick Geary (1985) descreve como a “(...) a relação entre os membros vivos e mortos de seu clã há muito é vista como essencial na sociedade medieval primitiva¹⁶⁷” (GEARY, 1995, p. 35-36).

3.3.1. Os equipamentos bélicos e os adornos

O guerreiro, ao ser visto por outro, deve ser reconhecido como um indivíduo de grande porte. A primeira impressão deve ser marcante, de destaque na sociedade, a ponto de um pequeno ritual de elogio (encontrado com maior destaque nos ritos

indivíduo – terras, poder, honra, glória, etc. – e que fornece os meios necessários para que os descendentes possam atingir um *status* superior em relação ao primeiro. Exemplo prático pode ser visto na narrativa de *Beowulf*: Hygelac, tio de Beowulf, é visto como um grande rei, de futuro brilhante desde jovem (BEOWULF, 2011, versos 1833) e de conquistas invejáveis, o que obriga o sobrinho a superar os feitos existentes: trouxe glória ao povo *Geat* ainda jovem, eliminando dois monstros e ganhando grandes presentes (BEOWULF, 2011, versos 1842-1850), governa por 50 anos de prosperidade (BEOWULF, 2011, versos 2209-2212) e ainda tenta ajudar o conflito dos *danos*. Tudo isso foi atingido, primeiro de tudo, por mérito próprio do guerreiro, mas também foram feitos a partir de uma *necessidade* social: Beowulf, quando jovem, era preguiçoso e só começou a fazer jus à sua posição aristocrática quando ganhou uma arma de Hrethel (BEOWULF, 2011, versos 2188-2200). Como veremos mais à frente, trata-se do *mana*.

¹⁶⁶ “(...) to establish both claims to rank and a standard of conduct worthy of the noble born” (CHANEY, 1970, p. 18).

¹⁶⁷ “(...) relationship between the living and dead members of their clan has long been seen as an essential one in early medieval society” (GEARY, 1995, p. 35-36).

sociais durante o banquete) aconteça: exemplo primário disso pode ser visto tanto quando Beowulf chega à costa danesa e é interceptado pelo guardião da praia, questionando quem chega no reino de Hrothgar sem avisar. O mais importante, que já destaca Beowulf como um guerreiro e um homem diferenciado, é seu espanto ao observar o quão bem equipados eles se encontram:

Conduziu-se à orla, com o seu cavalo,
o guerreiro de Hrothgar. Gritou, grave,
pergunta (brandia lança poderosa):
“Portadores de armas que se protegem
com cotas, quem sos vós que, cá,
cruzastes o mar, via de águas, co’o
vosso navio grande a carregar-vos?”

**Guardião da costa, já muito eu sou.
(...) Nunca vi cá virem varões co’escudos
tão patentes. (...) Jamais vi maior varão
que, dos vossos, este que arnês traja.**

A julgar pelo ar, não é serviçal¹⁶⁸ (BEOWULF, 2011, versos, 237-243, 246-247, 252-254, grifo nosso).

Duas questões, portanto, destacam-se já na primeira vez que Beowulf é apresentado ao leitor pelo guarda da costa: a primeira é que seus homens estão bem-vestidos, com equipamentos de qualidade e prontos para guerra, tanto que assustam o homem que a tanto tempo protege a praia. Isso é importante, pois os homens de Beowulf (um *æðeling*¹⁶⁹, são os *gesið* ou *thegns*¹⁷⁰, isto é, aqueles homens de combate que o seguem, o *werod*¹⁷¹, que acompanham o guerreiro-chefe) devem representar o mesmo em aparência e comportamento. Ali a representação não fica apenas no caráter material da armadura, mas sim no aspecto representativo que ela expõe.

¹⁶⁸ “Gewat him þ ato waroðe wicge ridan / Þegn Hroðares, þrymmum cwehte / Mægenwudu mundum, mepelwordum frægn: / “Hwæt syndon ge searohæbbendra, / Byrnum weredem, þe þus brontne ceol / Ofer lagustræte lædan cwomon, / Hider ofer holmas? Ic hwile wæs / Endesæta (...) / No her cuðlicor cuman ongunnom / Lindhæbbende (...) / Næfre ic maran geseah / Eorla ofer eorþan ðonne is oewer sum, / Secg on searwum; nis þæt seldguma, / Wæpnum geweorðad, næfne him his wlite leoge, / Ænlic ansyn” (BEOWULF, 2011, versos 234-241, 244-245, 247-251).

¹⁶⁹ “*Æðeling*” é o termo utilizado para aqueles abaixo do rei, mas ainda em uma posição de aristocracia. Beowulf, como filho de Ecgtheow e sobrinho adotivo de Hygelac, encontra-se nessa posição (POL-LINGTON, 1996, p. 84).

¹⁷⁰ O termo *gesið* pode ser traduzido como “*guerreiros que acompanham*”, sendo a versão mais antiga de *thegn/thane*. De hierarquia ainda não identificada no poema, sendo apenas o guerreiro central identificado (a partir da sua armadura e seu comportamento), os outros são vistos apenas como companheiros. Para detalhes da palavra, ver Bosworth, Joseph; Toller, T Northcote; Campbell, Alistair, eds. (1972). *Anglo-Saxon Dictionary* ou <https://bosworthtoller.com/> (versão digital).

¹⁷¹ *Werod* é um termo que possui origem no inglês anglo-saxão e faz menção a um *grupo* de homens organizados para o combate, jurados em um contrato de lealdade germânico, seja para defesa (como inicialmente aparenta ter sido – como descrito por Tácito) ou para ataque. São comandados pelo ðeoden, *um aristocrata com poder e glória justificáveis* (podendo este ser rei, príncipe ou qualquer outro tipo de aristocracia social que lhe desse poderes sob os outros).

A segunda questão que podemos observar é que, mesmo com esse grupo acompanhando Beowulf, ele se destaca. Emana, nas palavras de Erick Ramalho (2011) um “ar” de não ser um mero serviçal, mas sim de aparência e comportamento nobre. É nesse momento que podemos atribuir, também, armaduras especiais como o elmo de Javali encontrado em Sutton Hoo, sítio arqueológico na Ânglia Oriental, que supostamente pertenceu a um aristocrata¹⁷² e que serviria para diferenciar o homem guerreiro “normal” do líder do grupo. Em Beowulf, um elmo semelhante é descrito:

Em seus elmos brilhavam os *emblemas, de javali*,
ornados de ouro, junto ao fogo fundido:
com seu feitio, bélico, os
javalis os varões velam¹⁷³ (BEOWULF, 2011, versos 302-305, grifos
nossos).

A descrição da armadura e do elmo como símbolos supostamente supersticiosos se torna mais importante quando realizamos a comparação entre as informações estudadas nas fontes auxiliares, que destacam as características dos povos germânicos já mencionadas, em especial a *Germania*, de Tácito. É nela que vemos, em primeira instância, o uso da representação de um animal como paralelo do poder protetor do povo: “Como emblema do culto eles [povos germânicos] usam imagens de javalis e isso, ao invés de armaduras ou proteção humana, garante a segurança do cultista mesmo entre inimigos¹⁷⁴” (TACITUS, 2009, p. 97, tradução nossa).

Não podemos esquecer que joias e adornos, como braceletes e anéis, também representavam uma forma de poder nas relações sociais e políticas na cultura anglo-saxã. Tal representação de poder e importância do indivíduo na sociedade através dos equipamentos utilizados é realizada durante toda a narrativa do poema e está diretamente relacionado aos rituais da sociedade anglo-saxã. Scyld Scefing, fundador da dinastia dos daneses e ascendente de Hrothgar, tem seu navio funerário cercado de joias e de tesouros conquistados, demonstrando o poder militar como um grande líder e como um grande homem, por ter atingido tal *status*:

¹⁷² Inúmeras teorias que tentam explicar a origem desse elmo foram produzidas ao longo dos anos, mas o que se destaca é o aspecto ritualista e representativo: ter um elmo representava poder e *status*, um elmo enfeitado e trabalhado especialmente para uma figura de poder. Ele teria, supostamente, pertencido a Raedwald, *bretwalda* e rei da Ânglia Oriental, que teria *status* e autoridade suficiente para isso.

¹⁷³ “(...) Eoforlic scionon, / Ofer hleorberan gehroden golde, / Fah ond fyrheard; ferhwearde heold / Guþmod grimmon” (BEOWULF, 2011, versos 303-306).

¹⁷⁴ “As an emblem of the cult they wear images of boars, and this, instead of arms or human protection, ensures the safety of the worshipper even among his enemies” (TACITUS, 2009, p. 97).

(...) Intrépido, pereceu.
 Segundo ordenara certa vez, Scyld
 Foi, lorde louvável, ao mar levado.
 Nau de vante curvada, sob a neve,
 Já no porto atracara. Posto o corpo
 Ao pé do mastro, cercou-se o monarca
De tesouro de terras tão remotas.
Na nau, preste a navegar, puseram
O homem que, em vida, os anéis de honra dava;
Brilhava, com seus ornatos, o barco:
Tão pulcro assim nunca um sepulcro pôs-se.
Ao redor do corpo, pertences caros:
a régia espada e belas malhas bélicas.
Partiu. Onda há ondas, navegou a nave
Com presentes não menos preciosos
- ouro do povo – que os adornos dados
*A Scyld, quando vagou, criança, nas vagas*¹⁷⁵ (BEOWULF, 2011, versos 28-44).

Vale destacar que tesouros deveriam ser conquistados, assim como no começo da influência política das futuras monarquias anglo-saxãs, “[...] mediante a força¹⁷⁶” (GONZALEZ, 2015, p. 209, tradução nossa), comprovada pelas conquistas militares e pelas pilhagens adquiridas ao longo dos anos na vida do guerreiro. Roubar, seja do vivo ou do morto, adquirir sem lutar ou qualquer outro tipo de aquisição que não envolva uma ação vista como honrosa era algo extremamente criticado. Prova disso são dois eventos no poema *Beowulf*: por mais que Scyld tenha sido enterrado com grandes riquezas, os tesouros não doados aos guerreiros dele não eram deles e ninguém tinha direito de ficar com eles. Os tesouros da nau, por exemplo, não poderiam ser mexidos:

(...) o rei dano ao mar foi encomendado,
 Mas quem pegou a carga da nau no pego
 Jamais se soube – sábios nos salões
 E guerreiros ignoram – no igualmente¹⁷⁷ (BEOWULF, 2011, versos 47-52).

¹⁷⁵ “(...) Lofdædum sceal / in mægþa gehwære man geþeon. / Him ða Scyld gewat to gescæphwile / felahror feran on Freat wære. / Hi hyne þa ætbæron to brimes faroðe, / swæse gesiþas. Swa he selfa bæd / þenden wordum weold wine Scyldinga. / Leof landfruma lange ahte. / Þær æt hyðe stod hringedstefna, / isig utfus, æþelinges fær. / Aledon þa leofne þeoden, / beaga bryttan on bearm scipes, / mærne be mæste. Þær wæs madma fela / of feorwegum frætwa gelæded. / Ne hyrde ic cymlicor ceol gegyrwan / hildewæpnum heaðowædum, / billum byrnum. Him on bearme læg / madma mænigo; þa him mid scoldon / on flodes æht feor gewitan” (BEOWULF, 2011, versos 23-42).

¹⁷⁶ “(...) sea mediante la fuerza” (GONZÁLEZ, 2015, p. 209).

¹⁷⁷ “(...) Him wæs geomor sefa, / murnende mod. Men ne cunnon / secgan to soðe selerædenne, / hæleð under heofenum, hwa þæm hlæste onfeng” (BEOWULF, 2011, versos 49-53).

O tesouro e os artefatos que seriam doados para criação do exército fiel ao homem e a tudo aquilo que girava em torno do universo cultural do guerreiro deveria ser *merecido* e *conquistado*. Usufruir de um grande tesouro, como o de Scyld, não traria glória alguma. O segundo caso é ainda mais marcante: o reino *Geat*, após 50 anos de grande fartura, é atacado por um dragão justamente porque um homem, descrito apenas como ladrão¹⁷⁸, rouba o tesouro da caverna que o animal protegia:

(...) Sob 'scura
 Noite, começaria um dragão, contudo,
 (de ouro guardião, num outeiro-sepulcro,
 Alta pedra) a atacá-los: via haveria –
 Lá dentro, dos homens desconhecia –
 De achar um ladrão tão astuto, então,
 Que (o dragão a dormir) despojaría-o
 Do cintilante ouro pagão. Sob fúria,
 Ao acordar, ele atacaria o arrabalde.
 O que transgrediu da serpe o tesouro
 Não o fez por que o quis: ferido fora,
 Com gravidade. Lá, ladrão de golpes
 a escapar, entrada – num esconderijo
 Pro filho de nobres, aflito, em fuga
 (culpado). Logo, o horror. Lastimoso homem
 (invasor) foi descoberto***¹⁷⁹
 *** provocado
 *** ataque súbito.
 Tinha esta casa de terra¹⁸⁰ tesouros:

¹⁷⁸ Dependendo da tradução, o homem é considerado um *ladrão* ou um *escravo*. No geral, pouco importa: a definição de homem, como já visto no tópico anterior, pode incluir homens *livres* ou *escravos*. O poeta deixa, aparentemente, essa alusão hierárquica de lado para dar destaque as consequências do ato do homem: um reino próspero foi destruído devido ao roubo de tesouros que não pertenciam a ele.

¹⁷⁹ “Os asteriscos indicam as partes do manuscrito que estão ilegíveis, aqui em extensão maior do que nos versos 390, 405 e 3115, aos quais faltam apenas algumas palavras” (RAMALHO, 2012, p. 211). É importante destacar que a construção da frase também sofre com a ausência desses trechos: por ter sido escrito no pretérito-mais-que-perfeito, o porquê de o invasor ter sido ferido (e o texto complementa que *talvez* ele não tenha entrado no túmulo de propósito) acaba sendo um grande mistério. O contexto dos versos como um todo, no entanto, permite argumentar que ele havia sido ferido *por um motivo válido*, fugindo porque era ladrão e a consequência de seus atos – não sabemos se ele morre ou não; mas, ao dragão acordar, sinaliza uma grande punição para todos: perturbar o túmulo de um grande guerreiro, como o do varão enterrado, é um crime grave

¹⁸⁰ “Trata-se de um monte erguido sobre o solo que é utilizado pelo dragão como moraria e chamado de *eorðhus* (earth-house, em inglês moderno), isto é, uma casa de terra” (RAMALHO, 2012, p. 211). O termo merece atenção devido ao costume de sepultamento dos povos germanos e anglo-saxões durante boa parte dos séculos IV-VII: a criação de grandes montes de terra que serviam como demonstração do poder do guerreiro em vida, deixando uma marca visível na terra. A presença dos *burial mounds* (túmulos de terra – como sempre, uma tradução que envolve a essência do termo, não a literal) em todos os povos de origem germânica é algo constante, sendo o mais famoso os montes de Sutton Hoo 1 e 2. O poema *Beowulf* é uma peça-chave para pensar a presença dos montes, como já mencionado no capítulo 1: ele traz as figuras de Ohthere e Eadgils, indivíduos que possuem montes no *Ottarshögen* (*Ottar's Mound* em inglês ou Monte de Ottar em português), datado por volta do 500 a 590, o que condiz com a guerra dos suíones e dos *geats*, e que permite identificar historicamente o porquê do poeta descrever esse tipo de túmulo.

Grande legado lá guardado em eras
 Priscas – preciosas peças; de uma nobre
 Raça relíquias (a morte os raptara,
 No passado). Vivo, um varão velara
 O antigo ouro. Ali estivera um homem
 Que se pudera de luto por seus
 Amigos, até que, então, a ele, assim,
 Levava o fado também¹⁸¹ (BEOWULF, 2011, versos 2213-2237).

O trecho, escrito no pretérito mais-que-perfeito, precisa ser decifrado: de forma direta, um ladrão, ferido por algum motivo merecido, que não sabemos o porquê devido ao dano causado pelo fogo aos manuscritos em 1737, entra em um túmulo de terra para se esconder e lá encontra um tesouro de um antigo guerreiro que realizou grandes feitos, honrado pelos pares, mas que estava protegido por um dragão. Mesmo que não tenha entrado de propósito, aproveitou a chance para roubar parte do tesouro que ali estava para si, o que enfureceu o guardião do tesouro e resultou em um ataque brutal ao reino dos *geats*, forçando o rei Beowulf, agora já velho, a uma última luta, que em última instância é a causa direta da sua morte.

Toda essa ação pode ser interpretada como uma consequência de um ato não honroso por parte de um guerreiro, possivelmente *Geat*, que tenta usufruir dos bens que foram conquistados por outro guerreiro. O poema nos apresenta a doação de joias, de adornos, e, especialmente, de armaduras e de equipamentos bélicos – que muitas vezes recebem nomes próprios – como algo extremamente importante na hierarquia e no comportamento esperado por aquela sociedade, então quebrar ou burlar esse sistema pode ter consequências graves para o indivíduo e para o seu meio. Não podemos desassociar o fato de que o poema, para o ouvinte, servia como uma instrução no sentido pedagógico da palavra. Dorothy Whitelock (1964) destaca que a audiência, aquela que estava na cabeça do poeta enquanto o conteúdo era composto e posteriormente narrado, e o conteúdo deveriam fazer sentido para determinado público. Uma ação ruim, exposta pelas consequências do ato, torna-se algo que o ouvinte relacionará com a própria vivência, não repetindo os mesmos atos.

¹⁸¹ “(...) He þæt syððan beget / þeah ðe he slæpende besyred hæfde / þeofes cræfte, þæt sie ðiod onfand, / bufolc beornes, þæt he gebolgen wæs. / Nealles wæs geweoldum wyrmhorda cræft, / sylfes willum, se ðe him sare gesceod, / ac for þreanedlan þeof nathwylces / hæleða bearna heteswengeas fleoh; / ðær wæs þearfa, ðær inne weall, / secg synbysig, sona onwacede, / þæt *** ðam gyste gryrebrogas stod. / Hwæðre fyrensceapen *** / *** sceapen / *** pa hyne se fær beGeat. / Sincfæt *** þær wæs swylcra fela / in ðam eorðsele ærgestreona, / swa hy on geardagum gumena nathwylc, / eormenlæfe æpelan cynnes, / þanchycgende þær gehydde, / deore maðmas. Ealle hie deað fornam / ærran mælum, si an ða gen / leoda duguðe, se ðær lengest hwearf, / weard winegeomor, wende þæs yldan, / þæt he lytel fæc longgestreona / brucan moste” (BEOWULF, 2011, versos 2217-2241).

Isso é frequentemente apresentado para o leitor do poema, que observa Beowulf cumprindo todos os feitos prometidos, como o extermínio dos dois monstros que atormentavam Hrothgar, e sendo recompensado por isso. Dentre os presentes, joias recebem um grande destaque, pois passam essa ideia pura de riqueza e de glória. Podemos ver essa situação de forma muito clara quando o narrador apresenta os presentes dados a Beowulf por Hrothgar em comemoração às vitórias alcançadas.

A Beowulf deu, de Healfdene
o filho mais recompensa: insígnia
de ouro, elmo, espada magnífica, e cota
– bela era a bandeira bélica. Bebia, no salão,
Beowulf. Sabia que ostentar
presentes oferecidos (caros)
a ele carecia de pejo algum¹⁸² (BEOWULF, 2011, versos 1017-1025).

Tais presentes, além de terem, normalmente, um material de qualidade muito maior do que aqueles que o guerreiro teria acesso, também possuem um impacto representativo: o presente de um *cynning*, um rei, estão diretamente associados ao valor e à reputação do guerreiro, algo semelhante a “[...] medalhas e títulos que temos na nossa cultura [contemporânea]”¹⁸³ (POLLINGTON, 1996, p. 34, tradução nossa). Esses objetos criariam o que compreendemos como como um “objeto de valor representativo”, no qual seu valor material, como um ferro de uma espada ou o ouro de um copo, não representa, na sua totalidade, o valor real.

O objeto, no entanto, poderia ser passado para outro guerreiro: como visto acima, um membro de hierarquia superior poderia recompensar os atos de diversas maneiras. No entanto, só o ato de doação era raro, tendo em vista o valor implícito da ação para a sociedade. Entra em questão dois grandes rituais sociais do cotidiano do guerreiro: os elogios e os banquetes.

3.3.2. Os ritos sociais: os elogios e os banquetes com presentes

Um dos rituais mais importantes da sociedade germânica ocorre durante as refeições. É no banquete¹⁸⁴, em especial, naqueles de comemoração ou convocados

¹⁸² “Forgeaf pá Béowulfe brand Healfdenes/ segen gyldenne sigores tó léane / hroden hiltecumbor, helm ond byrnan-/ maére máðþumsweord manige gesáwon / beforan beorn beran Béowulf gepah / ful on flette nó hé þaére feohgyfte/ for scótenum scamigan ðorfte” (BEOWULF, 2011, versos 1017-1025).

¹⁸³ “(...) more-or-less as medals and titles have had in our culture” (POLLINGTON, 1996, p. 34).

¹⁸⁴ Stephen Pollington (2010;2012) chama esse ritual de “The Ale Ritual”, que poderia ser traduzido como “Ritual da Cerveja”. No entanto, *A/e* acaba possuindo uma tradução semelhante a “bebida forte”

para algum tipo de informativo, que a sociedade germânica expõe o comportamento hierárquico mais explicitamente. O evento pode ser resumido como um grande *jantar*, dentro de um salão real, edifício como o *meadhall* (e variantes do inglês antigo¹⁸⁵), inspirado nos costumes germânicos descritos por Tácito nos pontos 13 e 14 da *Germania*.

Nestes pontos, o senador romano descreve como a constante relação de guerra dos povos germânicos os forçou a criar um sistema de lealdade baseado na força, na glória, na honra, nos presentes e nos banquetes. Homens que se destacavam, seja entre pares ou vizinhos, “[...] são cortejados por embaixadas e elogiados por presentes, e muitas vezes decidem guerras por sua mera reputação¹⁸⁶ (TACITUS, 2009, p. 83, tradução). Destacamos algo ainda mais interessante: a cultura do povo germânico de presentear o chefe do grupo originalmente focava em objetos e itens úteis para a guerra. Tácito, no entanto, demonstra uma mudança no comportamento da sociedade ao se relacionar com os romanos:

É costume que os homens façam contribuições voluntárias e individuais de gado ou produtos agrícolas aos chefes militares. Estas são aceitas como um **símbolo de honra**, mas também aliviam necessidades. Os líderes têm um prazer peculiar com presentes de estados vizinhos, que não são enviados apenas por indivíduos, mas também pela comunidade: cavalos escolhidos, braços esplêndidos, discos e coleiras de metal. **Agora eles também aprenderam a prática de aceitar dinheiro – conosco**¹⁸⁷ (TACITUS, 2009, p. 84, grifo nosso, tradução nossa).

e não necessariamente cerveja (ou até mesmo citra fermentada, mistura de ervas, álcool forte, entre outros), o que dificulta a tradução clara do termo para o português. Compreendendo o ritual como um todo, que envolvia um grande festejo com um banquete e bebidas no centro, acreditamos que a tradução mais próxima acaba sendo a proposta: “Ritual do Banquete”.

¹⁸⁵ Como destacamos diversas vezes, a tradução literal do inglês antigo para qualquer linguagem moderna acaba resultando, frequentemente, na perda de sentido. Stephen Pollington destaca que “béor-sele” e “meduseld”, embora possuam traduções literais com outros sentidos de “salão de comida”, na essência ainda possuem o significado envolto do ambiente mais importante na cultura marcial anglo-saxônica e do local dos Rituais de Banquete (POLLINGTON, 2010, p. 19).

¹⁸⁶ “(...) are courted by embassies and complimented by gifts, and often decide wars by their mere reputation” (TACITUS, 2009, p. 83).

¹⁸⁷ “It is customary for states to make voluntary and individual contributions of cattle or agricultural produce to the leaders. These are accepted as a token of honor, but also relieve their needs. The leaders take peculiar pleasure in gifts from neighboring states, which are sent not only by individuals, but by the community as well: choice horses, splendid arms, metal discs and collars. **Now they have also learnt the practice of accepting money – from us**” (TACITUS, 2009, p. 84, grifo nosso).

O ritual, para as sociedades pós-germânicas (em especial a Anglo-saxônica e Nórdica), pode ser identificado como *symbel*¹⁸⁸, que pode ser visto como um ato por si só (POLLINGTON, 1996, p. 36). Ou seja, trata-se tanto de um ritual por completo, em que a realização dele já condiz como um momento extremamente importante do cotidiano militar, ou pode ser uma ferramenta para a realização de outras cerimônias, como as de elogio e as de doação. Em *Beowulf*, o ritual é visto constantemente, atuando em ambas as definições: a construção de Heorot, *meadhall* de Hrothgar, é descrita como um grande feito, símbolo do *status* e do poder que o rei danes atingiu em vida. Ademais, as festas e os banquetes frequentemente eram realizados com papel de doador de anéis¹⁸⁹, isto é, um rei redistribuiu toda glória àqueles fiéis a ele:

Em suas palavras, que eram soberanas.
Então pagou sua promessa: proveu
Anéis (tesouro) ali, no banquete. Altas
Torres o salão tinha, e amplas¹⁹⁰ (BEOWULF, 2011, versos 80-84).

Em outros momentos, poderia ser feito para comemoração dos feitos do guerreiro, que eram acompanhados com o ritual de elogios. Além de expor, de forma clara, a hierarquia interna entre os guerreiros, também é um momento em que o poeta apresenta parte do papel da mulher, como no momento em que Wealhtheow serve ao guerreiro *Geat* hidromel (BEOWULF, 2011, versos 621-639). O caso de Hildeburh, narrado por um *scop* após Beowulf ter eliminado Grendel (BEOWULF, 2011, versos 1066-1158) e, em especial, o momento em que a rainha danesa, esposa de Hrothgar, elogia Beowulf depois que o canto do *scop* acaba: trata-se de uma confirmação da lealdade de Beowulf. Assim como o guerreiro *Geat* havia sido leal ao senhor dano e aos povos daneses e como os *geats* eram amigáveis desde os tempos de Egtheow, a rainha cobra que ele também seja com os filhos dele:

¹⁸⁸ O termo *symbel* foi cunhado na historiografia por Paul Bauschatz ao realizar um estudo etimológico do nórdico antigo e misturar o termo *som-* (juntos) com *alu* (cerveja/bebida forte), sendo a palavra a representação do ato de “beber juntos” (POLLINGTON, 1996, p. 36).

¹⁸⁹ O conceito de *ring-giver* e seus afins, a ideia de que um rei, além de receber presentes, também precisa retribuí-los (seja com missões, terras, gado, equipamentos, etc.) será expandida no próximo subtópico, no qual iremos descrever as *motivações* para a guerra). É importante adiantar, como argumenta Andrew Cowell (2007), a essência do “o ato de doação é fundamentalmente simbólico, no qual os objetos passados são menos importantes do que o ato em si [(“The act of giving is understood as being fundamentally symbolic, inb that the objets given are less importante then the act itself”)]” (COWELL, 2007, p. 16, tradução nossa). Quanto ao uso do termo simbólico pelo autor, ver nota 215, tendo em vista a origem teórica similar.

¹⁹⁰ Him on fyrste gelomp, / ædre mid yldum, þæt hit wearð ealgearo, / healærna mæst. Scop him Heort naman, / se þe his wordes gewæld wide hæfde. / He beot ne aleh, beagas dælde, / sinc æt symle. (BEOWULF, 2011, versos 76-81)

“(…) Meu Hrothgar
 Célebre, eu bem sei que, se saíres tu
 Do mundo, danês amigo, antes dele,
 Com muita honradez ele os jovens homens
 Tratará. E também trará, reputo,
 Caros bens para as *nossas crianças*, caso,
 Recorde os favores que ambos fizemos-lhe –
 Por seus prazer e honra, quando petiz
 Era ele ainda”. Então ela, ao banco (onde
 Seus rebentos Hrethric e Hrothmund ‘stavam
 Juntos a uns varões jovens) se virou. Viu,
 Sentado, o bom Beowulf dos Getas (bravo),
 Logo ali, ao lado dos seus dois irmão¹⁹¹ (BEOWULF, 2011, p. versos
 1179-1191).

A ideia do presente, do ato de lealdade e da confirmação que o guerreiro *Geat* será um amigo fiel em um momento de necessidade dos filhos reafirmará os laços entre os povos. Não podemos deixar de pensar que o ato de doação de presentes deve ser visto como algo que vai além do material, independente da sociedade: o reconhecimento, a afirmação perante um objeto material e toda a relação humana em volta do ato possui significados grandiosos¹⁹².

Em uma sociedade que valoriza, preza, incentiva e glorifica o ato de distribuir presentes, o “sistema econômico de honra” assume um caráter bastante significativo:

¹⁹¹ “Ic minne can / glædne Hroþulf, þæt he þa geogoðe wile / arum healdan, gyf þu ær þonne he, / wine Scildinga, worold oflættest. / Wene ic þæt he mid gode gyldan wille / uncran eafteran, gif he þæt eal gemon, / hwæt wit to willan to worðmyndum / umborwesendum ær arna gefremedon. / Hwearf þa bi bence, þær hyre byre wæron, / Hreðric Hroðmund, hæleþa bearn / giogoð ætgædere. Þær se goda sæt / Beowulf Geata be þæm gebroðrum twæm” (BEOWULF, 2011, versos 1179-1191).

¹⁹² A antropologia tem um grande interesse na “*Economia de Doação*” (ou *Gift Culture*), tendo em vista que quase todas as sociedades já estudadas possuem algum tipo de remuneração material ou imaterial que vem de um *ato de dar algo*, quase sempre simbólico. Um dos primeiros pesquisadores a mergulhar sobre a temática, ao qual John Hill atribui grande influência, é Bronislaw Malinowski, em seu livro *Argonauts in the Western Pacific*, publicado em 1922. O debate da importância de pensar o ato de doação (ou presentear) como algo fundamental em uma sociedade e perceber o significado específico para aqueles que vivem nela ganha espaço com o debate de Bronislaw e de Marcel Mauss, antropólogo de grande influência para análises estruturalistas do século XX, assim como diversos autores citados ao longo da dissertação – em destaque temos a figura de Dean Miller (2000). O trabalho mais famoso dele também condiz com a discussão: *The Gift: Forms and Functions of Exchange in Archaic Societies*, publicado pela primeira vez em 1925, ao qual utilizamos a versão de 2017 nesta dissertação, é considerado para muitos uma das principais bases para pensar os conceitos de Reciprocidade e Troca de Presentes. Na presente dissertação, um dos autores que mais faz uso de tais teses antropológicas é Andrew Cowell, na obra *The Medieval Warrior Aristocracy*, de 2007. Não podemos deixar de mencionar aqui a figura de Pierre Bourdieu (2011;2011;2004), a qual desenvolve importantes considerações sobre a *Economia de Doação*, complementando-as com o *capital cultural, econômico, social e simbólico*, como veremos no capítulo 4 da dissertação. Destacamos que estamos focando em uma *Economia de Doação* bem definida: aquela dos séculos IV-VIII, momento de formação da sociedade anglo-saxã, na qual a cultura germânica, em especial em aspectos comportamentais, é remanescente da *Era Heroica Germânica*, muitas vezes lembrada pelo aspecto temporal e tecnológico; recebendo, assim, o nome de Idade do Ferro Germânica, entre os séculos IV até VIII.

A generosidade na oferta de presentes e na liderança heroica por parte de um rei, coragem e fortaleza heroica por parte de um guerreiro – estes são os valores constantemente afirmados na poesia secular que sobreviveu desde os primeiros tempos germânicos, e uma função principal das canções orais que precederam a poesia sobrevivente devem ter sido para elogiar aqueles que viveram por esses valores e **para castigar aqueles que não o fizeram**¹⁹³ (NILES, 1983, p. 53, grifo nosso, tradução nossa).

Em toda relação de reciprocidade existe um desejo para que um feito seja compensado, sendo algo inerente ao conceito. Portanto, a ideia de castigo ou de punição perante uma sociedade que baseia honra, glória, poder e conquistas, neste sistema de retribuição constante pode revelar, no texto, aquilo que ocorre com os que não são capazes, ou tentam burlar essa estrutura. Dois grandes exemplos de castigo ou punição social devido à desonra e à falta do cumprimento dessa reciprocidade social são visíveis no poema *Beowulf*: o caso de Unferth, conselheiro do rei¹⁹⁴ Hrothgar, e o rei Heremod, antigo rei dos danes.

É possível identificar dois momentos cruciais na construção do personagem Unferth: já no começo do poema, quando o guerreiro *Geat* se apresenta na corte de Hrothgar como campeão capaz de desfiar e de derrotar Grendel, apresentando tanto a descendência como os feitos heroicos dele quando jovem¹⁹⁵, o conselheiro real de Hrothgar lança um desafio verbal a Beowulf, descrente da capacidade de ele eliminar Grendel. Embora Unferth possua uma posição elevada, um conselheiro real, e tenha

¹⁹³ “Generous gift-giving and heroic leadership on the part of a king, courage and heroic fortitude on the part of a warrior — these are the values constantly affirmed in the secular poetry that has survived from early Germanic times, and a chief function of the oral songs that preceded the surviving poetry must have been to praise those who lived by these values and *to castigate those who did not*” (NILES, 1983, p. 53).

¹⁹⁴ O termo que precede Unferth é *pyle*, traduzido no inglês moderno como “*courtier*” (FULK; BJORK; NILES, 2008, p. 472), ou seja, “*cortesão*”. No entanto, uma das outras traduções do termo pode ser “*thyle*”: conceito sem tradução direta para o português, mas que pode ser compreendido como “*orator or spokesmans*” (BOSWORTH, 2014; BOSWORTH; TOLLER, 1898, p. 1084). Assim como diversas posições hierárquicas da sociedade germânica e, conseqüentemente, anglo-saxônica, pouco se sabe sobre o real significado desta posição real. Acredita-se, no entanto, que essa posição possa ser definida como um “conselheiro” ou “representante” do rei *antes* do monarca se posicionar: um indivíduo que representa, de forma direta, os interesses do rei para que as melhores decisões possam ser tomadas. “Como um *thyle* ou um bufão vulgar (bobo da corte vulgar), ele tem o privilégio de falar como fala e não recebe repreensão por isso [do rei]” [“*As pyle or scurrilous jester, he is privileged to speak as he does and deserves no reprimand for it [from the king]*”] (ELIASON, 1963, p. 269). Para mais detalhes sobre o cargo, ver *The Pyle and Scop in Beowulf*, de Norman E. Eliason (1963). Ao levantarmos tudo isso em consideração, acreditamos que o melhor termo em português que passe a essência da palavra seja “conselheiro do rei”.

¹⁹⁵ “(...) Salve, Hrothgar! Sou guerreiro / e amigo de Hygelac. Feitos de glória, / eu, jovem, já fiz (...) já amarrei / cinco, e raça arruinei de gigantes, / e matei, no mar, monstros da água, sob / a noite. Co’adversidades, deparei. / Getas desforrei de hostis seres. Exterminei-os. / Pois encontro de guerra agora devo ter com Grendel” (BEOWULF, 2011, versos 408-410, 421-426).

todo o direito de questionar a capacidade de Beowulf em defender o *meadhall* de Heorot, duvidar de Beowulf implica uma suposta incapacidade do príncipe *Geat* como guerreiro e como chefe-guerreiro: é necessário defender a honra dos *geats* e a *própria*. Já o conselheiro é apresentado ao ouvinte como um homem não honrado, por estar alterado pela bebida e por ter matado seus familiares (BEOWULF, 2011, versos 530-630).

O desafio verbal vem de uma suposta derrota em uma competição de natação contra Breca, da tribo dos Brodingas (BEOWULF, 2011, versos 499-528). O fato, que não pode ser passado despercebido por Beowulf, é respondido com a prova de que, além de ser superior a monstros sobrenaturais, o guerreiro *Geat* vence Breca ao mesmo tempo que é atacado por monstros marítimos. É nesse momento que vemos a defesa das características pessoais que Beowulf possui, como força, resistência e coragem para enfrentar o perigo enquanto Breca nadou para fugir, como visto nos versos 530-607:

Unferth expressa não apenas o próprio descontentamento; Ele levanta uma dúvida dinamarquesa para este estranho poderoso e o orgulho do grupo [*Geaf*]. No nível do grupo, o discurso-desafio de Unferth sustenta, em sua fala, uma acusação ao senso de identidade, acusando Beowulf e os *geats* de deturpação, baseando-se em um feito passado – a perda para Breca – como promessas vazias¹⁹⁶ (HILL, 1995, p. 78, tradução nossa).

Um ataque direto às promessas de salvação e da jactância que Beowulf tem feito sobre si e os próprios atos. Ela levanta, no nível de discurso-desafio, a necessidade de Beowulf se defender, mostrando força e usando diversas estratégias, como um destaque para a descendência ou até mesmo citando Hygelac, rei dos *geats*, famoso pelas conquistas, o que justifica a força e o poder da tropa: ele eleva o ritual de banquete, convocado em comemoração à chegada do guerreiro *Geat*, para um desafio que deve ser defendido com a honra do guerreiro. Torna-se um ritual de elogios invertido: o guerreiro atacado deve se defender ao se exaltar, rebater o que foi dito e ao mesmo tempo atacar.

¹⁹⁶ “Unferth expresses not only his own displeasure, however; he voices both Danish ambivalence towards this powerful stranger and group pride. At the group level, Unferth’s challenge-speech sustains for the moment a sense of identity by accusing Beowulf and *geats* of misrepresentation, essentially of having a past deed – the ostensible loss to Breca – betray presentes boasts as hollow” (HILL, 1995, p. 78).

Com a defesa feita com sucesso, outros rituais prosseguem e a narrativa continua. Mais à frente, após Beowulf derrotar Grendel e Heorot sofrer um segundo ataque, da mãe de Grendel, Unferth tenta se redimir reconhecendo o poder do guerreiro *Geat* a partir de um grande sacrifício. Os atos anteriores foram repreendidos com a derrota do embate verbal e ele precisa ganhar pontos nessa economia de honra. Para resolver esse problema, oferece a própria espada, a representação máxima das conquistas familiares, para que Beowulf extermine a mãe de Grendel:

Não foi menor a ajuda que um fidalgo,
de Hrothgar lhe dera: chamada *Hrunting*,
era a espada que emprestou-lhe
(*entre herdadas, peças, uma das principais*).
Uma éfigie -, venenos galhos – vinha
no gume, que, de ferro feito, fortacelera-se,
cintilante, co'o sangue das batalhas.
Jamais falhou na mão de homens que
já, a empunharam em expedições contra
inimigos. Façanha ela fizera e (depois)
faria. As palavras ditas p'lo filho de
Ecglaf (forte em força), quando, vinho
bêbada, não vieram-lhe à mente,
ao emprestar tal espada ao melhor,
guerreiro de gume¹⁹⁷ (BEOWULF, 2011, versos, 1454-1468, grifos
nossos).

O ato da doação da espada, portanto, permite que o historiador obtenha diversas informações sobre a família de Unferth e dos ascendentes. É através dela que conhecemos o sucesso de Ecglaf, que atingiu glória e poder através de grandes expedições, todas realizadas com a espada que recebeu até nome, *Hrunting*. A passagem da arma para Beowulf também representa a esperança de que ela seja novamente uma ferramenta de conquista de glória e poder, como nas gerações passadas, tendo em vista o fracasso de Unferth como guerreiro e como homem.

Esse fracasso, no entanto, é enfatizado quando a espada falha ao cortar a cabeça da mãe de Grendel e quando se mostra inútil em combate com o monstro. A espada representa tudo aquilo que Unferth e os feitos dele representam. Aquela família, por mais honrada que tenha sido e por mais glórias alcançadas pelo seu pai,

¹⁹⁷ “*Þæt him on ðearfe lah ðyle Hroðgares; / Wæs þæm hæftmece Hrunting nama. / Þæt wæs an foran ealdgestreona; / Ecg wæs iren, atertanum fah, / Ahyrded heaþoswate næfre hit æt hilde ne swac / Manna ængum þara þe hit mid mundum bewand / Se ðe gryresiðas gegan dorste, / folcstede fara; næs þæt forma sið / þæt hit ellenweorc æfnan colde. / Huru ne gemunde mago Ecglafes, / Eafopes cræftig, þæt he ær gesræc / Wine drucen, þa he þæs wæpnes onlah Selran sweordfracan*” (BEOWULF, 2011, versos, 1454-1468, grifos nossos).

perdeu a força com o fracasso de Unferth. A glória de exterminar um monstro como a mãe de Grendel só poderia ser feita com algo que justificaria e aumentaria a força do monstro, como a Espada dos Gigantes, que Beowulf encontra na caverna.

Um fracasso semelhante, mas dessa vez em uma hierarquia superior, pode ser visto no segundo momento mencionado: o caso de Heremod. O antigo rei dos danos é lembrado duas vezes no poema, nos versos 878 até 924, durante o canto de um *scop* sobre os feitos de Sigemund, nos versos 1705 até 1720. Na primeira menção, o antigo rei dano é apresentado como alguém que foi traído e banido pelos jutos e pelos súditos, devido ao seu comportamento opressor, seja com o povo ou com os nobres. É interessante perceber que a audiência do poema poderia ter noção de quem ele era e o porquê de o banimento ter sido justificado, marcado pela ideia de um rei opressor.

Não podemos deixar de lembrar que a hierarquia militar e real desse período de formação dos reinos anglo-saxônicos possuía uma volatidade consideravelmente alta, tendo em vista a possibilidade de trocas de poder caso o *rei* ou *chefe* não se mostrasse como justo perante o próprio povo e não cumprisse com o papel de grande líder. Os motivos do banimento voltam a aparecer na segunda parte, durante um discurso moralizante de Hrothgar para Beowulf, utilizando Heremod como um péssimo exemplo e que o guerreiro *Geat* deveria se esforçar para *não ser igual* ele:

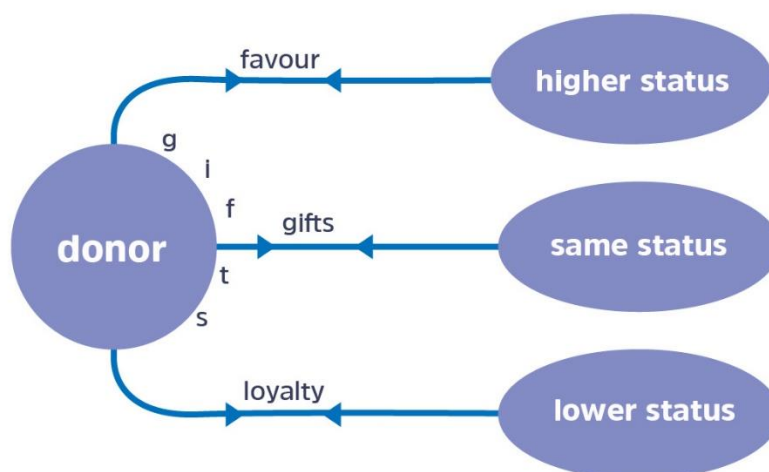
Tu hás de muito viver a ajudar
 Varões, conforto que és pro povo teu.
 Foi diferente que aos danos fez (filhos
 de Ecgwela) Heremod – este que, em vez
 de trazer alegria, trucidou
 seus companheiros de mesa (colérico).
 Famoso príncipe, partiu da vida
 (que é alegria), só. Sedento de sangue
 Era o seu coração, muito embora a ele
 Deus dádivas (poder e vigor) dera –
 Mais que a outros. Mas, ele, soturno,
 Não dava (contra o costume) anéis aos Danos.
 Dor e pesar duradouro do povo
 Foram da contenda sua os frutos. Co'isso,
 Aprende! Vê a viril virtude (o velho
 Saber com o qual te conto este conto!)¹⁹⁸ (BEOWULF, 2011, versos
 1705-1720).

¹⁹⁸ "(...) Ic þe sceal mine / gelæstan freoðe swa wit furðum spræcon. Ðu scealt to frofre weorpan / eal langtwidig leodum þinum, / hæleðum to helpe. Ne wearð Heremod swa / eaforum Ecgwelan, Ar-Scyldingum. / Ne geweoð he him to willan, ac to wælfalle / to deaðcwalum Deniga leodum. / Breat bolgenmod beodgeneatas, / eaxlgesteallan, oþ þæt he ana hwearf, / mære þeoden, mondreamum from / ðeah þe hine mihtig God mægenes Wynnum / eafeþum stepte ofer ealle men, / forð gefremede. Hwæþere him on ferhþe greow / breosthord blodreow. Nallas beagas geaf / Denum æfter dome.

O trecho é seguido de uma moralização cristã, condizente com a presença do termo *Deus*, no original *god*, sobre o fato de que o guerreiro, embora possa ser muito poderoso sozinho por ter sido abençoado com poder e vigor, atingindo um patamar elevado na sociedade e se tornando o chefe, provavelmente um *cyning*¹⁹⁹

Como visto no subtópico anterior, um equipamento bélico, um adorno ou até mesmo um acessório de guerra são vistos como uma extensão do guerreiro. O sucesso, seja na defesa ou no ataque – em um combate físico ou discursivo – depende muito do comportamento do guerreiro. Portanto, nessa economia de presentes, envolta de honra e de glória pessoal, o valor do feito ia muito além do aspecto material. Stephen Pollington relacionou o ato de doação, envolto no ritual social, como algo que envolveria a motivação para a batalha e/ou guerra, o que seria uma constata na vida do guerreiro. Sintetizamos esta ideia na figura abaixo:

Figura 2 – Esquema de Doação desenvolvido por Stephen Pollington (1996)



Fonte: POLLINGTON, Stephen. *The English Warrior from earliest times to 1066*. UK: Anglo-Saxon Books, 1996, p. 34²⁰⁰ (redesenhado).

Dreamleas gebad, / þæt he þæs gewinnes weorc þrowade, / leodbealo longsum. Ðu þe lær be þon, / gumcyste ongit. Ic þis gid be þe / awræc wintrum frod” (BEOWULF, 2011, versos 1706-1724).

¹⁹⁹ Por mais que estejamos definindo Heremod como rei, o poema *Beowulf* não atribui a ele esse título. No entanto, devido à comparação com outras fontes, semelhante ao caso da morte de Hygelac e o nome *Chlochilaicus* na *Historia Francorum*.

²⁰⁰ Optamos por reproduzir o esquema do autor na língua original, o inglês britânico, pela escolha das palavras. Em inglês, *gifts* e *favour*, por exemplo, podem possuir mais de um significado (não apenas a ideia de *presentear* e de *favor*, mas também *dádiva*, *dom*, *donativo* para o primeiro termo e *gentileza*, *privilégios*, *preferência*, *favorecimento*, entre outros, para o segundo). Acreditamos que os termos se

A relação de presentear pode ser pensada em três etapas. Chamaremos de doador aquele que presenteia e recebedor aquele que ganha o presente. A leitura do gráfico é direta: caso o doador seja de hierarquia superior ao recebedor, espera-se lealdade. Se o doador é de hierarquia igual ao recebedor, trata-se de um presente alegórico, o que envolverá, provavelmente, outros tipos de rituais (como até um casamento ou tratado de paz). Se o doador é de uma hierarquia inferior ao recebedor, espera-se que algum tipo de favor se desenvolva a longo prazo. Vale destacar que um favor pode favorecer o recebedor: imaginemos aqui um rei oferecendo uma missão a um *thane* que doou algum presente. Beowulf, ao cumprir a missão de eliminar os monstros que aterrorizaram Hrothgar, agradece Hygelac e oferece todos os tesouros que ganhou do rei danes para tio e senhor dele.

Assim o rei do povo agiu: o prêmio
Devido, como bom costume, deu-me –
Tesouro à minha escolha trazido
Por minha força (presente do filho
De Healfdene). Eu hei de, então, os trazer,
Rei-guerreiro, pra, de bom grado, rendê-los
A ti, pois é de ti que nos vêm todos
Os favores. É, Hygelac, de fato,
Um dos poucos amigos a mim próximos²⁰¹ (BEOWULF, 2011, versos 2144-2152).

Quando observamos a relação de Doação como ritual entre indivíduos de um estrato social, torna-se necessário entender o porquê de tal comportamento ser tão importante. A partir da figura de Pollington (1996), podemos destacar como a relação entre homens também influencia nos atos. Para fazer parte do Ritual de Doação, é necessário que o presente seja *conquistado* e, com isso, podemos iniciar o próximo subtópico: entender o porquê os guerreiros iam para a guerra ou embarcavam para conflitos que muitas vezes não afetavam povo deles diretamente, como a viagem de Beowulf, príncipe *Geaf*, para ajudar o povo danes de Hrothgar.

tornam uma forma de expor a complexidade, em especial na língua original, da relação de tais Trocas e Doações.

²⁰¹ “Swa se ðeodkyning þeawum lyfde. / Nealles ic ðam leanum forloren hæfde, / mægnes mede, ac he me |maðmas geaf, / sunu Healfdenes, on minne sylfes dom. / Ða ic ðe, beorncyning, bringan wylle, / estum geywan. Gen is eall æt ðe / lissa gelong. Ic lyt hafo / heafodmaga nefne, Hygelac, ðec” (BEOWULF, 2011, versos 2144-2151).

3.4. As motivações de um conflito

A partir do presente subtópico iremos introduzir uma das principais bases teóricas da sociedade anglo-saxônica pré-viking, marcada pelo comportamento germânico e pelo cristianismo em ascensão: entender as motivações que levavam os homens a abandonar as terras deles e a buscar poder através da realização de grandes feitos e conquistas militares. Questão central da sociedade, trata-se de compreender teoricamente as justificativas para as práticas sociais presentes, as quais acreditamos estarem ligadas à *Economia de Doação*, na forma em que o indivíduo se relacionava com o mundo ao seu redor, foco central do próximo capítulo.

Destacamos que um conflito, embora apareça com maior frequência na narrativa do poema como um embate físico, seja entre homens ou monstros, também pode incluir, na nossa análise, um choque de ideias ou um debate entre indivíduos. Esse enfrentamento, que não necessariamente é agressivo, pode acontecer em um dos vários rituais que acontecem durante o banquete, o *Symbel*, e, portanto, é definido como um momento em que o guerreiro precisa se impor, assim como em um combate armado.

John Hill (1995) desenvolve, a partir do conceito de *Economia de Honra*, uma possível explicação para uma sociedade que, através dos discursos, dos elogios, dos feitos e da doação de presentes, desenvolveu um comportamento para além da marcialidade, mas ainda em volta dela. Para explorarmos este conceito, é importante destacarmos que diversos autores já desenvolveram algum tipo de compreensão sobre a essência deste comportamento marcial (ou seja, não só o fato do guerreiro e da guerra, mas o que o movia). No momento que expormos os motivos do uso de tal termo, seremos capazes de entender todo o funcionamento interno da sociedade: o porquê se engajar em atividades bélicas e como a sociedade, com o guerreiro no centro, possui tantas normas e regras.

Dentre os estudos mais significativos que relacionam a *Economia de Honra* à narrativa beowulfina, podemos destacar *The Heroic Age* (1912), de Hector M. Chadwick, que atribui a sociedade visível em Beowulf como pertencente ao contexto histórico da migração Germânica e a presença de lendas advindas de tradições orais e a exaltação de comportamentos heroicos semelhantes a tais narrativas. No centro

dessa sociedade estaria a aristocracia guerreira, com características idealizadas e comportamento político centralizador, o que no futuro desenvolveria os reinos medievais.

Por outro lado, quando analisamos os estudos ligados exclusivamente à análise dos mecanismos internos de *Beowulf*, outro autor deve ser lembrado: Robert E. Kaske, e seu artigo *Sapientia Et Fortitudo As The Controlling Theme Of Beowulf*, de 1958. Questionamos as conclusões da obra, no entanto, por focar muito mais no conceito de *herói* e de *heroísmo* do que necessariamente na sociedade na qual o poema foi escrito. John Hill destaca que a centralização do poema nos conceitos de *Sapientia et Fortitudo* (algo como Sabedoria e Força, embora sejam tratados aqui como conceitos bem mais amplos do que a expressão em si), apesar de gerarem discussões válidas e necessárias para estudar a representação do protagonista, desenvolvem grandes generalizações sobre os atos dentro de dois comportamentos específicos, “[...] ou qualquer outra variação que enfatize a noção generalizada de atos heroicos e do herói²⁰²” (HILL, 1995, p. 85).

Temas que fogem dessa estrutura dualista e centralizada apenas na figura do *herói* passam a ganhar mais espaço na historiografia beowulfiana recente²⁰³. Antes, como já definia Kaske (1958), era “[...] geralmente aceito que Beowulf é um poema essencialmente sobre um herói e sobre heroísmo²⁰⁴” (KASKE, 1958, p. 423, tradução). John Niles (1986), entretanto, expõe que “a ideia de *sapientia et fortitudo e malitia* é ampla o suficiente para captar praticamente qualquer história dentro de suas definições, como o próprio Kaske garante²⁰⁵” (NILES, 1983, p. 224, tradução nossa). Trata-se, portanto, de uma teoria universalista, capaz de ser enquadrada em praticamente qualquer período. Destacamos a crítica de Dean Miller (2000) a tais visões²⁰⁶:

²⁰² “(...) or any other variation that emphasizes a generalized notion of heroism and the hero” (HILL, 1995, p. 85).

²⁰³ O papel da Mulher no poema, as diferentes hierarquias, os poemas internos narrados pelos *scops*, etc. Para mais detalhes, retomar o capítulo 1 e os avanços dos estudos *beowulfianos*.

²⁰⁴ “It seems generally agreed that Beowulf is a poem essentially about a hero and about heroism” (KASKE, 1958, p. 423).

²⁰⁵ “(...) the net cast by *sapientia et fortitudo* and *malitia* is wide enough to catch practically any story within its folds, as Kaske himself grants” (NILES, 1983, p. 224).

²⁰⁶ Por mais que Dean Miller esteja realizando uma crítica à generalização desenvolvida pelos mitólogos do século XX, como mencionado ao longo do texto, as considerações dele também podem ser aplicadas para criticar o estudo de Kaske (1958): torna-se um conceito *muito amplo*, que acaba ignorando e atropelando outros possíveis conceitos aplicáveis e contextos históricos específicos do herói analisado. Basta pensar, por exemplo, na nossa preocupação na seleção de fontes auxiliares. Por mais que a

Essas declarações feitas em grande escala tendem a ser muito dedutivas para o meu gosto (isso é particularmente verdadeiro para Raglan²⁰⁷ e Campbell²⁰⁸), e seu herói é estritamente moldado e limitado pela imagem do herói do mito: o herói miticamente expresso e miticamente circunscrito, um fenômeno transcultural ou omnicultural, anti-histórico, sincrônico e, em seu âmago mais profundo, simbólico. O monólito e o monomito não me atraem²⁰⁹ (MILLER, 2000, p. VIII, tradução nossa).

Portanto, ao invés de procurar um *tema controlador*²¹⁰, como se estivéssemos buscando a chave de todos os estudos de Beowulf, acreditamos que seja mais interessante explorar também outras temáticas, buscando entender, como define Pierre Bourdieu (2015), o *Habitus*²¹¹, a Estrutura Estruturante da sociedade responsável por compor o poema, o *mecanismo social* que move a sociedade, elevando preocupações e necessidades em representações e idealizações expostas no poema que foram, em última instância, apagadas pela centralização poética em tais temas controladores: olhar para o conceito de *guerreiro* e para o universo cultural

sociedade anglo-saxônica tenha produzido diversas fontes pós-793, que referenciam rituais que estamos descrevendo neste capítulo e continuaremos no quarto, como os elogios, os banquetes, os equipamentos e até mesmo a proeza militar, trata-se de um momento em que acreditamos na ocorrência de uma ruptura histórica: uma mudança na relação do homem com o meio, o que não permite continuar com a mesma análise histórica de um período anterior, muito menos com algo generalizante.

²⁰⁷ Referência a proposta teórica de Otto Rank, futuramente desenvolvida por Fitzroy Richard Somerset, ou Lord Raglan, em seu livro *The Myth of the Birth of the Hero* (1909), no qual o contexto mitológico é analisado a partir das teses de Freud e o masculino. Em 1936, publica um estudo mais completo, *The Hero, A Study in Tradition, Myth and Drama*, no qual expõe 22 aspectos semelhantes em diversos mitos ao longo do mundo.

²⁰⁸ Referência à proposta teórica desenvolvida por Joseph Campbell, *The Hero with a Thousand Faces* (1949), no qual, inspirado nos arquétipos psicológicos de Carl Jung, mitologia comparada e religião comparada, desenvolveu o conceito de *Monomito* e a *Jornada do Herói*.

²⁰⁹ “These earlier, large-scale declarations tend to be too grandly deductive for my taste (this is particularly true of Raglan and Campbell), and their hero is too strictly cast in and limited by the image of the hero of myth: the hero mythically expressed and mythically circumscribed, a transcultural or omnicultural, ahistoric, synchronous, and, at his deepest core, symbolic phenomenon. The monolith and the monomyth do not attract me” (MILLER, 2000, p. VIII).

²¹⁰ Por mais que discordemos das análises que visam um tema controlador do poema, trabalhos produzidos no Brasil referentes à teoria são de grande proveito e importância. Destacamos, aqui, toda a produção beowulfiana de Elton Medeiros (em especial seu mestrado).

²¹¹ Para Bourdieu (2015), o *Habitus* pode ser definido como “(...) sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem que, por isso, sejam, o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem produto da ação combinada de um maestro” (BOURDIEU, 2015, p. XL). Ou seja, são práticas que formam a *estrutura* da sociedade, como regras básicas e comportamento esperados pelo grupo, sem que isso seja forçado por qualquer um, de forma quase natural, como algo *esperado* pelos pares de cada grupo. Em uma ação cíclica, essa necessidade de agir *livremente* da forma esperada, (re)cria e reforça aquilo esperado, sendo uma estrutura que modifica e é modificada pela sociedade ao longo do tempo. Tal conceito será explorado na introdução do capítulo 4, com um infográfico que pode ajudar a expor tais ideias.

dele torna-se uma chave central para não excluir as problemáticas que envolvem os atos heroicos do sujeito, assim como aqueles comportamentos narrados no poema que envolviam a sociedade como um todo.

Nesse universo, exposto pelo contexto histórico de cada sociedade, e não por uma índole interna ou uma premissa constante em cada grupo, é que devemos retomar a questão específica da cultura anglo-saxônica. É nesse ponto que se encontra a importância de retomar conceitos desenvolvidos pelo primeiro autor citado, Hector M. Chadwick, e por outros autores que desenvolveram perspectiva própria²¹² ao longo do século XX, ao focar em como a sociedade se desenvolveu ao longo do período das Migrações²¹³. Maurice Bowra descreve que essa “Era Heroica” deve ser entendida como:

Uma "era heroica" é, portanto, específica e vividamente definida como uma "era de guerra" (...) No entanto, a violência que ocorre no passado não é a única base sobre a qual a percepção do heroísmo e a idade dele é construída; essa percepção também se volta para o universo espiritual particular dos combatentes, que são vistos como “desreguladores” de forças constringedoras e limitadoras, responsáveis, como indivíduos, por “um rompimento de muitos laços e obstruções” que antes continham a energia do indivíduo (...) Esta nova era exige que sua o recém-emergente líder de guerra “heroico” reúna em torno dele outros muito semelhantes a ele, de modo a ser “cercado por homens notáveis”, todos de cunho heroico, compreendendo uma “casta militar única”²¹⁴ (BOWRA, 1957 apud MILLER, 2000, p. 39).

²¹² Autores como Maurice Bowra, acadêmico do século XX e produtor de importantes contribuições para os estudos mitológicos e linguísticos da poética heroica, e Reuben Levy, acadêmico do século XX e uma das principais referências sobre os estudos persas (e sua mudança na forma em que eram estudados), foram grandes inspirações para o trabalho de Dean Miller (2000), que por sua vez pode ser considerado o conjunto e resolução da obra de seus antecessores teóricos e uma das principais referências na presente dissertação.

²¹³ Para ser mais específico, H. M. Chadwick observa dois tipos de “sociedades heroicas” que afetaram a forma que as sociedades que fizeram parte do processo de Migração do século III-VII (ou seja, um impacto visível somente em uma *longa duração* – se aplicarmos um conceito braudeliano para compreender seu estudo): a Teutônica Grega. Sob o título de *The Causes and Antecedent Conditions of the Heroic Age*, no capítulo XIX do *The Heroic Age*, trata-se de um estudo sobre a origem histórica do que chamou de sociedade heroica.

²¹⁴ “A “heroic age” is thus specifically and vividly outlined as an “age of war (...) Yet violence occurring in the past is not the only foundation upon which the perception of heroism and its age is built; that perception also looks to the particular spiritual universe of the combatants, who are seen as the disrupters of constricting and limiting forces, responsible as individuals for “a snapping of many ties and obstructions” that had previously curbed the energy of the individual (...) This new age demands that its newly emergent “heroic” war leader gather around him others very like himself, so as to be “surrounded by remarkable men” all of the heroic stamp, comprising a “single military caste” (BOWRA, 1957, apud MILLER, 2000, p. 39).

É, portanto, durante os rituais de banquete e de elogios que todo esse cunho heroico, esse comportamento idealizado e desejado por uma casta da sociedade, inicia relações a partir da chamada “Economia de Honra”. Um dos traços mais importantes, e central na justificativa do porquê ir à batalha ou iniciar uma guerra, está no desenvolvimento individual no qual o *guerreiro* assume as características de uma figura ideal, que sirva de exemplo para as próximas gerações. Como destacamos anteriormente, a essência do *guerreiro* algo que pode muitas vezes ser tocado: seu sucesso deve ser visível, seja pelos atos ou pelos bens, criando a representação do guerreiro ideal e esperado por aquele grupo militar no século VIII.

Em suma, primeiro, identificamos três pontos centrais para a análise da *Economia de Honra* em Beowulf, tema central do quarto e último capítulo da presente dissertação: no primeiro capítulo, buscamos apresentar todas as informações que julgamos necessárias para que o leitor seja capaz de entender o histórico do manuscrito, assim como o gênero literário da produção, focando grande parte na perspectiva historiográfica de uma análise poética e o presente Estado da Arte.

No segundo capítulo, focalizamos na análise do que definimos como contexto de “composição do conteúdo da narrativa”, o período da Migração Germânica do Século III-VI, e o contexto de “escrita e/ou cópia do manuscrito”, a formação dos reinos anglo-saxões, entre os séculos IV-VIII, ambos fundamentais para entendermos o que acreditamos ser a base representativa do poema em termos de idealização poética. Para além disso, também aproveitamos a apresentação do poema para demonstrar as edições e as versões que usaremos ao longo do trabalho, ao mesmo tempo em que expomos algumas informações e alguns contextos históricos presentes na narrativa.

No terceiro capítulo, evidenciamos nossos estudos no estrato social em que buscamos compreender: o guerreiro e a hierarquia historicamente localizada na Inglaterra Anglo-Saxônica do século VIII. Também apresentamos os conflitos religiosos-culturais advindo da ascensão do cristianismo, enfatizando a presença de comportamentos e de ações germanizadas, especialmente nos rituais de tratamento entre indivíduos ou grupos de mesma hierarquia.

Com isso, iremos explorar, no quarto capítulo, a finalização do nosso argumento central: como todas essas informações “conversam” com o poema *Beowulf* e a *Economia de Doação*. Iremos nos concentrar em aspectos específicos da personalidade dos indivíduos, idealizadas em seus feitos, em que o guerreiro

idealizado precisa possuir para servir de exemplo para os próprios pares. Por fim, iremos expor como o guerreiro afeta o grupo a que pertence no momento da morte, evidenciando o evento e o legado exemplar dele.

CAPÍTULO IV

A IDEALIZAÇÃO DO GUERREIRO EM BEOWULF

4.1. Habitus, Estrutura Estruturante e Economia de Doação: fundamentos teóricos

Para que desenvolvamos as questões finais da análise do mundo sociocultural anglo-saxônico do século VIII presentes no poema *Beowulf*, sejam os aspectos de origem germânica ou aqueles desenvolvidos no contexto do século VIII, precisamos nos debruçar sobre três conceitos expostos brevemente no final do capítulo três. Com isso, realizaremos uma explicação do nosso aporte teórico em três partes: em um primeiro momento, exploraremos as definições de *Habitus* e de *Estrutura Estruturante* desenvolvidas por Pierre Bourdieu (2015) para entender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e os condicionamentos sociais existentes no comportamento marcial anglo-saxônico. Logo em seguida, aprofundar-nos-emos no estudo das estruturas existentes em uma sociedade envolvida na *Economia de Doação*, em especial a vertente desenvolvida inicialmente por Marcel Mauss (2013), para compreender como o conteúdo da narrativa permite analisar as ações e as representações máximas do Guerreiro durante a práxis de uma *Economia de Doação* Anglo-Saxônica – temáticas do segundo e do terceiro subtópicos deste capítulo. Formaremos, assim, uma tríade conceitual que sustentarão a nossa perceptiva teórica sobre do comportamento marcial. Por fim, deixaremos em anexo um infográfico autorreal construído para auxiliar na exposição de nossas ideias.

Os conceitos de Pierre Bourdieu (2015), *Habitus e Estrutura Estruturante*, nos auxiliarão a pensar a cultura anglo-saxônica em *Beowulf* como algo cíclico: enquanto a sociedade possui regras específicas que estruturam o comportamento esperado pelos indivíduos, ela também é constantemente afetada pela forma que eles se relacionam com as estruturas pelo poder social. O conceito do *Habitus*, embora seja explorado ao longo do capítulo, pode ser definido como um

(...) sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente

adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro” (BOURDIEU, 1972, p. 174 apud MICELI, 2015, p. XL).

Em outras palavras, podemos argumentar a existência de dois planos comportamentais: o *ideal* do comportamento, representado, por exemplo, pela narrativa construída na poética anglo-saxônica, que auxilia na modelagem do comportamento regular de um determinado estrato da sociedade. Em uma situação hipotética, é possível pensar o príncipe-guerreiro com as pretensões de se tornar um rei: ao escutar a poética do *scop* com heróis e com atos idealizados, aprende, a partir da representação narrativa, aquilo que deve ser feito caso esteja diante de situações similares. A construção desta ideologia comportamental cria a representação reguladora do que seria o guerreiro idealizado e orchestra as ações, os desejos e as vontades da sociedade a partir de práticas esperadas, sem que haja obrigação de agir seguindo tais preceitos.

Já no mundo *material*, entretanto, a *práxis* de tal idealização reguladora pode apresentar características que permitem desenvolver uma ruptura social ou um desdobramento daquilo observado como comportamento idealizado: trata-se da forma que o agente social se depara com o mundo ao seu redor e, a partir das estruturas existentes, interfere, modifica, corrobora ou destrói as formas de poder. Trata-se de, portanto, “(...) ao fugir de determinismos das práticas” (SETTON, 2002, p. 64), perceber a relação dialética entre o sujeito e a sociedade e reconhecer a existência das estruturas reguladoras, como também as modificações sociais causadas pelo indivíduo e pelas relações com a ordem social esperada.

Um grande exemplo, na nossa visão do período, pode ser encontrado em dois grandes eventos históricos que demonstram modificações significativas na estrutura do Guerreiro Anglo-Saxônico: a chegada da missão cristã de 597, com Agostinho de Cantuária, que não destruiu a forma básica de ascensão política (o sucesso e as conquistas bélicas individuais), mas que adicionou uma etapa social que poderia favorecer ou prejudicar a relação entre os chefes militares e a ascensão social deles: o cristianismo e o desenvolvimento do rei-guerreiro cristão, especialmente durante as Invasões Vikings iniciadas no final do século VIII.

A missão religiosa deixa impacto ao modular uma nova necessidade social durante o século VII: quando um rei assumia o trono, além das adversidades da consolidação do poder existentes no momento, que envolviam uma gama de ritos, de

tradições e de comportamentos, o cristianismo também se tornou motivo de intriga e de conflitos internos na idealização de poder. Isso quer dizer que, ao observarmos a forma que o poder era alcançado e idealizado, duas maneiras diferentes surgiram para obtê-lo: aquela dos chefes-guerreiros, os *king-like* (“Semelhante-a-rei”) (CHANEY, 1970), que possuíam uma estrutura política, um *habitus* semelhante ao germânico; e aquela em que se é possível observar uma nova forma de ascensão O poder, com o surgimento do chefe-guerreiro cristianizado, em especial no processo de invasão vi-king com a figura de Alfredo, o Grande, como maior representação desta nova estrutura de poder.

John Blair (2005), ao descrever as cinco fases da cristianização da Ilha Britânica, demonstra como o cristianismo, a partir da ascensão como religião hegemônica no final do século VII, afetou a forma que Ceadwalla, rei de Wessex, realiza um grande ataque na ilha de Wight e executa Arwald, descrito como o último rei pagão. A ação foi realizada mediante um ato mais simbólico²¹⁵, como exposto por Beda, e que remete o comportamento germânico. O rei de Wessex procurou aumentar as chances de um ataque bem-sucedido:

quando Ceadwalla se tornou poderoso e se fortaleceu no trono de Wessex, ele invadiu e tomou a ilha de Wight, que até então havia sido totalmente entregue à idolatria. (...) Diz-se que ele também se comprometeu com um voto – embora ainda não tenha sido regenerado em Cristo pelo batismo – que, se conquistasse aquela ilha, daria a quarta parte dela e do despojo para o serviço de Deus. E foi isso que ele fez, dando a porção ao bispo Wilfried para ser empregado para o serviço de Deus (...). A área da ilha, segundo estimativa inglesa, contém 1200 *hides*²¹⁶ (BEDA, 2000, p. 138, tradução nossa).

²¹⁵ Para esclarecer, por hora, usamos o conceito *simbólico* de forma semelhante a Bourdieu e, conseqüentemente, sua reelaboração na visão de Durkheim: “(...) ao invés de entender o sistema simbólico como a representação alegórica do mundo natural e social dividido em termos de classes antagônicas e, cumprindo portanto, sua função político-ideológica de legitimar uma ordem arbitrária, Durkheim afirma que o sistema de classificação configura uma ordem lógica que recobre a ordem social (e recobre no sentido literal de “revestir”), impondo-se sobre o agente e regulando não apenas a apropriação dos símbolos mas também fornecendo as regras e os materiais significantes com que os grupos dão sentido às suas práticas” (MICELI, 2015, p. XVI).

²¹⁶ “(...) when Ceadwalla grew powerful and strengthened himself on the throne of Wessex, he overran and took the Isle of Wight, which till then had ben wholly given to idolatry. (...) It is said that he also bound himself with a vow-though he was not yet regenerated in Christ by baptism-that if he should conquer that island, he would make over the fourth part of it and of the booty for God’s service. And this he carried out, by giving the portion to bishop Wilfried to be employed for God’s service (...). The area of the island, according to English estimate, contains 1200 *hides*” (BEDA, 2000, p. 138). Destacamos que *hides*, embora possa ser traduzido como “pele”, faz referência a uma medida de terra do período anglo-saxônico e era frequentemente utilizada como forma de estipular um pagamento e/ou tributação. A *Tribal Hidage* (ver nota 22) utiliza o termo para definir a tributação paga ao reino da Mércia (BEDA, 2000, p. 138).

Em busca de atingir o objetivo, Ceadwalla retomou um comportamento germânico, não criticado pelo monge cristão e, provavelmente, não estranho ao rival pagão: a ideia de um pagamento simbólico, em um processo de Troca Voluntária-Obrigatória para a deidade que o ajudou na conquista. Embora ainda não batizado, o que foi feito logo em seguida à conquista da ilha, jurou distribuir parte de suas conquistas para aqueles que representavam diretamente a influência divina que contribuiu para a vitória. Ao aplicarmos o conceito discutido de Pierre Bourdieu, podemos definir a ação como uma breve modificação da estrutura *estruturada*, criando uma forma de se relacionar com ela e *estruturar* a norma com uma adição comportamental.

O resultado pode ser entendido como

uma representação do mundo social imediatamente ajustada à estrutura das relações socioeconômicas que, doravante, passam a ser percebidas como naturais e, destarte, passam a contribuir para a conservação simbólica das relações de força vigente (BOURDIEU, 1971, p. 255-256 apud MICELI, 2015, p. XII).

A ação expõe que dogmas, embora sejam reguladores comportamentais de uma sociedade, estão sempre à mercê de escolhas pessoais do indivíduo afetado. Novamente, podemos retomar a análise de John Blair (2005) e Willian Chaney (1970) apresentada no capítulo II: por mais que nominalmente os anglo-saxões tenham sido cristianizados no final do século VII, muito do comportamento dessa população ainda remetia ao passado germânico. Sérgio Micheli (2015) expõe como o pensamento *Bourdiano* pode ser usado para demonstrar a forma que o indivíduo se comporta perante estruturas normativas de poder, como a religião:

Ainda que a religião se apresente de imediato como se fosse um sistema de símbolo “fechado” e “autônomo” cuja inteligibilidade parece estar contida na hierarquia alegórica que propõe (...) a compreensão de suas práticas e discursos encontra-se referida as lutas dos grupos de agentes cujos interesses materiais e simbólicos tornam o campo religioso um terreno de operação para as lutas entre diferentes empresas de bens de salvação (BOURDIEU, 2015, p. XIII).

Ao analisar os fenômenos sociais (definidos aqui como comportamento marcial, como os rituais e ritos realizados pelos indivíduos pertencentes à sociedade), buscamos aquilo que define a essência desse comportamento, para assim entender o mecanismo estudado. Em suma: a partir das ações existentes na sociedade, procuramos entender o mecanismo social que origina tais ações. Introduzimos, assim, o terceiro

conceito que utilizaremos como base teórica: a *Economia de Doação*, revelando-se em Beowulf através das representações ritualistas que moldam e são moldadas pelas escolhas e pelas necessidades específicas dos grupos e dos estratos sociais.

Como mencionado no final do capítulo III, olhamos para as relações entre grupos ou indivíduos no poema *Beowulf*, assim como para os ritos e rituais²¹⁷, como conceitos pertencentes a um *Sistema de Trocas Voluntárias-Obrigatórias*, parte da *Economia de Doação*. O conceito, desenvolvido por Marcel Mauss em um dos primeiros estudos sobre o ato da doação, publicado pela primeira vez em 1925, na obra *The Gift: Forms and Functions of Exchange in Archaic Societies*, é uma das bases antropológicas modernas para pensar os conceitos de *Reciprocidade* e *Troca de Presentes*.

O autor identificou, ao analisar sociedades “(...) ditas primitivas, e também as que poderíamos chamar arcaicas²¹⁸” (MAUSS, 2017, p. 187), uma das bases do processo de socialização humana. A partir dos estudos antropológicos realizados no final do século XIX e no início do XX, Mauss observou um constante dar e receber de objetos, de serviços, de festas ou de cortejos entre membros de estratos sociais específicos em diversas sociedades; essas ações, em teoria voluntárias, possuíam uma obrigatoriedade implícita, podendo ser uma obrigação social, cultural, moral, religiosa ou hierárquica de retribuição. Defendeu, assim, a existência de uma universidade da dádiva como produtora de alianças e de contratos sociais, seja em culturas ditas primitivas ou até mesmo em relações modernas após a Revolução Industrial.

O presente doado possui um valor implícito em todas as trocas e faz com que mesmo um ato de suposta filantropia seja revelador de um sistema de poder social e capital simbólico dentro do mecanismo interno da sociedade ao qual ele é operado. Isso significa, por exemplo, que uma doação de um rei anglo-saxônico – seja com a realização de festas para seu povo ou com a distribuição de presentes – tem como

²¹⁷ Ver nota 66.

²¹⁸ É importante levarmos em consideração a temporalidade do autor, assim como os termos e os conceitos empregados. Embora a ideia de *graus evolutivos* da sociedade tenha sido abominada e abolida dos estudos sociais desde o desenvolvimento do Relativismo Cultural ou Multiculturalismo, a ideia de Mauss sobre o termo pode ser entendida como sociedades *pré-capitalistas* ou menos desenvolvidas perante sua visão de mundo. O autor desenvolve grande parte do seu trabalho ao analisar o que define como *potlach*, um conceito desenvolvido para explicar o sistema de trocar existente nas diversas tribos do noroeste americano, nas sociedades maori, na Melanésia, na Papuásia e, para o momento, revolucionárias revelações sobre a forma que tribos na África, Polinésia, Malásia, América do Sul e grande parte da América do Norte desenvolviam: prestações totais de tipo agonístico, ou seja, relacionamentos sociais de embate ou de uma luta social (conflitos estes que envolvem uma relação dualística entre indivíduos ou grupos, não necessariamente violenta) (MAUSS, 2017, p. 190-194).

caráter central a expansão de sua influência. Outra contribuição relevante do acadêmico tem relação ao seu comentário sobre o “(...) emprego da noção de moeda” (MAUSS, 2017, p. 216). Do original *currency*, trata-se de um conceito abstrato que podemos traduzir para o português como *moeda*: não estamos referenciando o objetivo físico, mas sim o valor atribuído a um objeto apreciado pela sociedade.

Dado como resposta aos comentários de Malinowski (1923), *The Problem of Meaning in Primitive Languages*²¹⁹, e à crítica à nomenclatura de Seligmann²²⁰ (sem obra específica), Marcel Mauss descreve o motivo de persistir no uso do termo *moeda* como base para as relações de troca nas populações estudadas. Apesar de destacar como ambos os estudiosos possuem razão até certo ponto, ao aplicarem a ideia de *moeda* como algo restrito (MAUSS, 2017, p. 216), o autor insiste na possibilidade de pensar o termo de forma própria, passível de outros sentidos a depender do contexto no qual o grupo estudado se encontra.

Busca demonstrar que:

Em todas as sociedades que procederam as que amoedaram o ouro, o bronze e a prata, houve outras coisas – pedras, conchas e metais preciosos, em particular – que foram empregadas e serviram de meio de troca e de pagamento; (...) Em primeiro lugar, além de sua natureza economia, de seu valor, eles possuem uma natureza mágica e são sobretudo talismãs: *life givers*, como dizia Rivers e como dizia Perry e Jackson²²¹. Ademais, eles tem uma circulação muito geral no interior de uma sociedade e mesmo entre as sociedades; mas estão ainda ligadas a pessoas ou clãs, (...) a individualidade de seus antigos proprietários e a contratos estabelecidos entre seres morais. **Seu valor ainda é subjetivo e pessoal** (MAUSS, 2017, p. 216-217, grifo nosso).

A ausência de um caráter estável e fixo para um padrão de definição de valor não impede que tais grupos desenvolvam a ideia de valor e de *moeda* de troca, pois, em muitos casos, a transação parte de um ponto mais ritualístico do que

²¹⁹ Seu artigo pode ser traduzido como “O Problema dos Significados nas Linguagens Primitivas”. De acordo com o autor, o objetivo central era compreender se o Falante (*Speaker*) tinha consciência sobre o ato de sua fala, como escolhas de entonação, de termos, de camaradagem, de cortesia, assim como identificar a metalinguagem em certos sentidos de frases ditas. Colocando o autor perante sua temporalidade e suas problemáticas levantadas, é possível compreender seu trabalho como parte de uma análise geral da capacidade da consciência de tratativa de um indivíduo com seus pares.

²²⁰ Presume-se que se trata de Charles Gabriel Seligman, antropólogo do século XX. Seus trabalhos, entretanto, são identificados como vetores do Racismo Científico e grande parte de suas considerações e conclusões foram descartadas após novas análises.

²²¹ O autor faz referência aos estudos de H.M.S Rivers, *History of the Melanesian Society*, J. Wilfred Jackson, *Shells as evidence of the migration of early culture*, e William James Perry, autor do livro *The Children of the Sun: A Study in the Early History of Civilization*. Embora Marcel Mauss não especifique à qual obra faz referência em sua nota de rodapé, todos possuem inúmeras obras com estudos sobre as populações do Pacífico com temáticas gerais semelhantes às mencionadas acima.

necessariamente econômico, ao superar uma visão puramente economicista sobre o conceito monetário. Destacamos que algumas transações de caráter economicista, no qual o metal é valorizado por ele mesmo, aparecem no poema *Beowulf*. Por exemplo, no já mencionado *wergeld* pago por Hrothgar ao cobrir a dívida de sangue do pai de Beowulf, Ecgtheow, nos versos 468-472, e durante o pagamento de Hrothgar a Beowulf e aos guerreiros que o acompanharam após a eliminação de Grendel: o príncipe *geat* recebeu *ouro* e os acompanhantes receberam tesouros.

Também deu o lorde tesouro (espadas)
àqueles varões que pra lá viajaram
com Beowulf pelo pélagos. Entre os bancos,
deu-se a quem matou Grendel devido **ouro**.
Pagar não mais precisaria ele a outros:
desse destino o defenderam Deus
sábio e o valor daquele varão (BEOWULF, 2011, versos 1050-1056,
grifo nosso).

Durante a narrativa, porém, é mais comum encontrar outros termos da linguagem anglo-saxônica que se referem a *algo valorizado pela sociedade*: *maððum* e variações, por exemplo, representam a ideia de “coisa preciosa ou valiosa”, sendo normalmente um adjetivo. O vocábulo pode ser usado como um radical, *mað(ð)um*, para outros termos como *maþðumsweord* (BEOWULF, 2011, verso 1023), espada preciosa, *maþðumgife* (BEOWULF, 2011, verso 1301), doação de tesouros, e *maððumwelan* (BEOWULF, 2011, verso 2750), valor da riqueza.

A título de demonstrar novamente a importância de utilizarmos diversas traduções, podemos olhar para os versos 1380-1382: quando a Mãe de Grendel resolve se vingar da morte do filho e ataca Heorot, Beowulf prontamente se dispõe para defender o salão novamente. Hrothgar então descreve, na versão em inglês “(...) I will compensate you for settling the feud / as I did the last time with lavish wealth, / coffers of coiled gold, if you come back” (BEOWULF, 2001, versos 1380-1382). Em inglês, Seamus Heaney procurou manter o conceito de pagamento pelo serviço como pagamento em cofres enfeitados de ouro, que demonstram valor relacionado ao metal precioso, a partir do original *wundnum golde*. Eric Ramalho, embora tenha priorizado manter os conceitos originais, explora a tradução retirando o termo *ouro* e traduz o mesmo trecho como “(...) Se te atreveres, busca-o! / Se tu voltares do confronto vivo, / hei de prêmio, como antes, te prestar” (BEOWULF, 2011, versos 1380-1382).

As definições de recebimento de talismãs (como trata Mauss, objetos que elevam a condição social do membro da sociedade) podem ser relacionadas ao conceito de *ring-giver/doador de anéis*, à doação de presentes e de itens valorizados pela sociedade – elementos vistos no final do capítulo anterior. Além disso, o objeto valorizado está, muitas vezes, em circulação apenas no interior da sociedade guerreira. Podemos pensar, por exemplo, que um bracelete pode possuir o valor do metal precioso para alguém fora do ciclo marcial anglo-saxônico do século VIII, mas possuir importância mais significativa para aquele que impõe ao objeto valor ritualístico. Assim, a *Economia de Doação* pode ser observada em camadas específicas da sociedade, em especial aquelas que possuem algum tipo de poder representativo e rituais específicos que precisam ser exercidos para que funções sejam realizadas, como os guerreiros na sociedade Anglo-Saxã.

Uma das características mais importantes dessa valorização advém da doação de objetos com a *mana*, a sorte do guerreiro; carrega carisma simbolizado no objeto, faz com que certas virtudes da sociedade guerreira sejam constantemente reafirmadas, reforça a importância destas trocas agonísticas e impõe algo positivo na violência e na relação conflituosa entre os estratos da sociedade. Afinal, no começo da formação da sociedade germânica, o rei não é “um deus e não é todo-poderoso, mas é preenchido com um poder carismático do qual sua tribo depende para seu bem-estar²²² (CHANEY, 1970, p. 15).

O prestígio de um chefe-guerreiro, ou rei, está diretamente relacionado à generosidade e à capacidade de retribuir os feitos realizados de forma equilibrada, demonstrando, em seu ato, uma ação recompensadora como também conhecedora da dívida realizada por ele.

4.2. O Guerreiro em uma Economia de Doação

No presente item, pretendemos explorar como a *Economia de Doação*, assim como a estrutura social da cultura marcial anglo-saxônica do século VIII, afeta diretamente a forma como os personagens do poema se relacionam entre si. No capítulo III, procuramos entender os ritos e os rituais presentes no poema; agora, olharemos a

²²² “The early Germanic King is, consequently, not a god and not all-powerful, but he is filled with a charismatic power on which his tribe depends for its well-being” (CHANEY, 1970, p. 15).

narrativa visando entender a *estrutura estruturante* da sociedade com foco no guerreiro, na ideia do *mana* e do ritual em si.

Ao relacionarmos as considerações de Marcel Mauss ao poema *Beowulf*, percebemos como diversos “(...) temas – regras e ideias – estão contidos nesse tipo de direito e de economia. O mais importante, entre esses mecanismos espirituais, é evidentemente o que obriga a retribuir o presente recebido” (MAUSS, 2017, P. 193). A noção de retribuição pode ser vista como um dos exemplos mais marcantes no poema. Nos feitos de Beowulf, essa troca de objetos, de cortejos, de serviços ou de ações simbólicas entre membros da aristocracia guerreira pode ser observada como uma operação moral e como o desenvolvimento de comunhão e de afeto. Ao exterminar o monstro Grendel, por exemplo, o príncipe *geat* Beowulf ganhou favores e presentes de Hrothgar em troca do serviço prestado: a ação, embora não cobrada, era esperada por ambos. Durante esse processo de prestações e contraprestações, o *mana* dos envolvidos (neste caso, de Beowulf e de Hrothgar) está em constante avaliação, sendo a atribuição de valor social (bravura, lealdade, ousadia, coragem) só é feita após o reconhecimento do serviço, ou seja, durante o rito e a troca de cortejos ou de premiação simbólica – esperada, mas voluntária.

Existe aqui a obrigatoriedade dessa *Troca Voluntária-Obrigatória*, mecanismo fundamental da *Economia de Doação*. Antes do ato ser interpretado socialmente como bravura, coragem, ousadia ou honra, é um serviço que deve ser reconhecido e legitimado pelos pares. Neste caso, Hrothgar reconhece o sucesso do serviço prestado pelo guerreiro *geat*, o extermínio do primeiro monstro do poema, e o ressignifica. Durante esse processo, o reconhecimento torna a retribuição obrigatória, o que é feito com tesouros e com o primeiro *symbol*.

“(...) A Beowulf deu
De Healfdene o filho mais recompensa:
Insígnia de ouro, elmo, espada magnífica,
E cota – bela era bandeira bélica.
Bebia, no salão, Beowulf. Sabia
Que ostentar presentes oferecidos
(caros) a ele carecia de pejo
algum²²³ (BEOWULF, 2011, versos 1018-1025)

²²³ “Forgeaf þa Beowulfe brand Healfdenes; / segen gyldenre sigores to leane, / hroden hiltecumbor, helm, 7 byrnan. / Mære maðpumsweord manige gesawon / beforan beorn beran. Beowulf gebah / ful on flette. No he þære feohgyfte / for scótenum scamigan ðorfte” (BEOWULF, 2011, versos 1018-1025).

Identificado no trecho como filho de Healfdene, o rei danes cumpre o *Rito de Doação* e Beowulf o *Rito de Recepção*, completando a troca com a ostentação do objeto como um ato alegórico. Os objetos, no entanto, pouco importam: “(...) dá-se porque se é forçado a isso, porque o donatário tem uma espécie de direito de propriedade sobre tudo o que pertence ao doador” (MAUSS, 2017, p. 202). A troca resulta em um ciclo comportamental idealizado: permite que o rei exponha poder e riqueza, mesmo que ele não tenha sido capaz de eliminar o monstro, sendo tal ato manifestações físicas do poder e do *mana* próprio, além de ligar Beowulf aos donatários de Hrothgar que lhes devem favores.

Em outro momento, Hrothgar presenteia Beowulf pelo serviço completo: o extermínio dos monstros que atacavam o reino danes com mais tesouros. A ação novamente faz parte de uma complexa estrutura de ritos sociais que completam o ciclo marcial anglo-saxônico. Em especial, o discurso após o extermínio da Mãe de Grendel expõe tanto o *Rito de Elogio*, ao apresentar Heremod como exemplo negativo em relação às ações positivas de Beowulf, assim como outra forma de doação de presentes pelo rei danes:

Tu hás de muito viver a ajudar
 Varões, conforto que és pro povo teu.
 Foi diferente o que aos Danes fez (filhos
 De Ecgwela) Heremod – este que, em vez
 De trazer alegria, trucidou
 Seus companheiros de mesa (colérico).
 Famoso príncipe, partiu da vida
 (que é alegria) só. Sedento de sangue
 Era o seu coração, muito embora a ele
 Deus dádivas (poder e vigor) dera –
 Mais que a outros. Mas, ele, soturno,
 Não dava (contra o costume) anéis aos Danes. (...)
 Co'isso,
 (...) O banquete
 Desfruta – é gáudio para festa. De dia,
 Hei de compartilhar contigo tanto
 Tesouro²²⁴ (BEOWULF, 2011, versos 1705-1716;1783-1785).

²²⁴ “Ðu scealt to frofre weorþan / eal langtwidig leodum þinum, / hæleðum to helpe. Ne wearð Heremod swa / eaforum Ecgwelan, Ar-Scyldingum. / Ne geweox he him to willan, ac to wælfæalle / to deaðcwalum Deniga leodum. / Breat bolgenmod beodgeneatas, / eaxlgesteallan, oþ þæt he ana hwearf, / mære peoden, mondreamum from / ðeah þe hine mihtig God mægenes Wynnum / eafepum stepte ofer ealle men, / forð gefremede. Hwæþere him on ferhþe greow / breosthord blodreow. (...) Þæs sig Metode þanc, / ecean Dryhtne, þæs ðe ic on aldre gebad, / þæt ic on þone hafelan heorodreorigne / ofer eald gewin eagam starige” (BEOWULF, 2011, versos 1705-1716;1783-1785).

De teor moralizante, é possível identificar três informações pertinentes ao estudo dos ritos envolvidos na *Economia de Doação* e como ela afeta o cotidiano do guerreiro: na primeira parte, um comparativo dos feitos de Beowulf – até então príncipe de outro povo que exterminou dois monstros sem cobrar nenhum pagamento direto – e de Heremod, antigo rei danes que, embora poderoso, tenha usado a maestria da guerra e os ritos para ascensão social própria e não do povo regido, o que demonstra um comportamento “(...) contra o costume” (BEOWULF, 2011, VERSOS 1716) daquela sociedade.

Para além disso, a anedota de Heremod apresentada pelo *scop* durante a festa de comemoração demonstra uma estrutura social que, embora seja voluntária, faz parte de um ciclo de obrigações do estrato marcial. De todos os feitos e desejos que vislumbram glória expostos pelos guerreiros e pelos reis na narrativa, a prosperidade social só é alcançada quando compartilhada com os demais através dos ritos sociais costumeiros. O antigo rei danes, embora seja elogiado pela sua força e pelo seu vigor (questões individuais), é reconhecido como exemplo de péssimo rei por não compartilhar o sucesso com o próprio povo.

Os versos citados acima também ganham destaque pela escolha de palavras para realizar os elogios de poder e de vigor ao rei Heremod. No verso 1716 (na versão traduzida de Erick Ramalho), traduzidos do termo original *mægenes* (BEOWULF, 2011, verso 1716) para poder; *eafepum* (BEOWULF, 2011, verso 1718) para vigor. Trata-se de palavras em que o radical *mæge-* e *eafe-* são constantemente utilizados para demonstrar adjetivação de objetos ou feitos. *Mægen-fultuma* (BEOWULF, 2011, verso 1455), por exemplo, pode ser traduzido como *ajuda-poderosa* e é utilizado para descrever o empréstimo da Hrunting (espada de Unferth) a Beowulf. Já *mægens-trengo* (BEOWULF, 2011, verso 2678) pode ser traduzido como *força poderosa*²²⁵. A importância desses detalhes vem do uso implícito dessas palavras: trata-se de termos utilizados para elevar um objeto ou uma ação a uma estrutura social de marcialidade: não é apenas uma ajuda, mas uma ajuda poderosa de um guerreiro com *status* elevado (embora este apresente problemáticas já discutidas); a força de um rei poderoso lutando pelo povo contra um dragão.

²²⁵ Entretanto, neste caso específico, a tradução de Erick Ramalho optou por traduzir como “(...) a força da ira” (BEOWULF, 2011, verso 2678) por demonstrar tanto uma força para além do normal, envolta de raiva durante o duelo contra o dragão, como encaixar melhor no contexto em que o termo foi utilizado, retornando à discussão sobre uma tradução *prática* explicada anteriormente.

Hrothgar encerra o discurso; conforme costume da sociedade marcial, é oferecida uma festa com promessas de distribuição de riquezas, o que demonstra o sistema de trocas voluntárias-obrigatórias. Nesse contexto, negligenciar um convite ou recusar um presente é o mesmo que um ato de guerra, pois tais ações são vistas como sinônimas de recusa à própria noção de fraternidade entre os envolvidos (MAUSS, 2017, p. 209). Além disso, o *mana* de Hrothgar é testado: perante a *Economia Voluntária-Obrigatória*, é necessário, mesmo que de aparência voluntária, que um pagamento seja realizado pelos atos de Beowulf e, de forma cíclica, a sorte dele exposta para os membros do estrato ao qual ele pertence.

Isso significa que os tesouros doados não são um pagamento, mas uma exposição de poder e de conquista do próprio Hrothgar, reafirmando-se na sociedade após ter necessitado de ajuda por não conseguir, mesmo sendo poderoso, eliminar os monstros que atacaram o reino. Durante o discurso de despedida, após a comemoração, o rei danes acentua que cumpriu o papel como rei-doador para aqueles que o seguem: “Durante o reinado meu, as riquezas / devem ser divididas; hão de dar / presentes aos homens, para além do pego, / banheira de gaivotas”²²⁶ (BEOWULF, 2011, versos 1855-1859). Para completar, deu doze presentes antes do guerreiro *geat* retornar à sua terra.

No mito fundador dos Scyldings, apresentado no capítulo anterior, destacamos como os descendentes do guerreiro assim como os feitos dos antepassados são muitas vezes considerados mais importantes do que o próprio guerreiro vivo: reconhecer o *mana* e o impacto que Scyld Scefing teve, por exemplo, ao expô-lo como arquétipo pedagógico, corrobora a importância de fazer parte dos ritos e dos rituais do guerreiro anglo-saxão. Tal ação expõe uma dicotomia marcante da sociedade guerreira: a importância de afastar os mortos dos laços sociais para que o espaço dos vivos possa se sedimentar. Peguemos, por exemplo, o processo formativo de novos líderes: utiliza-se a glória passada para justificar o poder social presente; os feitos dos antepassados são, portanto, os feitos dos descendentes. O rito descrito mantém a importância e é absorvido pela cultura cristã em ascensão:

“(...) a realeza cristã tem suas origens no monarca sacro germânico pagão que, com sua linhagem colocando-o na linha de Woden, fez

²²⁶ “Geata leodum Gar-Denum, (...) sib gemænum, 7 sacu restan, / inwitniþas, þe hie ær drugon; / wes an, þenden ic wealde widan rices / maþmas gemæne, manig operne / godum gegrettan ofer ganotes bæð” (BEOWULF, 2011, versos 1855-1859).

*blot*²²⁷ para seu povo manter as bênçãos dos deuses. Os governantes *Woden-sprung*, portanto, representam não apenas seu povo, mas os deuses entre os quais e seu povo eles mediam²²⁸ (CHANEY, 1970, p. 170).

Um objeto doado a partir destes ritos, por exemplo, é carregado pela energia do guerreiro mesmo após o fim de sua vida. Trata-se de algo não-físico e não-material presente constantemente nos “*Woden-sprung monarchs*”, ou seja, naqueles monarcas anglo-saxônicos que possuem em suas árvores genealógicas traços do germanismo. Segundo Patrick Geary (1985), “(...) a relação entre os membros vivos e mortos de seu clã há muito é vista como essencial na sociedade medieval primitiva”²²⁹ (GEARY, 1995, p. 35-36).

No capítulo anterior, demonstramos como o evento em que a espada de Unferth quebra pode ser interpretado como um fracasso generalizado de sua formação como homem-guerreiro ao não ser honrado, por ter assassinado seu parente e por ter faltado com respeito com seus pares – durante o debate com Beowulf – quebrando, assim, o ciclo da doação. Através do *mana* familiar, foi capaz de alcançar honra e glória a ponto de ele se tornar um membro importante na corte de Hrothgar, demonstrando a importância da descendência nesse mecanismo social. Caso não seja defendido, o *mana* pode enfraquecer e o reflexo é observado na própria espada, que quebra após Unferth não cumprir com aquilo esperado pela sociedade.

Assim, essa sorte materializada do rei-guerreiro também pode ser observada em edifícios ligados a ele. Heorot, salão real do rei Hrothgar, ganha destaque em diversos momentos na narrativa não apenas por ser o local em que ritos e rituais sociais são realizados, mas por ser se tornar um personagem ativo para o ouvinte do poema. O edifício é colocado como central do reino danes, destacando-se na paisagem com enfeites “(...) ornatos de ouro / luzente. Moradia de madeira, / o salão sobressaía sob o céu - / lar do rei poderoso. De lá, luz / iluminava (do lugar ilustre) / a plaga toda” (BEOWULF, 2011, versos 308-311).

²²⁷ *Blot*, em inglês modern, ou *blót*, em português, faz referência a algum tipo de sacrifício ritualístico praticado por sociedades de origem germânica.

²²⁸ “(...) Christian kingship, has its origins in the pagan Germanic sacral monarch who, with his lineage placing him in the line of Woden, made blot for his folk to maintain the blessings of the gods. The Woden-sprung rulers thus represent not only their folk but the gods between whom and their people they mediate” (CHANEY, 1970, p. 17).

²²⁹ “The relationship between the living and dead members of their clan has long been seen as an essential one in early medieval society” (GEARY, 1995, p. 35-36).

Stephen Pollington descreve como o local se torna central para a sociedade marcial, seja pelos eventos ocorridos dentro do prédio, os ritos sociais em *Beowulf*, seja pela própria imagem que a sociedade tem dela mesmo. Localizado em um ponto de destaque do reino, reforça a existência de “valores compartilhados²³⁰” (POLLINGTON, 2010, p. 21) por indivíduos do mesmo grupo. Por exemplo, podemos olhar como a construção do salão real é transformada em uma anedota representativa do sucesso dos danes, como o conto de Scyld Scefing, no qual os feitos e as relações desenvolvidas pelo antigo rei são exaltados e logo em seguida se cria a expressão material do *mana* da dinastia, reconhecida por outras tribos e por outros reinos.

(...) Então, ele gerou
 Em sua cabeça, a ideia de construir
 Um salão de hidromel muito suntuoso –
 Igual a ele ninguém jamais veria.
 Lá dentro, dividia ele, dando a todos,
 Jovens e velhos, o que de Deus vinha,
 Exceto as vidas dos homens e as terras.
 As ordens dadas (eu ouvi dizer),
 Para essa construção, por toda a Terra,
 Mundo-médio (lar humano), migraram.
 Rápido, veio o reconhecimento:
 Aquele salão era superior (BEOWULF, 2011, versos 64-78).

O salão real é representativo de um dos temas mais frequentes na poesia anglo-saxônica: a idealização das estruturas sociais regentes exposta através de anedotas – como os ritos e os rituais destacados ao longo da dissertação. O local representa a materialização do rei-chefe, uma estrutura reconhecida por todos aqueles que estavam no mesmo estrato social, inclusive forasteiros.

Esse louvor ao edifício e essa representação para a cultura marcial anglo-saxônica não é estranha a sociedades que originam dos povos germânicos. No período da Inglaterra Anglo-Saxônica (em termos genéricos, durante dos anos 446-1066), a presença do *meadhall* pode ser constada ao longo de todos os séculos, seja com menções diretas em fontes (Tribal Hidage, Crônica Anglo-saxônica e poemas em geral) ou por meio de achados arqueológicos.

A partir desses sítios, por exemplo, é possível afirmar que a existência da cultura do Salão Real (“(...) *Hall-life*” (POLLINGTON, 2010, p. 102) se origina desde o processo de formação do povo germânico em meados de 500 a.C. Na Era da

²³⁰ “(...) emphasis on shared values” (POLLINGTON, 2010, p. 21).

Migração, do século I até o V, e no desenvolvimento da cultura anglo-saxônica, entre os séculos IV e VIII, o salão continuou uma instituição central para a estrutura marcial, em especial para a perpetuação de certos traços, ao reafirmar os ritos e ao se apresentar de forma pedagógica para futuros chefes militares, homens livres e príncipes em ascensão.

Quando observamos um rito, como o da cobrança da lealdade, realizada no salão real, há toda uma idealização do local. Durante o convívio social, o guerreiro estar *dentro* do salão expõe a influência do rei, pois ali sua decisão e seus feitos regem supremos perante os outros. Reflexo disso pode ser encontrado a partir de uma análise das relações entre a rainha e o guerreiro *geat*.

Wealhtheow, esposa de Hrothgar, reivindica de forma indireta durante um dos discursos de elogios direcionados ao guerreiro *geat* que ele mantenha uma relação de amizade e de serviço mútuo com seus filhos. O pedido de amizade é reforçado pelo discurso de Beowulf nos versos 1817-1840, nos quais o guerreiro *geat* garante que auxiliará os *daneses* em qualquer tipo de combate ou ataque que possam sofrer:

(...) As boas-vindas
 Cá tivemos nós, conforme queríamos.
 Entretenimento experimentamos.
 Tão bem tu nos trataste. Pois se tens,
 ainda, algo que, para mais afeição
 tua ganhar, eu, com atos de guerra,
 (além dos que já fiz) fazer-te agora
 Possa, estou, rei, pronto. Se eu escutar,
 Além das águas, que o ameaçam com atos
 De terror povos próximos (tal qual,
 Antes, inimigos), hei de ajudar-te –
 Virei para cá, então, com mil varões (...)
 Se o filho de príncipe
 Hretheric a geta corte resolver
 Visitar, há de achar vários amigos lá²³¹ (BEOWULF, versos 1820-1839)

A resposta pode ser prenúncio para a traição familiar que ocorrerá no futuro: o sobrinho de Hrothgar, filho de sua irmã Halga, Hrothulf²³², teria, supostamente,

²³¹ Wæron her tela / willum bewenede. Þu us wel dohtest. / Gif ic þonne on eorþan owihte mæg / þinre modlufan maran tilian, / gumena dryhten, ðonne ic gyt dyde / guðgeweorca, ic beo gearo sona. / Gif ic þæt ge|fricge ofer floda begang, / þæt þec ymbsittend egesan þywað, / swa þec hetende hwilum dydon, / ic ðe þusenda þegna bringe, / hæleþa to helpe. Ic on Higelace wat / Geata dryhten, þeah ðe he geong sy / folces hyrde, þæt he mec fremman wile / weordum worcum, þæt ic þe wel herige / þe to geoce garholt bere, / mægenes fultum, þær ðe bið manna þearf. / Gif him þonne Hreþric to hofum Geata / geþingeð þeodnes bearn, he mæg þær fela / freonda findan” (BEOWULF, versos 1820-1839).

²³² Destacamos que o personagem Hrothulf, ou *Hroðulf*, é muitas vezes interpretado como *Hrólfur Kraki*, rei semilendário danes que aparece frequentemente em diversos poemas escandinavos.

usurpado o trono danes ao assassinar o filho de Hrothgar. O evento é descrito pelo narrador *scop* ao apresentar, em apenas 235 versos (aproximadamente, dependendo da versão do poema), três outras mães que perderam os filhos para a violência e traição familiar. O evento é corroborado com a passagem da *Bjarkamál*, de Saxo Grammaticus, na qual Hrothulf é mencionado assassinando um rei chamado Hroerek, passagem interpretada por algumas correntes beowulfianas como Hrethric, assim como o poema *Widsith* expõe outra visão da aliança falha no verso 2023, quando Ingeld tentou se casar com a filha de Hrothgar – não nomeada²³³. De uma forma ou de outra, o evento ganha força quando observamos que Beowulf retribui o favor ao auxiliar os daneses e ao receber auxílio – movendo o ciclo de favores e de Trocas Voluntárias-Obrigatórias – durante a guerra dos *geats* contra o Suíones²³⁴.

Esses favores se transformam, durante o processo de troca, em outros ritos, como do *elogio*, de *doação* e de *serviços*, que resultam na valorização social de Beowulf e aumentam o próprio *mana* e sucesso militar do guerreiro. Transformam-se, portanto, em um sistema de prestações totais, conceito maussiano que descreve as ações esperadas pelos membros da aristocracia bélica e por aqueles ritos que serão realizados no dia a dia como uma forma de interligar grupos, tribos, reinos, guerreiros ou chefes-guerreiros diferentes no mesmo mecanismo de controle social e cultural.

Uma das maiores provas disso é que o reino, dentre todos os grandes exemplos já destacados no poema ao longo dos rituais e dos ritos apresentados pelo narrador, é o mais sucedido: “Beowulf, protetor do povo, tão bem / Reinaria sua terra natal (rei / Sábio), por cinquenta invernos²³⁵ (BEOWULF, 2011, versos 2210-2212).

Trata-se, novamente, da representação física – o sucesso material e bélico como um grande guerreiro –, do *mana* e da sorte construídos pelo guerreiro Geat. A ideia de sorte, intimamente relacionada com o favor divino, ou pelo menos a relação com a deidade seguida, foi ressignificada a partir da influência crescente do cristianismo (CHANEY, 1970, p. 12): se antes a ideia central, fundamental para a sorte do rei impactar a sorte do povo, poderia ser vista como uma troca entre o rei e a deidade, certos aspectos culturais e sociais foram modificados. Neste primeiro momento,

²³³ A questão do assassinato ou não ainda é debatida entre os historiadores, sendo o de Marijane Osborn (2019) um dos artigos mais atualizados sobre a temática. Ela defende que o assassinato não pode ser comprovado. De qualquer maneira, para a presente discussão, a questão mais essencial é o guerreiro *geat* ter devolvido o favor para os filhos de Hrothgar ao abrigá-los em período de guerra.

²³⁴ Ver páginas 42-43.

²³⁵ “Beowulfe brade rice / on hand gehwearf. He geheold tela / fiftig wintra, wæs ða frod cyning” (BEOWULF, 2011, versos 2210-2212).

entretanto, a presença da descendência real em deuses pagãos (como Woden e Tyr) continua em todas as genealogias sobreviventes da Heptarquia. Assim, a autoridade e o poder político daqueles que se converteram ao cristianismo vinha tanto da ideologia religiosa como da percepção de descendência-ascendência entre Deus (no sentido cristão), substituindo a antiga ordem constituída pelos deuses, os reis-lendários e finalmente os reis da dinastia regente.

Os anglo-saxões entendiam a autoridade de Cristo porque Ele era o Filho de Deus, assim como seus antepassados pagãos entendiam a autoridade do rei porque ele nasceu de um deus²³⁶ (CHANEY, 1970, p. 19).

Em suma, expõe-se para o ouvinte do poema o comportamento ideal esperado pelos guerreiros do século VIII. Como Stephen Pollington demonstra, cria-se o conceito pedagógico dessa poética, além do comportamento ideal exposto no poema desenvolvido a partir daquilo esperado pela sociedade.

4.3. As escolhas esperadas em vida e em morte

No item anterior, exploramos como o guerreiro precisa lidar com cobranças da sociedade marcial em uma *Economia de Doação*. No presente item, pretendemos analisar o guerreiro em um aspecto mais íntimo: as decisões e as motivações que dependem do estrato no qual o guerreiro se encontra. Identificaremos a diferença comportamental entre estar em ascensão social, como Beowulf está no primeiro arco narrativo do poema, e quando se está no topo do estrato, ao se tornar rei.

Honra e glória são qualidades atribuídas ao guerreiro a partir do reconhecimento de seus feitos pelos pares, sendo a sua personalidade externa às suas conquistas. Para entendermos como isso afeta as escolhas e o cotidiano do guerreiro, usaremos parte do estudo sobre *oferhygd complex* (complexo *oferhygd*), de Scott Gwara (2009), como condutor teórico.

O termo *oferhygd* está presente em dois versos do poema Beowulf, 1740 e 1760, ambos no discurso de Hrothgar, após o extermínio dos dois monstros que ameaçavam os daneses e Heorot. O termo pode ser traduzido como – pensando no

²³⁶ “The Anglo-Saxons understood the authority of Christ because He was the Son of God, as their pagan forebears understood the authority of the king because he was Sprung from a god” (CHANEY, 1970, p. 19).

conceito e não na tradução direta²³⁷ – ambição excessiva do líder/chefe guerreiro. No discurso, é possível identificar uma “(...) fatal contradição no cerne da sociedade heroica²³⁸” (LEYERNE, 1965, p. 89 *apud* GWARA, 2009, p. 37) em relação às idealizações esperadas e propagandeadas durante toda a narrativa, mas fundamentais para construção de uma moralização das escolhas refletidas nas consequências do segundo arco do poema, a partir do verso 2200.

Hrothgar expõe os perigos que acompanharão a influência e a autoridade que o guerreiro *geat* enfrentará a partir de seu reconhecimento. De aparência contraditória (GWARA, 2009), o sucesso do guerreiro que deveria ser uma meta encorajada constante para a ascensão social, é criticado e os ouvintes são apresentados para a importância de escolhas sábias para construir socialmente poder e *status*, que não podem ser afetados por uma paixão excessiva pela glória, o que pode afetar o julgamento do guerreiro.

O trecho representa, portanto, uma das principais características pessoais do guerreiro na sociedade anglo-saxônica: encontrar o equilíbrio entre o sucesso como membro da sociedade marcial, centrada na honra e na glória individual, e o sucesso como chefe desta mesma sociedade, tornando-se um *ring-giver* respeitável, de acordo com o costume. O caso de Heremod (observado no item anterior) é representativo deste conflito: embora receba inúmeros elogios pela força e pelo vigor, os quais representam escolhas e conquistas individuais, ele é criticado duramente pelas ações como rei, marcadas por afetar o reino como um todo.

De um lado, temos uma sociedade que demanda sucesso individual, valorizando, até certo ponto, a jactância, e que retorne ao estrato – como a partir de *Rituais de Doação*; de outro, uma sociedade que observa essa mesma arrogância narcisista como algo que pode apresentar consequências negativas. Ao observar a historiografia beowulfiana, o problema desta busca incessante pelo sucesso *versus* decisões sábias, foi analisado, de forma geral, a partir de duas correntes teóricas: a primeira advém dos estudiosos que interpretam a narrativa poética a partir de uma moral germânica, na qual o valor do indivíduo era testado constantemente e precisava ser

²³⁷ Como destacado no capítulo II, diversos termos do inglês antigo não são passíveis de serem traduzidos de forma direta, forçando uma tradução conceitual.

²³⁸ “(...) fatal contradiction at the core of heroic society” (LEYERNE, 1965, p. 89 *apud* GWARA, 2009, p. 37).

reafirmado; a segunda, para um alerta moral cristianizado representante do processo de ascensão da religião perante os comportamentos germânicos.

Reiteramos que buscamos compreender o conteúdo do poema a partir da visão germanizada, em especial, da moral germânica presente na sociedade anglo-saxônica durante a transição entre a moral pagã para a cristã. Ao imaginar uma audiência mista, com conhecimento básico do cristianismo – em especial, do Antigo Testamento²³⁹ –, no qual apenas o compositor ou o copista do poema teria conhecimento da moral cristã mais aprofundada, sendo necessário a realização da exaltação dos comportamentos germânicos.

Ao pensarmos nos feitos de Beowulf como situações pedagógicas para a audiência anglo-saxônica, há algo semelhante a um *Exempla* (GWARA, 2009, p. 35). Embora o conceito de *Exempla* e de seus derivados seja presente a partir do século XI, podemos tratar as ações de Beowulf como *exemplas* implícitos: demonstra, a partir de uma anedota imersiva para a audiência, facilitando a assimilação de um ensinamento, o que seria moralmente correto.

Os dois feitos e toda a jornada de Beowulf apresentados nos dois primeiros arcos narrativos, por exemplo, demonstram o sucesso conquistado a partir da ação individual do príncipe *geat*. Ao se aventurar no mar, embora acompanhado de pequena tropa, Beowulf causa impacto significativo na sociedade marcial ao auxiliar um reino distante daquele a que pertence, embora não desconhecido por ele e pelo próprio pai; expõe-se, dessa forma, intencionalmente ao perigo mesmo sabendo os riscos existentes ao enfrentar monstros que podem levar à sua morte.

Como Beowulf admite antes de ambos os confrontos, reconhece a possibilidade de falha, mesmo acreditando na sua jactância e nas suas habilidades de batalha: no caso de Grendel, “(...) “Eu, cá, jamais digo / que sou, em poder de pugna, sup’rior / a Grendel – nem em façanhas de guerra²⁴⁰” (BEOWULF, 2011, versos 674-677); no

²³⁹ “[o poeta] nunca menciona”, como observa Robinson, “a Reencarnação, Crucificação, Eucaristia, Redenção, a Cruz, igrejas, santos, Novo testamento e outros elementos cardiais do Cristianismo” “[the poet] never alludes,” Robinson observes, “to the Incarnation, Crucifixion, Eucharist, Redemption, Cross, church, saints, New Testament, and other cardinal elements of Christianity.”] (ROBINSON, 1985, p. 43 apud GWARA, 2008, p. 7). Embora seja possível argumentar que uma audiência mista receberia com maus olhos uma poética composta de uma moralização completamente cristianizada – em especial a adição de tais elementos –, acreditamos que seja muito mais provável a impossibilidade de tal feito pela presença muito mais significativa da moral germânica durante esse processo inicial de formação das *estruturas estruturantes* de poder e de moral dos reinos anglo-saxônicos. Para mais detalhes, ver citação de Jorge Luis Borges (2006) e trechos relacionados na página 17.

²⁴⁰ “No ic me an herewæsmun hnagran talige, / guþgeweorca, þonne Grendel hine” (BEOWULF, 2011, versos 674-677).

caso de sua mãe, “Doador de ouro a varões, o que nós dois, / antes, conversamos, já considera: / se eu perecer por tua causa (...) / Conduz / bom Hrothgar, o ouro que me deste a Hygelac”²⁴¹ (BEOWULF, 2011, versos 1476-1478, 1481-1482). Por fim, todas as provações pelas quais precisou passar nos embates contra os indivíduos da corte de Hrothgar (o guardião da corte na praia; Unferth; as apresentações; a conversa com Wealhtheow; a troca de elogios com Hrothgar).

A construção das decisões que o guerreiro realiza são, nestes primeiros dois arcos, voltadas para os efeitos imediatos que elas possuirão para seu *status*. Ao relacionarmos com o esquema da Figura 2, por exemplo, podemos apontar Beowulf como alguém que oferece lealdade para seu doador, Hrothgar, ao buscar, em uma relação de Trocas Voluntárias-Obrigatórias, retorno pelos serviços prestados, realizando uma das bases da *Economia de Doação*. Por outro lado, quando analisamos as decisões tomadas após o guerreiro *geat* se tornar Rei dos *geats*, a partir dos versos 2200, elas demonstram como seus feitos foram voltados para o *povo*, resultando em um reinado de sucesso por 50 anos; ele só é forçado a lutar novamente devido a ações de outros.

Sua ascensão como rei dos *geats* é significativa para a estrutura de poder e fomento do sistema de valor-social advindo da conquista da honra e da glória pessoais através dos feitos. Embora Beowulf tenha nascido na família real dos *geats*, sendo sua mãe – não nomeada – filha de Hrethel, fundador da dinastia dos *geats*, a hereditariedade não garantia seu trono. Heardred, filho de Hygelac, assume o trono após Beowulf confiar na capacidade dele como guerreiro, mesmo sendo desejo de Hygelac que Beowulf assumia, tornando-se um tutor de Heardred:

De joias oferta
 Fizera-lhe – anéis, reino e trono (ao filho
 [Hrothgar] não os confiava) – Hygd. Coube-lhe (Hygelac
 Morto) o remoto trono manter contra
 ádvenas. Porém, falto, o povo avesso
 era ao varão senhor virar de Hrethel.
 E tutor Beowulf tornara-se (bons
 Avisos) de Heardred, até que, co'honra,
 Este, crescido, comandara os Getas²⁴² (BEOWULF, 2011, versos
 2371-2380)

²⁴¹ “Gepenc nu, se mæra maga Healfdenes, / snottra fengel, nu ic eom siðes fus, / goldwine gumena, hwæt wit geo spræcon: / gif ic æt þearfe þinre scolde / aldre linnan, þæt ðu me a wære, / forðgewitenum, on fæder stæle. / Wes þu mundbora minum magoþegnum, / hondgesellum, gif mec hild nime. / Swylce þu ða madmas, þe þu me sealdest, / Hroðgar leofa, Higelace onsend” (BEOWULF, 2011, 1474-1485).

²⁴² “Þær him Hygd gebead hord rice, / beagas bregostol. Bearne ne truwoðe, / þæt he wið ælfylcum eþelstolas / healdan cuðe. Ða wæs Hygelac deað. / No ðy ær feasceaft findan meahton / æt ðam

A tutoria de Beowulf estabelece um vínculo de obrigações entre tio e sobrinho. Para Lorraine Lancaster (1958), trata-se de uma relação sociocultural que permeia o parentesco entre guerreiros do mesmo estrato. A relação de Hrethel adotando Beowulf aos 7 anos (BEOWULF, 2011, versos 2431-2439) é retomada em uma anedota, narrada pelo próprio guerreiro, ao apresentar o porquê da guerra que levou à morte de Heardred estava acontecendo, assim como nos permite compreender o porquê Beowulf tenha escolhido se tornar tutor, ao invés de assumir o trono diretamente.

Rolf H. Breemer Jr (1980) identifica esta mesma relação em outras fontes anglo-saxônicas, especialmente no que ele chama de MoBr-SiSo (Mother's-Brother and Sister's-Son – irmão da mãe e filho da irmã), a partir de alusões implícitas no poema de Swerting – Hygelac, Hereric – Heardred e Garmund – Eomer, assim como explícitas de Hygelac – Beowulf, Sigemund – Fitela, Hncef – filho de Hildeburh's (BREEMER JR, 1980, p. 38).

Trata-se, portanto, de mais uma das escolhas que demonstram a mudança de opiniões esperadas: ao invés de assumir o trono logo quando ofertado, por já possuir *mana* e prestígio suficientes, ainda precisa tomar a ação honrosa de recusar e de tutorear aquele que possui um parentesco. Embora possa ser aberta a discussão de uma “hereditariedade” ao assumir o trono, devemos lembrar Heardred carregava consigo a sorte de sua família e de seus feitos; embora não apresentados diretamente no poema, demonstram a necessidade de Beowulf respeitar o grande líder que ele poderia se tornar.

Observar as decisões de Beowulf, em especial aquelas tomadas em prol do povo, como o retorno à luta em virtude do surgimento do Dragão, permite compreender como a narrativa do poema reflete as consequências possíveis na sociedade guerreira foco desta dissertação: de um lado, há os sujeitos coerentes, cumpridores da ordem guerreira (Beowulf e Wiglaf são exemplos disso); de outro, há aqueles que fogem às obrigações sociais, são punidos por meio de reprimendas e precisam se redimir perante o rito de enterro do rei.

O trecho começa com o rei Beowulf se preparando conflito contra o dragão “(...) “Batalha enfrentei -/ moço. Desejo, agora, defensor / do povo (experiente), heroico

æðelinge ænige ðinga, / þæt he Heardrede hlaford wære, / oððe þone cyneþom ciosan wolde. / Hwæðre he him on folce freondlarum heold, / estum mid are, oð ðæt he yldra wearð, / Weder-Geatum weold” (BEOWULF, 2011, versos 2371-2380).

ato: um prélio / buscar, se, para fora, botar,/ do salão de terra, o treto assassino”²⁴³ (BEOWULF, 2011, versos 2518-2523). Alerta, entretanto, o perigo que seus homens correrão caso se juntem a ele, lembrando o perigo que foi lutar contra o monstro Grendel; por isso, diz que pretende lutar sozinho.

Embora o aviso seja feito, trata-se de um teste claro à moral guerreira: seus homens, jurados pelos anéis de lealdade, deveriam estar a postos para ajudá-lo caso necessário. Após a primeira troca de golpes com o dragão, sua espada falha e cai ferido. Seus homens fogem e o narrador expressa grande desonra na ação, com exceção de um:

(...) Triunfo alardeou o doador
De anéis não (geta amigo): sua arma, à mostra,
Falhara, então – gume férreo de guerra.
(...) Os dois [Beowulf e o Dragão],
Logo, atracaram-se em luta – guerreiros.
No âmago seu, novo fôlego, arfava
O guardião (seu peito pulava) do ouro.
Suplício: o que a gente geria sofreu,
De labaredas ladeado. De lá,
Debandou pro bosque o seu bando (filhos
De varões sem marcial valor) p’la vida.
Mas, no âmago de um fez-se mágoa: aquele
Que pensa a lealdade nunca dispensa²⁴⁴ (BEOWULF, 2011, versos 2585-2601)

Exemplo semelhante de lealdade pode ser observado na Crônica Anglo-saxônica no evento descrito no ano de 755. O príncipe Cyneheard procurou se vingar do rei Cynewulf de Wessex pelo assassinato do seu irmão Sebright, realizando um assalto e um confronto direto, no qual Cynewulf “(...) se defendeu com coragem” (CRÔNICA ANGLO-SAXÔNICA, 1996, p. 41-42). Entretanto, ao escutarem os gritos de sua mulher, seus *thanes*²⁴⁵ que estavam no local correram para lá. Cyneheard imediatamente ofereceu tesouros e terras para que eles o aceitassem como novo rei, mas todos se recusaram e lutaram contra ele até a morte. Na manhã seguinte, os outros

²⁴³ “Ic geneoðe fela / guða on geogoðe; gyt ic wylle, / frod folces weard fæhðe secan, / mærdum fremman, gif mec se mansceaða / of eorðsele ut geseceð” (BEOWULF, 2011, versos 2518-2523).

²⁴⁴ “Wearp wælfyre; wide sprungon / hildeleoman. Hreðsigora ne gealp / goldwine Geata. Guðbill geswac, / nacod æt niðe, swa hyt no sceolde, / iren ærgod. Ne wæs þæt eðe sið, / þæt se mæra maga Ecgðeowes / grundwong þone ofgyfan wolde. / Sceolde willan wic eardian / elles hwergen, swa | sceal æghwylc mon / alætan lændagas. Næs ða long to ðon, / þæt ða aglæcean hy eft gemetton. / Hyrte hyne hordweard, hreðer æðme weoll, / niwan stefne. Nearo ðrowode, / fyre befongen, se ðe ær folce weold. / Nealles him on heape handgesteallan, / æðelinga bearn, ymbe gestodon / hildecystum, ac hy on holt bugon, / ealdre burgan. Hiora in anum weoll / sefa wið sorgum.” (BEOWULF, 2011, versos 2585-2601).

²⁴⁵ Ver nota 169.

guerreiros fiéis a Cynewulf foram até o local de batalha, buscando vingança pelo seu senhor.

Os portões, no entanto, estavam trancados e eles tentaram arrombar sem sucesso; [Cyneheard] lhes prometeu sua própria escolha de dinheiro e de terra se eles lhe concedessem o reino; lembrando-lhes que seus parentes já estavam com ele, que nunca o abandonariam. Ao que eles responderam: que nenhum parente poderia ser mais querido para eles do que seu senhor, e que eles nunca seguiriam seu assassino. (...) Então eles continuaram lutando nos portões, até que entraram correndo e mataram o *etheling* e todos os homens que estavam com ele; exceto um, que era afilhado do seu senhor, e cuja vida poupou, embora tenha ficado ferido²⁴⁶ (CRÔNICA ANGLO-SAXÔNICA, 1996, p. 42, tradução nossa).

O trecho demonstra como a lealdade do guerreiro era idealizada até mesmo após a morte do jurado. Os guerreiros, mesmo com promessas de terras e tesouros, por conta das estruturas sociais marciais presentes na sociedade anglo-saxônica, preferem a morte a trair o senhor deles. No poema estudado, Beowulf demonstra, durante seu último discurso moralizante antes de morrer, como cumpriu aquilo esperado pelo costume da sociedade marcial: criou alianças, algumas até baseadas na ameaça e no medo, e doou presentes para seu povo. Por fim, decreta que o tesouro do dragão deve ser distribuído para seu reino, utilizando-o para manter as relações de paz que ele construiu, como se soubesse as ameaças que seu reino enfrentaria com a sua morte – fato que se concretizou com o discurso final de Wiglaf.

O lar guardei. Lá, guardei o fado
Pérfido no prélio nem vis promessas
Fazer. De morte ferido, afirmo isso
Tudo co'alegria. Assim, o Criador
Dos homens motivo não tem para mortes
De varões me imputar, quando houver vida
Não neste meu corpo. Wiglaf tão caro,
Já a serpente jaz (sono da morte),
Co'ulceras abatida. Urge-me ver
Seu tesouro, sob a rocha gris. Traz-me
A riqueza antiga, artefatos raros:
Contemplar joias coruscante quero.

²⁴⁶ “The gates, however, were locked against them, which they attempted to force; but he promised them their own choice of money and land, if they would grant him the kingdom; reminding them, that their relatives were already with him, who would never desert him. To which they answered, that no relative could be dearer to them than their lord, and that they would never follow his murderer. (...) Then they continued fighting at the gates, till they rushed in, and slew the etheling and all the men that were with him; except one, who was the godson of the alderman, and whose life he spared, though he was often wounded” (CRÔNICA ANGLO-SAXÔNICA, 1996, p. 42).

Eu poderei em paz partir do reino
 O qual venho mantendo há muito tempo. (...)
 Ao Senhor, pelos ornatos
 Que vejo, graças verto em verbos (Lorde
 Eterno, Rei da Glória) – enfeites ganhos,
 Por mim, pro meu povo, antes de partir.
 Vendi cá, pelo ouro, mi'a velha vida.
 Cuidai, Deus, da carência do meu povo²⁴⁷ (BEOWULF, 2011, versos
 2736-2751; 2796-2801).

O sucesso do reino *geat* durante o reinado de Beowulf pode ser atribuído ao *mana* construído e conquistado ao longo da vida do guerreiro. Como demonstra Wilian Chaney (1970), as sociedades que basearam as primeiras estruturas aristocráticas de poder a partir da cultura germânica, especialmente dos *Woden-sprung Kings* (Reis descendentes de Woden – algo presente em todas as árvores genealógicas anglo-saxônicas), não apenas as estruturas marciais da sociedade eram afetadas pelas qualidades do chefe, mas tudo aquilo ligado à sobrevivência do grupo, como a agricultura, já que “a colheita depende da “sorte” do rei e a abundância de seu reino da vitalidade de seu próprio *mana*²⁴⁸” (CHANEY, 1970, p. 86).

Através destas analogias históricas, portanto, não só identificamos o comportamento social esperado pelo guerreiro durante sua presença em rituais da sociedade, mas também podemos compreender como a personalidade e as escolhas deveriam condizer com aquilo esperado por um indivíduo com alto cargo e *status* social. Ao descrever situações, eventos ou anedotas que apresentam indivíduos de posição social semelhante ao ouvinte, o narrador-poeta elenca questionamentos sobre os possíveis resultados das escolhas e indica, com apenas o impacto da narrativa, o que poderia ser o melhor caminho de acordo com as tradições.

Uma tentativa de moralização também pode ser identificada nos eventos posteriores à morte do rei Beowulf. Atribuímos o evento a uma moralização final como representação do rompimento do ritual de lealdade prometido por aqueles guerreiros

²⁴⁷ Ic ðas leode heold / fiftig wintra. Næs se folccynig / ymbesittendra ænig ðara / þe mec guðwinum gretan dorste, / egesan ðeon. Ic on earde bad / mægescæafta, heold min tela, / ne sohte searoniðas, ne me swor fela / aða on unriht. Ic ðæs ealles mæg / feorhbennum seoc, Gefen habban, / forðam me witan ne ðearf Waldend fira / morðorbealo maga, þonne min sceaceð / lif of lice. Nu ðu lungre geong / hord sceawian under harne stan, / Wiglaf leofa. Nu se wyrm ligeð, / swefeð sare wund, since bereafod. / Bio nu on ofoste, þæt ic ærwelan, / goldæht ongite, gearo sceawige / swegle searogimmas, þæt ic ðy seft mæge / æfter maððumwelan min alætan / lif leodscipe, þone ic longe heold." (...) "Ic ðara frætwa Frean ealles ðanc, / Wuldurcyninge wordum secge, / ecum Dryhtne, þe ic her on starie, / þæs ðe ic moste minum leodum / ær swyltdæge swylc gestrynan." (BEOWULF, 2011, versos 2736-2751; 2796-2801).

²⁴⁸ “Harverst depend on the king’s “luck,” and the fruitfulness of his kingdom on the vitality of his own *mana*” (CHANEY, 1970, p. 86).

que seguiam Beowulf. Como já discutido, a lealdade pode ser interpretada como um dos principais pilares da estrutura marcial do guerreiro: poder contar com o outro, a partir de um juramento de lealdade, em troca de *algo* a depender da hierarquia, mantém o ciclo em constante renovação e reafirmação. Como consequência, o discurso moralizante de Wiglaf (versos 2821-3030) demonstra como o abandono do rei logo pelos guerreiros desleais no começo da luta, escolhendo a fuga e a desonra ao invés do cumprimento da promessa de lealdade feita, trará consequências trágicas contra o dragão e pode ter reflexos catastróficos para o reino *geat*: o retorno do conflito dos *suíones* e dos *geats*.

Logo, do bosque, os dez desleais, em bando
 Para fora puseram-se (...)
 Wiglaf, filho de Weohstan, lá falou
 Àqueles não amados: “Quem quiser
 Dizer a verdade diga que quem deu-vos
 Tais trajes de luta foi nosso lorde –
 Tesouro usado na pugna trazido,
 por ele, de longe e de perto. Lá,
 nos banquetes, gáleas e belas cotas
 ele deu-vos. Entretanto, elogiar
 não pôde o rei do povo, nessa pugna,
 seus companheiros.
 (...) Cessa, agora, a cessão
 De espadas, tesouros e espólios de terras –
 Rincões da raça nossa. Pois, sem rumo
 (destituídos de direito de glebas),
 Na amada pátria, há de andar cada homem
 De nossa gente, quando nobres (povos
 Outros) de vossa infame fuga ouvirem
 Ao longe²⁴⁹ (BEOWULF, 2011, versos 2843-2844; 2865-2883; 2882-2891).

Todo o tesouro do dragão, assim como tudo conquistado por Beowulf, e as relações de paz desenvolvidas ao longo dos seus 50 anos de reino serão ameaçadas pelos *suíones* e por outros povos, como os *frísios* e os *francos*, assim que as notícias que o rei *geat* morreu chegarem até eles. Por fim, os homens de Beowulf realizam um grande funeral em homenagem ao falecido rei, com a presença de “(...) donos / de

²⁴⁹ “Næs ða lang to ðon, / þæt ða hildlatan holt ofgefán, / (...) Wiglaf maðelode, Weohstanes sunu, / sec sarigferð. Seah on unleofe: / “Þæt, la, mæg secgan se ðe wyle soð specan, / þæt se mondryhten, se eow ða maðmas geaf, / eoredgeatwe, þe ge þær on standað, / þonne he on ealubence oft gesealde / healsittendum, helm byrnan, / þeoden his þegnum swylce he þrydlicost / ower feor oððe neah findan meahste, / þæt he genunga guðgewædu / wraðe forwurpe, ða hyne wig beget. / Nealles folccynning fyrdgesteallum / gylpan þorfte” (BEOWULF, 2011, versos 2843-2844; 2865-2883).

salões (vários) que viessem (de bando / líderes) de longe, com lenha, à pira²⁵⁰ (BEOWULF, 2011, versos 3114-3115).

A pira funerária foi completada com conquistas e espólios, como elmos, cotas, escudos e joias (BEOWULF, 2011, versos 3135-3140). Dez dias depois, um monumento em homenagem foi erguido à sua memória. No último ato, logo após o canto fúnebre de uma mulher *geat* desolada pela morte de seu senhor, o rei *geat* recebe elogios que demarcam a importância do equilíbrio das decisões de um guerreiro que busca sucesso em vida: “(...) Falaram / que, dos reis mundiais, era o de mais graça; / e o mais generoso e gentil co’a gente; e o mais ansioso por fama p’los atos²⁵¹” (BEOWULF, 2011, versos 3179-3182).

Percebemos, portanto, que Beowulf é homenageado e louvado pelos feitos e pelas conquistas ao final da narrativa. Em vida, o guerreiro alcançou aquilo que era propagandeado e buscado pelos guerreiros em ascensão: na justificativa de poder, encontrou honra e glória; no auge do poder, foi sábio o bastante para levar o reino a grandes conquistas; na morte, serviu de exemplo em discurso final permeado pela valorização dos feitos conquistados, além do pedido de distribuição de presentes, no seu enterro, com os devidos ritos funerários. A narrativa poética revela, materializados no guerreiro Beowulf, os valores idealizados e esperados da sociedade marcial anglo-saxônica.

²⁵⁰ “Het ða gebeodan, byre Wihstanes, / hæle hildedior, hæleða monegum / boldagendra, þæt hie bælwudu / feorran feredon, folcagende” (BEOWULF, 2011, versos 3114-3115).

²⁵¹ “Swa begnornodon Geata leode / hlaforðes hryre, heorðgeneatas. / Cwædon þæt he wære wyruld-cyning, / manna mildust monðwærust, / leodum liðost, lofgeornost” (BEOWULF, 2011, versos 3179-3182).

CONCLUSÃO

Na presente dissertação, buscamos demonstrar a idealização comportamental do estrato aristocrático da Inglaterra Anglo-Saxônica do século VIII, no poema épico anônimo *Beowulf*. Idealização esta desenvolvida a partir das ações esperadas dos guerreiros, nas quais a honra, a glória, as conquistas pessoais e a fama são comportamentos envoltos por uma “economia de trocas simbólicas”, seguindo o conceito de Pierre Bourdieu, e de uma constatare afirmação e reafirmação das relações sociais do guerreiro, como seus ritos e rituais.

Para isso, desenvolvemos um estudo geral sobre a trajetória do manuscrito no primeiro capítulo da dissertação, elencando aquilo que consideramos necessário para a compreensão das suas teorias de composição e de sua narrativa. Durante a explicação do gênero narrativo, expomos como a sua composição, em especial a forma como foi composto, demarca uma necessidade cultural do público e do autor: as informações presentes na narrativa possuem um forte caráter moralizador, questão explorada mais a fundo no capítulo II.

A apresentação do *Estado da Arte* do manuscrito foi fundamental para eliminar e destacar questões que poderiam aparecer, mas que já foram exaustivamente analisadas pela historiografia beowulfiana, como conclusões ultrapassadas – devido ao avanço teórico-metodológico – ou expor nosso questionamento para conclusões existentes nas correntes teóricas contemporâneas, mas que discordamos. Aproveitamos o momento para destacar o crescente estudo da Inglaterra Medieval no Brasil, dando espaço para três acadêmicos e suas contribuições, assim como dois grandes grupos de pesquisa que se destacaram nos últimos anos pela divulgação constante de estudos.

Para além disso, apresentamos a problemática da tradução do Inglês Antigo para as línguas modernas, ao expor as edições da fonte, demonstrando as perdas de conteúdo e como o poema exige um uso constante de diferentes traduções. Acreditamos que muitas das discussões existentes sobre o conteúdo e as possíveis explicações estão relacionadas a uma compreensão limitada do texto devido à falta de questionamento da tradução utilizada.

Para responder a esse problema, separamos as traduções em dois grupos: as traduções críticas, que visam manter a estrutura da aliteração poética e o tempo verbal mais próximo possível do texto original, e as traduções práticas, que buscam construir

um texto que mantenha a essência da narrativa, sem que sua estrutura poética original – a aliteração anglo-saxônica – seja o foco central.

Com essas informações, partimos para explicar o conteúdo da narrativa e como ele se relaciona com a composição do poema. O capítulo II permitiu uma discussão mais aprofundada das tribos germânicas, seus conflitos durante os séculos IV-V e seus processos migratórios responsáveis pela formação dos reinos germânicos. Investigamos o impacto cultural e político do comportamento germânico, com toda sua representação e idealização valorizada pelo estrato político, expondo necessidades específicas do contexto: sua narrativa foi composta para um público em transformação cultural. Com o comportamento pagão em mente e ainda influente nas decisões e ações do estrato de poder político (os reis-guerreiros, por exemplo), o poeta ainda não podia valorizar o cristianismo em ascensão por completo.

Trata-se de um período de transição no qual a audiência estava disposta a escutar ambos os lados, sem a predominância social bem definida como era no germanismo antes de 597 ou o cristianismo após 793, além do surgimento de reis guerreiros-cristãos, como Alfredo, o Grande. Entretanto, menções do dogma cristão são feitas e focam em uma conversão primária, ainda em desenvolvimento, com grande destaque ao Velho Testamento, com menções a Deus (embora as noções pagãs de destino, de sorte e de benção através dos feitos ainda sejam marcantes), o que nos permitiu argumentar que diversos trechos moralizantes ainda possuem um comportamento germânico implícito.

Em seguida, expusemos como esse comportamento transitório pode ser percebido na forma como a sociedade anglo-saxônica se organizou: sua hierarquia social e seu comportamento marcial exposto em ritos e rituais, tanto na fonte principal da dissertação quanto nas secundárias. Através de uma metodologia comparativa entre o poema e outras fontes, focando na História-Problema, identificamos padrões específicos nas ações realizadas pelos guerreiros em ascensão ou por aqueles que já estavam no topo para concluirmos o que seria a ação *ideal*.

Elencamos três grandes rituais que acreditamos serem centrais para expor a construção ideológica da sociedade marcial: o *comportamento*, demonstrando como a relação entre indivíduos era desenvolvida e certos diálogos eram construídos com uma estrutura hierárquica em mente; o *discurso*, com a adição de ritos menores como a aparência e o ambiente em que ele era realizado; as *motivações culturais*, que levavam o guerreiro ou o rei a se envolverem em conflitos – bélicos ou discursivos.

Por não ser unânime entre os estudiosos do poema, a incerteza do local de composição faz-se necessário à discussão sobre a possibilidade de interpretar tais ações representadas como idealizadas e moralizantes em dois polos possíveis: uma moral secular, germânica, ou uma moral cristianizada. A partir dessa discussão, que envolve um aprofundamento das Teorias de Composição, da tradução e do contexto ao qual atribuímos sua criação, o manuscrito exige o uso de novas ferramentas teórico-metodológicas para sua análise. Por fim, identificamos a possibilidade de utilizar os conceitos *Habitus*, *Estrutura Estruturante* e *Economia de Doação* para aprofundar as discussões sobre tais ações idealizadas, dando destaque àquilo exigido pela sociedade.

Assim, no último capítulo, analisamos diretamente as ações dos guerreiros, separando-as em duas categorias, baseadas em uma ordem desenvolvida com auxílio da *Economia de Doação*: aquelas que eram feitas por um guerreiro em ascensão, identificadas pelo impacto direto no seu *mana* e desenvolvimento pessoal *versus* as realizadas por um sujeito no topo da pirâmide social, identificadas sempre pelo impacto positivo na sua comunidade. Também identificamos com o *oferhygd complex* pode ser utilizado para perceber limites e excessos realizados por um guerreiro durante suas escolhas.

Ademais, também utilizamos o *habitus*, conceito teórico desenvolvido por Pierre Bourdieu, pois nos auxiliou na construção argumentativa de como ocorreu, a partir de certas produções internas da sociedade, a criação de um poema épico com diversas representações idealizadas do guerreiro em ritos e em ocasiões específicas, que regem o comportamento esperado pelos sujeitos participantes da sociedade. Tais trajetórias e potencialidades das ações refletem no que definimos como *estrutura estruturante* do ciclo marcial: uma constante afirmação e reafirmação realizada pelo indivíduo para o grupo, que por sua vez legitima o ato e possui a ação como práxis esperada socialmente. Apresentamos, na forma de anexo, um infográfico que visa explicar esta estruturação.

Perscrutando todo o comportamento marcial, retomamos o aspecto teórico da *Economia de Doação* e estudamos como as relações entre indivíduos eram afetadas. Por exemplo, ao observamos a forma que Beowulf tratou os membros da corte de Hrothgar, é possível argumentar a existência de uma estrutura que força – mas ao mesmo tempo é realizada voluntariamente – certas ações. Todas as tratativas descritas ao longo da dissertação, desde discussões, apresentações, anedotas do *scop* ou

conversas entre dois indivíduos, demonstram uma ética que engloba o dia a dia do guerreiro.

Na constante troca de objetos ou nos ritos do poema, também podemos perceber a existência de um valor implícito que se diferencia da economia do mercado, caracterizada pelas trocas diretas de bens e de serviços em uma perspectiva economicista, para uma economia de bens simbólicos e de valores pessoais: o ato da *doação* e da *recepção*, como argumentamos, é muito mais importante do que o objeto doado. Circunscrito em um sistema de prestações totais, olhamos para o guerreiro idealizado na poética como representação daquilo esperado pela audiência aristocrática.

Podemos concluir que a narrativa do poema *Beowulf* apresenta uma representação idealizada e, em certos aspectos, educacional centrada em uma audiência de guerreiros em formação, condizente com as estruturas de poder da Inglaterra Anglo-Saxônica do século VIII, na qual o comportamento germânico ainda era base de muitas relações sociais.

Acreditamos que o poema ainda possui outras possibilidades de estudo e esperamos contribuir com as discussões futuras por demonstrar como a presença do comportamento germânico na sociedade anglo-saxônica deve ser valorizada e estudada. Destacamos, novamente, a nossa opinião referente à importância de questionar correntes que visam entender o poema como produto puramente cristão, ou de um processo histórico cristianizado, pois uma análise mais aprofundada demonstra a constante problemática existente no entendimento sobre quem era a audiência original do poema épico *Beowulf*.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

BEOWULF. Ed. Michael Alexander. London: Penguin Classics, 1973.

BEOWULF. Trad. Erick Ramalho. Belo Horizonte: Tessitura, 2011.

BEOULF: a New Verse Translation by Seamus Heaney. New York: W. W. Norton & Company, 2000, p. 1-83.

BEOULF. Tradução, introdução e notas de Ary Gonzalez Galvão. São Paulo, Editora Hucitec, 1992.

Fontes secundárias

ALCUINO. What has Ingeld to do with Lindisfarne. Introduction by BULLOUGH, Donald A. In: _____. **Anglo-Saxon England**, Vol.22, UK: Cambridge Online Journals, 1993, p 93 – 125.

_____. On the sack of Lindisfarne by Northman in 793 In_: DUTTON, Paul Edward. **Carolingian Civilization: a reader**. CANADA: Toronto: Broadview Press, 1993.

ANONIMO. The Anonymous Life of Ceolfrith, abbot of Jarrow. In_: WHITELOCK, Dorothy. **English Historical Documents**: Vol I. c. 500-1042. London: EYRE & SPOTTISWOODE, 1968, p. 698-708.

BEDA. **The Old English Version of Bede's Ecclesiastical History of the English People**. Cambridge: Publications Old English Series, 1999.

_____. **The Life of St. Cuthbert**. In_: COLGRAVE, Bertram. Two Lives of Saint Cuthberth. UK: London: The Hambledon Press, 1985.

TACITUS. **Germania and Agricola**. Translated by HAROLD MATTINGLY Revised with an Introduction and Notes by J. B. RIVES. UK: London, Penguin Classics, 2009.

TOURS, Gregory of. Historia Francorum. In_: THORPE, Lewis. **A History of the Franks**. UK: London: Penguin Classics, 1976.

GILDAS. **De Excidio et Conquestu Britannie**. Translated by J.A Giles, Produced by Bert Olton (Project Gutenberg EBook), 1999. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/1949/pg1949.html>.

Bibliografia

BAKER, Peter S. **Honor, Exchange and Violence in *Beowulf***. Cambridge: D.S Brewer, 2013.

BAUGH, Albert C; CABLE, Tomas. **A history of the English Language**. London: Taylor & Francis Group, 2002.

BLAIR, John. **The Church in Anglo-Saxon Society**. USA: Oxford University Press, 2005.

_____. SHARPE, Richard. **Pastoral Care Before the Parish**. UK: Burns & Oates, 1992.

BRADY, Caroline. 'Weapons' in Beowulf: an analysis of the nominal compounds and an evaluation of the poet's use of them. In: _____. **Anglo-Saxon England**, vol. 43, UK: Cambridge Online Journals, 1979.

BRAUDEL, Fernand. **Gramática das Civilizações**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1989.

BORGES, Jorge Luis. **Curso de Literatura Inglesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSWORTH, Joseph. "pyle." In: _____. **An Anglo-Saxon Dictionary Online**, edited by Thomas Northcote Toller, Christ Sean, and Ondřej Tichy. Prague: Faculty of Arts, Charles University, 2014. Disponível em: <https://bosworthtoller.com/32405>. Acesso 30/06/2021.

_____; TOLLER, Thomas Northcode. **An Anglo-Saxon Dictionary-Oxford**. UK: Oxford University Press, 1898.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

_____. **A distinção: Crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2011.

_____. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2004.

_____. **Le Métier de Sociologue: Préalables Épistémologiques**. USA: Walter de Gruyter; 4th Quatrieme Edition, 1968.

BULLOUGH, Donald A. **Achievement and Reputation**. Being Part of the Ford Lectures Delivered in Oxford in Hilary Term 1980. USA, Boston: Brill Leiden Press, 2004.

CAMPBELL, James. **The Anglo-saxons**. Ed. Eric John & Patrick Wormald. NY: Cornell University Press, 1982.

CHADWICK, Hector Munro. **The Heroic Age**. London: Cambridge University Press, 1912.

CHANEY, William A. **The cult of Kingship in Anglo-saxon England: The transition from paganism to Christianity**, USA: University of California Press, 1970.

CHAMBERS, Raymond Wilson. **Beowulf an introduction to the study of the Poem with a discussion of the stories of Offa and Finn**. Cambridge: Cambridge University Press, 1921.

CHASE, Collin. **The Dating of Beowulf**, Toronto: University of Toronto Press, 1997.

CLARK, D; PERKINS, N. **Anglo-Saxon Culture and the Modern Imagination**. Cambridge: D.S. Brewer, 2010.

COLLINS, Roger. **Early Medieval Europe 300-1000**. London: MACMILLIAN EDUCATION LTD, 1991.

COWELL, Andrew. **The Medieval Warrior Aristocracy: Gifts, Violence, Performance and the Sacred**. Gallica Press, 2007.

CURTIUS, Ernst Robert. **European Literature and the Late Middle Ages**. United Kingdom: Princeton University Press, 2013.

CUBITT, Catherine. Pastoral Care and Conciliar Canons: the Provisions of the 747 Council of Clofesho. In: BLAIR, John; SHARPE, Richard. **Pastoral Care Before the Parish**. UK: Burns & Oates, 1992.

DAVENPORT, Tony. **Medieval Narrative: an introduction**. Oxford/NewYork: Oxford University Press, 2011.

DEAN, James. **Medieval English Political Writings**. TEAMS. Kalamazoo, Michigan, 1996.

DEMOLINS, Edmond. **A quoi tient la supèriorité des Anglo-Saxons**. Paris: Firmin-Didot ETC; IMPRIMEURS-ÉDITEURS, 1898.

_____. **Anglo-Saxon Superiority**: to what is due. Translated by Louis Bert. Lavigne. Toronto: The Musson Book Company, 1899.

DUBY, Georges. **As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. 2ªEd. Lisboa: Editora Estampa, 1994.

EARL, James W. **The Swedish Wars in Beowulf**, *The Journal of English and Germanic Philology*, V114, No. 1, 2015.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

ELIASON, Norman. E. The Pyle and Scop in Beowulf. **Speculum**, vol. 38(2), 267–284, 1963.

FISHER, John H. LITERARY CULTURE: Nationalism and the Study of Literature. In: _____. **The American Scholar**, Vol. 49, No. 1, Winter 1980, pp. 105-110.

FULK, Robert Dennis; BJORK, Robert E.; NILES, John D. (Ed.). **Klaeber's Beowulf**. University of Toronto Press, 2008.

GWARA, Scott. **Heroic Identity in the World of Beowulf**. USA: Boston, Brill Academic Publishers, 2008.

GEARY, Patrick J. **Living with the Dead in the Middle Ages**. UK: London, Cornell University Press, 1996.

GONZÁLEZ, Carlos Domínguez. **La Inglaterra Anglosajona**: una síntesis histórica (SIGLOS V-XI). Madrid: Ediciones de La Ergástula, 2015.

GROYS, Boris. *Mana*; or, the Floating Signifier, In_: STRATHAUSEN, Carsten; GROYS, Boris. **Under Suspicion: A Phenomenology of Media**, USA: New York. Columbia University Press, 2011.

LE GOFF, J. Memória. In: _____. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP EDITORA DA UNICAMP, 1990, p. 423-483.

LEYERNE, John. Beowulf the hero and the king, p. 89-102. In_: **Medium Ævum**, vol 34, no. 2. Edited by: PALMER, Nigel F; SAUNDERS, Corinne; HOUT, Sylvia, 1965.

KEEN, Maurice. **Historia de la guerra en la Edad Media**. Madrid, Machado Libros, 2005.

KLAEBER, Frederick, **Beowulf and the fight at Finnsburg**, USA: D. C. HEATH & CO., PUBLISHERS, 1922.

KIERMAN, Kevin S. **Beowulf and the Beowulf Manuscript**. USA: University of Michigan Press, 1997.

HAGEN, Sivert N. **Classical Names and Stories in the Bēowulf**, Source: Modern Language Notes, Vol. 19, No. 3/4, 1904.

HEANEY, Seamus; DONOGHEY, Daniel. **BEOWULF: A Verse Translation: authoritative text, contexts and criticisms**. New York: W. W. Norton & Company, A Norton Critical Edition 2^o Edition, 2019.

HILL, John M. **The Cultural world in Beowulf**. Toronto: University of Toronto Press, 1995.

HUME, David. **História da Inglaterra: da invasão de Júlio César à Revolução de 1688**. Tradução: Pedro Paulo Pimenta. 2. ed. São Paulo, Editora Vozes, 2014.

GAUVARD, Claude. Violência. In: Le Goff, Jacques; Schmitt, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval. V.2**. Bauru: Edusc, 2017, p. 676-686.

GREENFIELD, Stanley B; CALDER, Daniel G. **A new critical history of old English literature**. USA: New York University Press, 1986.

MACEDO, José Rivair. Introdução. Cinema e Idade Média: perspectiva de abordagem. In: MACEDO, José Rivair; MONGELLI, Lênia Márcia (Org.). **A Idade Média no cinema**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 13 – 48.

MAGALHÃES, A. P. T. O léxico da pobreza na Ordem Franciscana (século XIII): contribuição ao estudo da economia cristã de bens simbólicos. In: **Revista de História**, [S. l.], n. 179, p. 1-33, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.160361. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/160361>. Acesso em: 10 fev. 2022.

MARCKWARDT, Albert H. The Sources of Laurence Nowell's "Vocabularium Saxonicum", **Studies in Philology**, Vol. 45, No. 1 Jan. 1948.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Trad: Paulo Neves. São Paulo, Editora Cosac Naify, 2017.

OSBORN, Marijane. The alleged murder of Hrethric in Beowulf. UK: Cambridge. **Traditio 74**, 153-177, 2019.

_____. Les civilisations. Éléments et formes. **Exposé présenté à la Première Semaine Internationale de Synthèse, Civilisation 1929.** In_: Le mot et l'idée, La Renaissance du livre, Paris, 1930, pp. 81 a 106.

MEDEIROS, Elton O. S. **O rei, o guerreiro e o herói: Beowulf e sua representação no mundo germânico.** São Paulo, 140p. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, 2006.

MELEIRO, Maria Lucília F. **A mitologia dos povos germânicos.** Lisboa: Editora Presença, 1994.

MICELI, Sérgio. Introdução: a força do sentido. In_: BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo: SP, Editora Perspectiva, 2015, p. I-LXI.

MILLER, Dean. **The Epic Hero.** Baltimore: John Hopkings University Press, 2000.

NEWTON, Sam, **The Origin of Beowulf and the pre-Viking kingdom of East Anglia.** U. K: St Edmundsbury Press, 1993.

NEEDHAM, Rodney. **Primitive Classification** by Émilie Durkheim and Marcel Mauss. UK: London, Taylor & Francis e-Library, 2009.

NORTH, Richard. **The Origins of Beowulf: From Vergil to Wiglaf.** United Kingdom: Oxford University Press, 2010.

_____. **Beowulf and Other Stories: A new Introduction to Old English, Old Iceland and Anglo-Nornan Literature.** New York: Routledge, 2011.

OWEN, Francis. **The Germanic People: their origin, expansion and Culture.** USA: Ny: Bookman Associates, 1960.

PIMENTA, Pedro Paulo. Apresentação. In: HUME, David. **História da Inglaterra: da invasão de Júlio César à Revolução de 1688.** Tradução: Pedro Paulo Pimenta. 2. ed. São Paulo, Editora Vozes, 2014, p. VII-XXII.

POLLINGTON, Stephen. **The English Warrior from earliest times to 1066.** UK: Anglo-Saxon Books, 1996.

_____. **The Meadhall – The Feasting Tradition in Anglo-Saxon England.** Uk: Anglo-Saxon Books, 2010.

_____. The mead-hall community. In: _____. **Journal of Medieval History vol. 37,** UK: Essex, Elsevier, 2010, p. 19-33.

_____. Fighting and feasting in Anglo-Saxon Society: The Mead-hall. In: **Medieval Warfare, vol II – issue 5**. US: Karwansaray Publishers, 2011, p. 47-52.

PRENSKY, Marc. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. In: _____. **On the Horizon**: NCB University Press, Vol 9. No. 5, Out. 2001. Trad. Roberta de Moraes Jesus de Souza, 2001. Disponível em: https://colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf.

PROST Antoine. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Brasil, UNICAMP, 2007.

SANDERS, Andrew, **História da Literatura Inglesa**. Lisboa: Editora Verbo, 2005.

SCHÜTTE, Gudmund, **The geats of Beowulf**, The Journal of English and Germanic Philology, Vol. 11, No. 4, 1912.

SILVA, Marcelo Candido da. **História Medieval**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

STENTON, Frank Merry. Anglo-Saxin England. UK: Oxford University Press on Demand, 1971.

STONE, Lawrence. The revival of narrative: reflections on a new old history. **Past & Present**, n. 85, p. 3-24, 1979.

TOLKIEN, J. R. R. The monsters and the Critics, 1936. In: _____. HEANEY, Seamus; DONOGHEY, Daniel. **BEOWULF: A Verse Translation: authoritative text, contexts and criticisms**. New York: W. W. Norton & Company, A Norton Critical Edition 2° Edition, 2019.

YORKE, Barbara. **Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England**. UK: Taylor & Francis e-Library, 2003.

WATSON, Nicholas. Theories of Translation. In: _____. ELLIS, Roger. **The Oxford History of Literary Translation in English**. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 71-92.

WILSON, David M. **The Vikings and their Origins**, UK: Nationwide Book Service, 1980.

WHITLOCK, Ralph. **The Warrior Kings of Saxon England**. USA: Dorsert Press, 1991.

WHITELOCK, Dorothy. **English Historical Documents: Vol I. c. 500-1042.** London: EYRE & SPOTTISWOODE, 1968.

_____. The pre-Viking age church in East Anglia. In: _____. CLEMEOS, Peter. **Anglo-Saxon England.** UK: Cambridge University Press, p. 1-22, 1972.

_____. **The Audience of Beowulf. 2° Ed.** UK: Cambridge University Press, 1964.

_____. **The beginning of English Society.** UK: Penguin Books, 1962.

WHITE, Hayden V. **Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX** Vol. 04. Brasil, Edusp, 1992.

WORMALD, Patrick. The Uses of Literacy in Anglo-Saxon England and Its Neighbours. **Transactions of the Royal Historical Society.** Cambridge University Press - Vol. 27, pp. 95-114, 1997.

_____. **The Times of Bede: Studies In Early English Christian Society And Its Historian.** UK: Blackwell Publishing Ltd, 2006.

ANEXO

Infográfico do Comportamento Marcial da Sociedade Anglo-Saxônica do século VIII

